



## corpus da investigação

# OS LIVROS E AS CRIANÇAS

Como já dissemos, a realização de uma pesquisa de campo busca avaliar a interação entre o leitor (criança pré-escolar) e o objeto (livro sem texto). Também serve de ferramenta de análise dos livros selecionados.

Este processo nos capacita ainda a perceber a mais valia dos livros sem texto para um grupo contextualizado de crianças pré-escolares.

Em se tratando de uma investigação qualitativa, sabemos que os dados encontrados são específicos ao grupo pesquisado, porém podem e devem abrir caminho para questões mais alargadas nas áreas da literatura infantil, comunicação visual e design, bem como em outras áreas de estudos da criança.

A delimitação do campo de pesquisa partiu da opção metodológica de realizar uma *pesquisa qualitativa*, numa busca de pistas para uma área de estudos que vemos apenas começar. Assim, a escolha de pequenos grupos de crianças mostrou-se a opção mais eficiente.

Delineou-se a seguinte perspectiva: comparar primeiramente uma escola pública e uma escola privada dentro de uma cidade urbanizada e desenvolvida. Depois, confrontar as observações com o mesmo enfoque em outra cidade de porte parecido, mas com diferente localização geográfica e cultural. Encontraremos diferenças marcantes na leitura destes livros ou será o livro sem texto uma leitura de possível “universalização”?

## 1. PESQUISA DE CAMPO EM PORTUGAL

Vários procedimentos foram sistematizados para o trabalho em Portugal. Foram feitos contactos com escolas e instituições a fim de traçar o melhor perfil para o trabalho pretendido. Também foi necessário o planeamento dos métodos de abordagem das crianças, pais e educadores.

### 1.1. ESCOLHA DO CAMPO DE PESQUISA

A primeira fase da pesquisa de campo realizou-se em Oeiras, concelho da área metropolitana de Lisboa. Oeiras localiza-se entre Sintra, Cascais, Lisboa e Amadora, e é banhado pelo Rio Tejo por uma extensão aproximada de 9 Km.

É constituído por 10 freguesias – Algés, Barcarena, Carnaxide, Caxias, Cruz

Quebrada\ Dafundo, Linda-a-Velha, Oeiras e S. Julião da Barra, Paço de Arcos, Porto Salvo e Queijas. O último censo, de 2001, contou 162.128 habitantes no concelho.

Historicamente Oeiras manteve por muito tempo um carácter agrícola. Até há poucas décadas era marcadamente rural. Esta situação alterou-se significativamente nos últimos anos, principalmente pela localização privilegiada junto a Lisboa.

Essa nova realidade económica concretizou-se através da atração de empresas na área das novas tecnologias: disponibilização de espaços adequados à instalação de atividades exigentes em condições materiais e imateriais; captação de investimentos públicos e privados cuja garantia de retorno está, em grande parte, dependente de um ambiente de trabalho inovador e sustentável.

A política de habitação adotada na última década culminou na erradicação dos bairros degradados, cujo último desapareceu em 2003. A infra-estrutura apresentada pela maioria das freguesias é boa. A rede de escolas do sistema educativo local conta hoje com 123 escolas, desde o Jardim de Infância até ao Secundário, para além de 4 estabelecimentos de ensino superior. Destaca-se também a área da cultura, com a presença de museus, salas de teatro, bibliotecas bem estruturadas e programação cultural sazonal.

Como de antemão planeado, uma escola pública e uma escola particular foram selecionadas para a pesquisa, característica escolhida para futura comparação. Pertencem a freguesias diferentes do mesmo concelho – Oeiras.

Estas escolas foram contactadas e, por mostrarem interesse no projeto apresentado e possuírem atividades na área da leitura, foram escolhidas para o desenvolvimento da atividade.

Salientamos que não se apresentam grandes contrastes entre as escolas da região, podendo-se considerar que a escola pública atinge uma população média economicamente falando e a escola privada atinge uma população mais abastada.

### 1.1.1. Escola pública

A escola pública onde a pesquisa aconteceu é relativamente nova, data de 2003 e conta com um prédio de porte médio, bem estruturado, com refeitório (amplo, também usado como ginásio), cozinha, parque, pátio coberto, quadra descoberta, biblioteca, secretaria, casas de banho e quatro salas amplas, arejadas, com saída direta para as áreas externas. Em cada sala existem diversos ambientes, como espaços com brinquedos bem escolhidos, cenários (mercearia, casinha, oficina, etc.), canto de leitura (com estante de livros, almofadas ou pequenos sofás), computador, mesas multiuso e pia. Em cada uma agrupa-se um número médio de 22 crianças entre os 3 (geralmente muito poucas, pois as vagas são preenchidas em ordem decrescente de idade) e os 6 anos, turmas mistas, portanto. Esta configuração de sala nos faz lembrar as indicações feitas por Gardner e colegas (2001) nos registros sobre o Projeto *Spectrum*, já citado, configuração esta vista como muito positiva para o desenvolvimento das inteligências infantis. Cada sala conta com uma educadora e uma auxiliar.

O projeto pedagógico utilizado pelas educadoras baseia-se em diretrizes maiores, primeiramente nacionais, posteriormente cerceadas por projetos locais (agrupamento). O projeto apresentado pela escola pública abrangida na pesquisa propõe uma centralização nos interesses da criança, da família e da sociedade. O papel do educador fixa-se em criar um ambiente educativo apropriado, bem como estratégias pedagógicas que aproveitem a pré-disposição da criança em aprender. Não explicitam-se diretrizes únicas de trabalho ou pressupostos dominantes, mas o projeto parece-nos contemplar várias metodologias, centradas em princípios norteadores e no desenvolvimento prático de projetos.

Seguem alguns trechos de um dos projetos de sala da escola.

“O Projecto Curricular de Grupo pretende tornar consistente toda a prática pedagógica, respeitando as especificidades de cada criança e gerando aprendizagens significativas, que sejam precursoras das aprendizagens futuras (...).

A prática de gestão curricular tem de ser indutora da qualidade da educação pela qual nos debatemos, pelo que só poderá ser consistente se articular com o Projecto Educativo e o Projecto Curricular do Agrupamento e favorecer o desenvolvimento de competências na criança, sujeito de todo o processo educativo. A prática diferenciada permite abordar cada criança diferenciadamente não deixando de simultaneamente se beneficiar do processo educativo desenvolvido em grupo.

Não pretendemos seguir uma metodologia de referência, mas adequar um processo didático que traga mais valia ao grupo de crianças e a cada uma per si, respeitando a diversidade das crianças, as suas dificuldades, as suas capacidades e os seus anseios. (...)

Para atingir os objectivos, vamos utilizar uma metodologia que assente: no autocontrolo, estabelecendo regras claras e justas, que contribuam para um clima de segurança e de confiança; na auto-estima, valorizando e reforçando as emoções positivas e a importância de gostar de si próprios; na solidariedade, favorecendo a aceitação da diferença; e na valorização do esforço e da participação.

Todo o trabalho pedagógico se centrará na preparação das crianças para adquirirem competências nos diversos domínios das três grandes Áreas Curriculares: Área de Formação Pessoal e Social; Área da Comunicação e das Expressões e Área do Conhecimento do Mundo.”

Tais objetivos são trabalhados mediante projetos diversos que são desenvolvidos ao longo do ano letivo, contemplando as diversas áreas citadas. Incluem-se, além das atividades na escola, passeios, visitas a museus, teatros, bibliotecas, centros de ciências, entre outros.

As crianças permanecem na escola das 9 às 15 horas. Antes ou após este horário, as que necessitam são atendidas por uma equipe multidisciplinar para atividades extracurriculares.

### **1.1.2. Escola particular**

A escola particular envolvida no trabalho também é nova. O prédio foi concebido para o ambiente escolar e conta com um maior número de salas, uma vez que atende a uma faixa etária mais alargada, dos 4 meses aos 10 anos, ou seja, creche, pré -escola e primeiro ciclo. Além das salas de aula, administrativas e de atendimento (nutricionista, psicóloga e terapeuta da fala), conta com dois *playgrounds*, adequados a idades diferentes, cozinha, refeitório, ginásio e sala de informática. As salas são amplas e possuem também múltiplos ambientes.

Na data da pesquisa, os livros disponíveis para as crianças encontravam-se somente nas salas. Não havia biblioteca.

As duas turmas envolvidas na pesquisa eram mistas, com crianças entre os 3 e os 6 anos. Cada uma contava com uma professora e uma auxiliar.

O projeto pedagógico das classes contemplava, além do currículo, várias atividades extracurriculares, bem como algumas visitas de estudos. As duas salas envolvidas apresentavam projetos pedagógicos diferentes, onde cada educadora agiria com liberdade. Esclarece-se que Portugal possui um projeto norteador para a pré-escola, mas que permite muita mobilidade. Uma das diretivas curriculares citada por uma das

docentes foi o currículo do Movimento da Escola Moderna (MEM)<sup>59</sup>, que privilegia a participação dos alunos não só na execução, mas na elaboração dos projetos escolares.

Havia, na atividade diária, muitos momentos de conversa, troca de informações e registro de experiências, característicos desta diretiva. Já a outra docente valorizava em sua diretiva pedagógica as ações de autoconhecimento e cidadania, organizando suas ações por meio de projetos.

A escola oferecia aos alunos, além das atividades e projetos desenvolvidos dentro do currículo estabelecido, atividades extracurriculares diversas, em áreas como línguas, música, desporto e artes.

## **1.2. AS CRIANÇAS PARTICIPANTES**

Com a devida autorização dos órgãos competentes (no caso da escola pública, o conselho executivo do agrupamento, e da escola particular, a direção), passamos à escolha das crianças, que contou com a ajuda da coordenadora da escola pública e das professoras da escola particular.

Como já dito de forma resumida, as crianças foram escolhidas prioritariamente pela idade e sexo. Solicitamos crianças com os anos completos: 3, 4, 5 e 6 anos, cinco crianças de cada idade, e um número equilibrado de meninos e meninas. As crianças deveriam ser portuguesas, bem adaptadas e que não apresentassem qualquer desvio grave de comportamento ou aprendizagem, seja um desenvolvimento inferior ou superior ao normal.

No caso do infantário, uma criança a mais de cada idade foi selecionada para que um grupo de estudo piloto fosse realizado. Também nesta escola um problema posterior foi apresentado: com algumas mudanças ocorridas entre os contatos, escolhas e desenvolvimento das atividades, passamos a contar com um número insuficiente de crianças com 3 anos de idade. Somente uma participou da filmagem piloto. Assim, não houve turma com 3 anos nesta escola. Ainda houve um pequeno desequilíbrio entre o número de meninos e meninas (um menino a mais) na turma de 6 anos, por haver poucas crianças desta idade na escola, uma vez que as mesmas mudam de estabelecimento quando vão para o primeiro ciclo.

Como cada grupo foi formado por 5 crianças, o número de meninos e meninas foi equilibrado da seguinte forma: se em um grupo tinha 3 meninos e 2 meninas, na próxima

---

<sup>59</sup> Movimento que reúne desde a década de 60 professores de todo o país (Portugal), organizados em cooperativas, que visam uma troca de experiências e estabelecimento de diretivas pedagógicas comuns. Originalmente influenciou-se pelos trabalhos do pedagogo francês Freinet, contando também com outras influências a partir da década de oitenta, destacando-se o sócio-interacionismo de Vygotsky.

faixa etária incluíam-se 3 meninas e 2 meninos, e assim sucessivamente, obtendo-se equilíbrio no grupo total de crianças. Resumindo, contou-se com:

#### ESCOLA PÚBLICA

idades	meninos	meninas
3 anos	0	0
4 anos	2	3
5 anos	3	2
6 anos	3	2
total	8	7

#### ESCOLA PARTICULAR

idades	meninos	meninas
3 anos	3	2
4 anos	3	2
5 anos	2	3
6 anos	2	3
total	10	10

Para registro, contou-se ainda com um grupo “piloto”, para definição das diretrizes de trabalho, assim configurado:

#### GRUPO PILOTO (ESCOLA PÚBLICA)

idades	meninos	meninas
3 anos	1	0
4 anos	2	0
5 anos	0	1
6 anos	0	1
total	3	2

Após o estudo do grupo piloto, surgiu-nos a idéia de ampliar as possibilidades de observação das crianças. Pensou-se então em observá-las, ainda que rapidamente e de forma complementar, em sala de aula, junto aos colegas e professores. Inevitavelmente observaríamos também outras crianças da sala, bem como os educadores das crianças a trabalhar com um livro sem texto.

Quanto aos grupos de cinco, as filmagens definitivas realizaram-se no mês de junho de 2007.

### **1.3. QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS**

Realizamos a aplicação de questionários e entrevistas para enriquecer o nosso conhecimento do universo pesquisado. Esse universo centrava-se nas crianças, que apresentavam uma vivência diária em dois ambientes principais: no seio da família e na escola. Foram estes os alvos desta fase da investigação, quando procuramos conhecer um pouco mais das realidades e dos hábitos das crianças.

#### **1.3.1. Crianças**

Depois da escolha das crianças, os pais ou encarregados de educação foram informados sobre o projeto e a eles foi solicitada a devida autorização de participação, bem como o preenchimento de um questionário para um levantamento de dados sobre as atividades diárias da criança e sua relação com livros fora do ambiente escolar (consultar primeiro e segundo anexos, a partir da página 431).

O retorno dos questionários preenchidos pelos pais das crianças não atingiu a totalidade. Tivemos um retorno de 85 por cento na escola pública (17 questionários de 20) e 70 por cento na escola particular (14 questionários de 20). Assim, não usaremos esses dados de forma quantitativa. Apresentaremos comentários gerais sobre tais resultados, destacando os fatores relevantes.

Dos questionários respondidos, a maioria era de meninos na escola pública (10 de 17 questionários) e, na escola privada, a maior parte era de meninas (8 de 14 questionários).

Na escola pública, a maioria das crianças vivia com ambos os pais, sendo que menos da metade tinha irmãos (eram 10 os filhos únicos). Apesar de não viverem com a grande maioria das crianças, a presença dos avós nos cuidados diários com elas era de 35 por cento.

Na escola particular o resultado foi parecido. Quase todos viviam com ambos os pais, porém o número crianças com irmãos, em proporcionalidade, cresceu para quase 65 por cento delas.

Na escola pública, os pais possuíam, em pequena maioria, o segundo grau completo, sendo que, dos demais, 30 por cento tinham nível superior de escolaridade. As habilitações das mães eram um pouco melhor, sendo que 40 por cento possuía formação de nível superior. As profissões listadas eram bem variadas. Não houve um preenchimento diligente destes itens, com muitas não-respostas.

Nos itens relacionados à formação dos pais e mães, as diferenças da escola particular são relevantes. A grande maioria dos pais apresentava formação superior (12 de 14 respostas), sendo que dois destes possuíam ainda pós-graduação. Quanto às mães, apesar de um número um pouco mais baixo, ainda encontramos uma grande maioria com curso superior (10 de 14), com duas pós-graduações incluídas nesse número. O tipo de profissão exercida era variado, com grande número de questionários sem resposta. Porém, percebeu-se uma relação maior entre formação – profissão do que na escola pública.

Na escola pública, as horas de trabalho de pai e mãe concentravam-se em até 8 horas por dia, sendo que entre os pais havia um bom número que trabalhava mais que isso (35 por cento).

Na escola privada, um número maior de pais trabalhava mais de 8 horas por dia, enquanto as mães concentravam-se nos horários de 6 a 8 horas por dia.

A presença dos avós nos cuidados com as crianças foi proporcional ao da escola pública, já apresentado. Apenas uma das crianças contava com cuidado de profissional em casa. Essas crianças passavam um maior tempo na escola (11 crianças ficavam mais de 6 horas por dia) que as da escola pública, onde equilibrava-se o número daquelas que faziam o horário escolar normal (5 horas por dia) e aquelas que faziam o horário integral, que engloba o ensino normal mais o tempo prorrogado pelas A.E.C. (atividades de enriquecimento curricular).

Na escola pública, todas as crianças assistiam televisão diariamente, a maioria tinha acesso a computadores e jogos, sempre com um período diário equilibrado, que crescia aos finais de semana. O tempo gasto com brinquedos era maior durante a semana. Uma maioria também passeava ou praticava desporto, porém num horário diário sempre reduzido, que crescia aos finais de semana. As atividades extracurriculares não eram comuns, porém estavam incluídas para os freqüentadores das A.E.C. (inglês, educação física, música).

Na escola privada, os resultados diferiram pouco. A atividade que apresentava um maior tempo diário eram com os brinquedos. A maioria também praticava outras atividades extracurriculares (além das já oferecidas pela escola), passeios e desporto diários, porém em tempo muito reduzido. A televisão pareceu-nos ser usada com moderação nos dias da semana, como também os computadores, acessíveis a apenas metade das crianças, tanto nos dias da semana, quanto aos finais dela. Nos finais de semana cresciam também os tempos gastos com os brinquedos e o dedicado a atividades ao ar livre e passeios.



Em casa das crianças da escola pública, a grande maioria tinha contato com livros mais de 3 vezes na semana. Apenas uma criança não tinha esse contato (foi um caso particular de uma criança que vivia apenas com os avós e que não lia em casa. Seu comportamento era bem mais agitado).

Na escola particular, uma das 14 crianças respondentes não tinha contato com livros em casa. Das demais, a maioria o tinha mais de 5 vezes por semana, ou seja, diariamente.

Na escola pública, quase todas as crianças viam livros na companhia dos pais. A leitura “na hora de dormir” foi citada como um hábito em vários questionários. Das demais observações feitas pelos pais, nenhuma outra foi relevante.

Na escola particular, quase todas as crianças também viam livros com os pais ou sozinhas. As observações apresentadas quanto aos gostos das crianças foram poucas, destacando-se que os tipos de livros preferidos apresentaram-se de forma muito variada, sem uma repetição.

### **1.3.2. Docentes**

Na oportunidade, os professores responsáveis pelas salas de aula das crianças participantes também foram entrevistados. Usou-se a técnica da *entrevista estruturada*, onde a investigadora preenchia um questionário desenvolvido para tal, conforme as respostas obtidas. Outras informações ou questões pertinentes fornecidas pelo entrevistado também eram anotadas. A entrevista consistiu basicamente em coletar dados sobre as atividades da criança em sala de aula e sua relação com livros no ambiente escolar, bem como levantar a opinião e experiência dos professores sobre os livros infantis com e sem texto (ver terceiro anexo).

Deste contato, feito efetivamente com todos os educadores responsáveis pelas crianças, pudemos também perceber um perfil dos professores que atuavam diretamente na formação das mesmas.

As entrevistas realizadas com os professores portugueses - apesar de um número pequeno de docentes envolvidos (seis educadoras) - foram muito enriquecedoras para a investigação. O momento da entrevista foi completado pela *Atividade 2*, que nos permitiu perceber ainda mais as realidades que envolviam as crianças pesquisadas em contexto de sala de aula.

Na escola pública, encontramos docentes com longos anos de experiência. No total, participaram as quatro educadoras de infância que atuavam na escola, dirigindo quatro salas de aula. Algumas estavam prestes a reformar-se. Possuíam entre 27 e 33 anos de carreira docente. Todas, porém, estavam a pouco tempo na escola, por ser este um estabelecimento novo. O tempo de casa variou entre 1 e 4 anos, à frente de salas com um número que variou de 20 a 25 crianças. Todas trabalhavam com uma auxiliar de sala.

Destas educadoras, duas delas possuíam, além da formação superior, especialização em educação especial e, pelo menos três delas, experiências administrativas.

Essas educadoras passavam 5 horas por dia com as crianças, que permaneciam na escola por, no mínimo, 6 horas. Algumas horas semanais eram dedicadas a reuniões, planejamentos, atendimentos aos pais, entre outros.

Inquirimos as docentes com relação ao dia a dia das crianças na escola.

As crianças passavam até 4 horas (às vezes até 5 horas) de seu dia escolar - de 6 horas - dentro das salas de aula. De uma a duas horas eram usadas nos espaços externos e até uma hora para refeições. Assim, a sala de aula era o ambiente onde as crianças desenvolviam a maciça maioria das atividades escolares.

Todas as docentes disponibilizavam livros diariamente às crianças no espaço das salas, todas com prateleiras com livros e ambiente de leitura. Na pequena, mas aconchegante, biblioteca da escola (uma sala de leitura), os pequenos também acessavam outros livros, de uma a duas vezes na semana. Além da leitura individualizada, todas as docentes desenvolviam leitura coletiva e contavam histórias para as crianças como parte das rotinas diárias. Essas atividades duravam até uma hora. Todas as educadoras, com exceção de uma (visivelmente mais exigente e atualizada) manifestaram serem os livros das salas e da biblioteca suficientes e com boa qualidade, na sua maioria. A renovação de livros nesses espaços ocorria com periodicidade anual.

Quando nos aprofundamos nas opiniões das professoras sobre os livros infantis, passamos a ter menos uniformidade entre as respostas encontradas.

Investigamos quais os critérios que estas profissionais usavam para avaliar um livro infantil. A maior parte das docentes achava que uma boa história é o elemento mais importante de um livro. Depois dividiam suas opiniões. Algumas privilegiavam a imagem, outras, de maneira equilibrada, o texto. A capa não foi considerada importante para a maioria, enquanto a qualidade gráfica e o potencial do livro para desenvolver outras atividades dividiram as opiniões quanto ao grau de importância. Mesmo assim, as docentes consideraram todos os itens listados como relevantes na hora de se escolher um livro infantil.

No geral, a maioria igualava a importância dos conteúdos de texto e de imagem nos livros. Apenas uma educadora considerou o conteúdo não verbal como mais importante para os pré-escolares, que, afinal, ainda não estão alfabetizados.

Também não houve uma opinião dominante quando perguntamos sobre as características das ilustrações preferidas nos livros. Houve um equilíbrio, onde metade das docentes preferia ilustrações realistas, e a outra metade, as imagens mais estilizadas ou caricatas. Metade também preferia ilustrações que fossem literais ao texto, enquanto a outra, ilustrações com elementos que iam além do texto. Metade também preferiu as

que utilizavam técnicas convencionais de ilustração, e a outra metade, técnicas mais inovadoras.

Quando as docentes deram opinião quanto às preferências infantis, o quadro se modificou um pouco. A maioria acreditava que as crianças gostavam das ilustrações mais realistas (apenas uma achou que gostavam das mais estilizadas) e também daquelas literais ao texto. Quanto às técnicas preferidas, as opiniões dividiram-se igualmente.

Todas as docentes manifestaram ser o design do livro infantil muito importante.

As quatro docentes estavam envolvidas no projeto para leitura desenvolvido na escola. O projeto apresentava muitas propostas relativas à leitura. Mas a aplicação em sala de aula diferia-se um pouco. Entre as atividades executadas por todas estavam a leitura e a exploração de textos em sala, leitura e produção de poesias para exposição externa, visitas à feira do livro, a outras bibliotecas, programações com contadores de história, autores, autores e ilustradores. O envio de livros semanais para a casa das crianças como empréstimo era adotado por três das quatro professoras. Uma manifestou a produção de banda desenhada, e outra, a produção de livros (textos coletivos, criados e ilustrados pelas crianças, posteriormente montados, copiados e distribuídos para alunos e pais). Citaram ainda o uso de fantoches e dramatização.

Quando inquiridas se já haviam usado livros sem texto, houve manifestação afirmativa por parte de todas. As experiências resultaram em opiniões bem positivas, na grande maioria. Dentro dos relatos, duas destacam que o livro sem texto possibilita contar várias histórias com um único livro. A maioria opinou que estes livros aumentam a criatividade e a participação das crianças. Uma docente destacou que eram sempre livros muito bem cuidados graficamente, que eram especiais. Apesar do entusiasmo, o uso dos livros sem texto era raro, ou pela falta evidente de opções, ou pela necessidade de uma preparação docente diferenciada. Apenas uma docente do grupo não apresentou entusiasmo quanto ao uso de livros sem texto, relatando que eram, no geral, livros simples e que ela os havia utilizado com crianças menores de três anos.

Foram duas as entrevistas realizadas com professoras da escola particular, pois a pesquisa envolveu crianças de duas salas diferentes. Uma das docentes já lecionava há 13 anos e a outra há 6, e estavam naquela escola há 4 e 5 anos, respectivamente. As duas possuíam a mesma formação de nível superior. As salas tinham de 22 a 25 crianças e uma auxiliar.

O tempo de trabalho das educadoras era de aproximadamente 7 horas por dia, sendo este o tempo das crianças na escola. Essas educadoras passavam aproximadamente 5 horas por dia com as crianças em sala de aula, sendo o tempo restante usado para atividades ao ar livre e refeições.

Todas as docentes disponibilizavam livros diariamente às crianças nas salas de aula, que possuíam uma espécie de estante com alguns livros. Os livros podiam ser vistos de diferentes maneiras, em leitura individual ou coletiva, ou acompanhada pelas professoras. Enquanto uma das professoras achava os livros de sua sala suficientes e bons

em sua maioria, a outra os via como insuficientes e regulares em qualidade. Não havia um programa regular para renovação dos livros.

Na altura da investigação de campo, a escola não tinha uma biblioteca acessível aos alunos. Apenas ao professor disponibilizavam-se alguns livros para uso com a sala ou para pesquisa.

Ao aprofundarmo-nos nas opiniões das professoras sobre os livros infantis, constatamos opiniões próximas quanto aos parâmetros de escolha de um livro. Ambas privilegiavam a boa ilustração e a boa história como principais elementos de escolha de um material dessa natureza. Seguiu-se a boa qualidade gráfica, a capa, a potencialidade do livro, com ligeiras mudanças de ordem. Para ambas, o texto literalmente escrito no livro era o menos importante dos itens, uma vez que as crianças ainda não eram alfabetizadas e o texto poderia ser mudado a qualquer tempo.

Uma delas igualou a importância dos conteúdos de texto (entendido com a história narrada) e das imagens nos livros. Para a outra, a imagem se sobressaía.

Houve um equilíbrio quando perguntamos sobre as características das ilustrações preferidas nos livros. As opiniões diferiram apenas entre as imagens realistas e as caricaturadas. Os outros itens apresentados tiveram a mesma escolha: preferiam as imagens que iam além dos textos e as técnicas mais inovadoras de ilustração.

Quando as docentes deram opinião sobre o que percebiam das preferências infantis, se posicionaram de forma diversa. Para uma delas, as crianças preferiam os livros convencionais, com imagens realistas, literais ao texto e técnicas de ilustrações tradicionais. Justificou sua opinião como uma forte influência do gosto dos pais nas preferências infantis. A outra docente observou que as crianças com as quais contactava gostavam também das ilustrações mais realistas, porém preferiam àquelas que iam além do texto e que apresentavam técnicas inovadoras de ilustração.

Ambas consideravam o design do livro como um elemento muito importante do mesmo.

Quanto aos projetos de leitura oferecidos pelas salas ou pela escola, constatou-se a inexistência de um projeto claro no período. As iniciativas eram individuais. Uma das docentes privilegiava a leitura e o “contar histórias” como uma atividade diária. A outra docente reservava um dia especial da semana para a leitura e também envolvia outras atividades neste momento (teatro, atividades plásticas, etc.).

As duas educadoras declararam já terem utilizado livros sem texto em sala de aula. Uma delas manifestou que estas histórias eram mais ricas, possibilitavam uma leitura diversa com o mesmo livro. A docente tinha o hábito de escrever as histórias geradas pelos alunos diante de livros sem texto e de imagens (ilustrações, obras de artes plásticas, etc).

A outra docente salientou que os livros sem texto aumentavam a imaginação das crianças, mas causavam estranhamento a princípio, pois elas logo notavam a ausência de letras. Salientou que esse tipo de material exigia mais preparo do professor.

## 1.4. A INTERAÇÃO CRIANÇA-LIVRO SEM TEXTO: ATIVIDADE 1

Como rapidamente explanado, o contato das crianças com os livros sem texto aconteceu em dois momentos.

Consideramos como principal o primeiro, feito em grupos pequenos de crianças, a que chamamos *Atividade 1*.

A formação dos grupos de crianças para esta atividade já foi descrito no item 4.1.2, com cinco crianças por grupo, número equivalente aos livros selecionados e equilíbrio entre o número de meninos e meninas.

Delimitaram-se também outras estratégias de trabalho a partir do “grupo piloto” experimentado de antemão, a saber:

- *filmagem* da atividade como forma de registro. Constatou-se que a presença de uma câmera de filmagens não interferia no andamento da atividade. As crianças eram informadas da presença da câmera, a princípio riam pra ela, faziam algum tipo de “graça”. Mas logo lhe esqueciam. Num mundo tecnológico, onde há câmeras, computadores e televisores em praticamente todos os ambientes que adentramos, as crianças já não se alteram na presença dos mesmos;
- *uso de um espaço conhecido* das crianças, em ambiente escolar, para desenvolvimento de atividades. A escolha de um ambiente familiar visou um maior conforto para as crianças, evitando que se sentissem de alguma maneira inseguras, uma vez que a observadora por si só já era uma pessoa estranha a elas;
- *ausência de professores* nas atividades com os grupos pequenos. Mesmo tendo na pesquisadora alguém estranho, a presença de qualquer professor ou auxiliar certamente influenciaria as crianças, de forma que poderiam buscar agradá-las em suas colocações e opiniões, ou ainda querer apoiar-se nestas pessoas conhecidas, não desenvolvendo suas capacidades por completo;
- *tempo de atividade entre 40 e 60 minutos*, dependendo da turma. Um tempo menor seria insuficiente, e um maior, excessivo. Mesmo assim, este tempo variou de acordo com a idade e disposição do grupo no dia determinado para a atividade.

A *Atividade 1*, principal, contou com dois momentos: *observação livre* dos livros por parte das crianças e *observação dirigida* por um observador (pesquisadora).

### 1.4.1. Observação livre

Na *observação livre*, o papel do investigador/observador consistiu em:

- receber as crianças na sala, deixando-as à vontade no espaço;
- explicar as atividades que se seguiriam de forma simples: as crianças eram colocadas como “ajudantes”, com a função de dar sua preciosa opinião sobre os livros;
- distribuir os livros entre elas. As crianças foram postas à vontade com os livros. Estavam livres para folhar, comentar, ver novamente se quisessem;
- coordenar a troca de livros;
- ajudar em algumas dificuldades motoras (ex: reorganizar os livros após leitura – páginas dobradas, livros “desmontados”, etc.);
- atender as crianças quando chamavam ou faziam comentários, que eram ouvidos e aceitos, sem nenhum direcionamento ou interferência no processo de leitura;
- estimular as crianças para que cada um dos livros fosse observado, mas sem forçá-las;
- promover a participação de todos, respeitando, porém, a vontade das crianças.

#### **1.4.2. Observação dirigida**

Ao final desse período, passamos à *observação dirigida*, onde cada livro foi visto juntamente com a investigadora, que cumpriu o seguinte papel:

- mostrar livro a livro para as crianças;
- estimulá-las a participar de uma leitura coletiva do livro. Os estímulos variaram, devido ao interesse e participação demonstrados. Geraram narrativas, descrições e expressaram opiniões sobre o livro enquanto objeto;
- verificar as opiniões das crianças relativas aos diversos aspectos do objeto, fossem estéticos, fossem de conteúdo;
- promover a participação de todos, respeitando-lhes, porém, a vontade de falar.

As atividades seguiram um curso natural, não sendo rígida a ordem de exploração dos livros e o tempo, para que as crianças não fossem forçadas a nada ou se sentissem desestimuladas. Variou de turma para turma, principalmente pela também variada maturidade, disposição e interesses das turmas. Essas sessões de leitura foram filmadas e posteriormente analisadas.

## 1.5. DESCRITIVO RESUMIDO DA ATIVIDADE 1: ESCOLA PÚBLICA

Ao juntar as informações em cada turma, percebeu-se a importância de se ter uma visão da *Atividade 1* como um “todo” e não ver cada livro isolado na observação livre ou dirigida. Houve o desenvolvimento de um processo de leitura, que iniciou-se num primeiro contato com o livro e evoluiu para um momento de interação entre todos os presentes, incluindo-se a pesquisadora. Segue, assim, um resumo do ocorrido em cada grupo abordado em Portugal.

Os livros são citados por nome e foram detalhadamente analisados a partir da página 165 deste relatório. A ordem dos livros descrita em cada turma expressa a ordem vista na observação dirigida, permitindo uma visão seqüenciada do processo de leitura.

A observação livre foi cronometrada pela média entre os tempos que o livro ficou com cada criança. Já o tempo da observação dirigida representa o tempo total que a turma usou em cada livro. Lembramos que nesta escola apenas três turmas foram filmadas, pela ausência imprevista de crianças de três anos ao cabo das filmagens.



Figuras 418 e 419: observações livre e dirigida, respectivamente, realizadas em escola pública portuguesa.

### 1.5.1. Crianças de 4 anos

#### ▪ The Red Book

*Observação Livre:*

Média de tempo: 3m52s (muito variado – dos 45 segundos aos 9 minutos).

O livro chamou a atenção de alguns: três crianças teceram comentários sobre detalhes específicos do livro ou descreveram algumas ações das personagens. A seqüência narrativa é facilmente perdida pela distração. Alguns detalhes chamam mais a atenção: balões, livro escondido, livro a cair, menina a voar. A sobrecapa foi explorada apenas por uma criança.

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 5m25s.

Foi o primeiro livro a ser visto. Parece que a observação livre tinha cansado as crianças, houve um estranho desânimo, onde apenas algumas frases iniciais foram ditas. A princípio alguns se dispuseram a contar a história, dizendo ser isso possível. Porém, como os mais extrovertidos estavam dispersos, os mais tímidos não falaram. A investigadora folheou o livro quase até o final, sem nenhum comentário relevante.

#### ▪ **Astronino**

### *Observação Livre:*

Média de tempo: 1m52s.

O livro prendeu a atenção de maneira muito específica. Três crianças se interessaram, uma prendeu-se à ilustração e às linhas pontilhadas e outras duas perceberam também os detalhes de produção (colagens). Algumas crianças que tiveram uma segunda chance de ver o livro envolveram-se, descobriram o livro. É um livro de detalhes. A capa passou sempre despercebida. Presumimos que o tamanho do livro e a capa são pouco atrativos.

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 5m25s.

Este foi o segundo livro visto. As crianças ainda pareciam letárgicas, desanimadas, como no primeiro livro. Houve um pouco mais de participação, mas ainda foi pouca. As crianças mais extrovertidas distraíam as outras, sendo que algumas destas estavam a gostar do livro. O relevo foi percebido por todos, um incentivando o outro, bem como o desenho gerado pelas linhas pontilhadas. Do mais, nada se destacou na narração, a não ser a dificuldade em descrever algumas situações e a forma de contornar essas dificuldades encontradas pelas crianças. Ilustramos isso com partes dos diálogos estabelecidos:



*“Observador:* O que aconteceu com o senhor?

*André:* foi pra aqui... foi pra festa...

*Iris:* misturaram o senhor...

*André:* misturaram os balões (são as pingas)

*Observador:* Acha que é uma festa? (para Ana)

*Ana:* sim”

**Figura 420:** página do livro Astronino comentada pelas crianças acima.



- **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 4m33s.

Foi um livro que prendeu a atenção das crianças, permanecendo mais tempo com cada uma. Uma chamava a atenção da outra, algumas sentiam a necessidade de compartilhar, ver em conjunto. Houve comentários por parte da maioria (três delas). As crianças desta idade prenderam-se às figuras de página tripla, já aberta. O tamanho do livro atrai, quase todas perceberam a abertura das páginas, porém algumas tiveram dificuldades em manipular o livro, principalmente no começo, até descobrir como a página funcionava.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m50s.

A observação individual deste livro acabou por acontecer naturalmente de forma “coletiva” (duplas, trios). O livro foi muito comentado, gerou narrações breves e muita diversão. Já neste segundo momento o mesmo não ocorreu. Foi o terceiro livro visto. Eles estavam mais animados que nos anteriores, mais ainda cansados e dispersos.

As crianças não consideraram Oh! um livro de história, mas acharam-no engraçado e gostaram muito dos animais ilustrados em suas páginas.

- **O Balãozinho Vermelho**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 3m32s.

O livro atraiu a maioria. Os comentários vieram das crianças que já demonstraram tendência a isso. O centro da observação foi o trajeto da figura vermelha, marcante. As linhas pretas passaram despercebidas pela maioria, sendo notadas quando ligadas à figura vermelha (linha do balão, antenas...) ajudando na sua identificação. A personagem humana do livro, em preto, também passou despercebida. Uma das crianças desinteressou-se totalmente pelo livro.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2m30s.

O ânimo das crianças reaparece nesse livro, o quarto visto. Ficaram atentas e todos participaram. Não houve, porém, nenhuma mudança do foco principal, que concentrou-se na figura vermelha a transformar-se. As transformações foram descritas com algumas

controvérsias, mas todos verificaram o processo balão-maçã-borboleta-flor-chapéu-de-chuva. As crianças nessa idade ainda manifestam erros ao pronunciar algumas palavras, como “boboeta”. Prendem-se a comparações de tamanho e outros processos de aprendizagem que se evidenciam nessa fase. Seguem-se algumas frases, iniciadas com a identificação da figura vermelha:

“*Ana e André*: uma pastilha...  
*Ana* sopra no ar...  
*Ana*: primeiro fica pequenina...  
*Observador*: E depois? (vira a página)  
*Ana e André*: Fica grande!  
Matilde desenha círculos na mesa com os dedinhos.  
Observador vira a página.  
(...)  
*Matilde*: vai crescer...  
*André*: uma flor...  
Vai crescer?  
*André*: e agora vai crescer outra vez...  
*Iris*: agora está bonita...  
Observador vira a página.  
*André*: agora é um chapéu de chuva  
*Ana*: está grande...  
*Iris*: como é que tu sabias... do chapéu de chuva  
*Ana* sorri muito...  
Observador vira a página.  
*André*: um chapéu de chuva...  
*Iris*: um chapéu de chuva ainda mais grande  
*Ana*: mais grande...  
*Bernardo*: ainda mais grande...  
*Iris*: médio...”

#### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre*:

Média de tempo: 2m44s.

As primeiras páginas prenderam a atenção, houve um “estranhamento”, que levou a testes, para verificar o “funcionamento” das páginas. As crianças apresentaram um pouco de dificuldades com a abertura de algumas páginas, pensamos que pelo feitio artesanal do mesmo, com folhas mais grossas e coladas. O livro explora muito a coordenação motora das crianças nessa idade.

Duas crianças foram induzidas pelas formas a desenhar com o dedinho. Parece que a forma tem forte apelo. As abas foram em sua maioria percebidas e manipuladas. Apenas uma criança envolveu-se realmente com esse livro e teceu comentários.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m50s.

Foi o último livro visto em conjunto e teve um bom envolvimento por parte das crianças, quase até a última página. Destacaram-se alguns aspectos: primeiro, a forma, depois, a textura. Houve uma grande valorização da relação tátil com o livro, todos destacaram as qualidades táteis das páginas. Uma das crianças também fez muitas comparações entre as figuras abstratas do livro e objetos e situações reais. Alguns momentos:

*“Observador:* dá pra contar histórias com esse livro, Matilde?

Matilde faz que “não” com a cabeça...

(...)

*Matilde:* é pra ver...

*Observador:* E que mais?

*Ana:* mexer...

*Iris:* mexer e ver as “fórmulas”...

*André:* um triângulo...

*Iris:* um quadrado

André quer tocar...

*Iris:* triângulo ou quadrado... parece uma janela

(...)

Observador vira a página.

*Iris:* é um barco...

André passa a mão no quadrado vermelho.

*Observador:* gostam de passar a mão?

Todos passam as mãozinhas na página.

*Observador:* gostam... por que?

*Ana:* é macio...

Viro

*André:* esse é liso... (passa mão sobre contorno amarelo do círculo)

André manipula os círculos...

(...)

*Iris* (abre as abas): Fica um papagaio de papel...

André e Ana também tocam.

(...)

Todos tocam na página e nas mãozinhas uns dos outros....

*Observador:* pode virar?

Observador vira a página.

Iris e Matilde logo abrem as abas.

*Iris*: está fofo...

Passa-se o livro para todos, que querem tocar nas abas coloridas da página.

*Observador*: Porque gostaram de passar a mão aí? É diferente?

Passam a mão e riem... imitam os movimentos uns dos outros.

(...)

*Iris e André*: está fofinho.

*Ana*: está quentinho..."

#### ▪ **Tempo de atividade**

Observações Livres: 25m30s.

Observações Dirigidas: 23m20s.

Tempo total de atividade: 54m30s.

#### ▪ **Livros preferidos ao final da atividade**

Os "livros preferidos" pelas crianças foram sendo manifestos ao longo da atividade. Consideramos aqueles citados ao final. As crianças poderiam escolher com liberdade, incluindo mais de um livro, todos ou nenhum.

*Livro Vermelho*: uma menina.

*Astronino*: uma menina.

*Oh!*: duas crianças (um menino e uma menina).

*Todos*: um menino.

#### ▪ **Observações gerais**

Os três primeiros livros da observação dirigida não despertaram interesse. (The Red Book, Astronino, Oh!). As crianças distraíram-se totalmente umas com as outras, ficaram caladas, desinteressadas. Foi algo inesperado, uma vez que o livro que mais as empolgou, o Oh!, estava neste grupo. Foi algo coletivo.

O interesse cresceu nos dois livros finais (Balãozinho Vermelho e Geométrico). No Balãozinho, elas participaram, inclusive verbalmente, na sua grande maioria. Somente um menino permaneceu calado o tempo todo nesta parte. No Livro Geométrico houve grande ânsia em tocar, por todas as crianças. Muitas falaram. Ouve grande influência de comportamentos e repetições de alguns gestos e opiniões.

As crianças não pareceram muito lineares, exceto aquela que claramente era a mais extrovertida (uma menina) – sempre irrequieta - e a que parecia a mais tímida (outra menina), sempre retraída. A participação na observação individual foi excelente, e na coletiva, “contraditória”.

### 1.5.2. Crianças de 5 anos

#### ▪ The Red Book

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m30s.

Quando visto de forma individual, o livro não causa entusiasmo. Houve atenção da parte de algumas crianças, mas não o suficiente para a apreensão de toda a história. Não suscitou comentários. A presença de outros livros acabou por apagá-lo numa observação individual.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 8m47s.

Foi o primeiro observado. As crianças pareceram gostar muito do livro nesta fase, diferentemente da observação individual. Ficaram atentas, mas nem todas falaram algo. Uma das meninas, notadamente a mais extrovertida, dominou a narrativa, ajudada por dois dos meninos. O terceiro ficou muito atento. Outra menina presente, sempre rindo, fazia gestos e aplaudia.

A história gerada foi bem descritiva, às vezes confusa. A identificação por gênero das personagens principais do livro (um menino e uma menina) não ficou clara, as crianças os confundiram. Por exemplo, o personagem da última página foi identificado como o “pai”. Houve uma interrogação quanto ao conteúdo do livro vermelho personificado na história, as crianças não conseguiram aprofundar-se nessa questão. O aprendizado dos valores grande/pequeno e perto/longe se manifestam como algo em evidência. Também os planetas, suscitados pelo “mapa” existente em uma das páginas, geraram muitas conversas e troca de informações entre eles, devido a uma visita de estudos que haviam feito recentemente. Alguns momentos que ilustram estas observações:

*Francisca:* o menino está a ler um livro...

*Alexandre:* com planetas.

*Francisca:* isso é um planeta (aponta mapa menor). É o planeta Terra.

*Observador:* sim?

Diogo acena com a cabeça que sim.

*Francisca*: eu sou... do planeta... ali.  
(há na sala uma “Terra” e um “Saturno” infláveis pregados no teto)  
*Francisco*: eu sou de Saturno.  
*Ana*: eu também...  
*Francisca*: Saturno é aquele... (mostra o inflável).  
*Francisca*: Planeta Terra é de Portugal.  
*Observador*: Portugal é do planeta Terra...  
*Alexandre*: eu sou do planeta Terra.”

#### ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre*:

Média de tempo: 1m27s.

A maior parte das crianças não demonstrou muito entusiasmo pelo livro. No entanto, ele foi visto por todas, até o final. Algumas viram-no com bastante atenção e teceram comentários.

*Observação Dirigida*:

Tempo: 3m35s.

Não houve elemento novo na narração gerada. A figura vermelha é descrita em seu processo de transformação, visto de maneira um pouco diferente por cada criança, num explícito processo individual de percepção. Ela é o centro. Só percebem algo mais (pés da personagem humana) na última página. Na leitura coletiva tentaram lembrar o primeiro contato com o livro e antecipar as figuras da transformação. Foi uma segunda leitura, afinal.

*“Francisca e Ana*: uma maçã!

Viram a página. A maçã aparece em vista parcial na página.

*Francisca*: agora uma maçã pequena...

*Francisco*: agora vai ser uma borboleta!

*Francisca*: agora que é uma borboleta.

Viram a página.

*Francisco*: borboleta, já sabia (ainda é uma maçã partida).

*Alexandre*: borboleta...

*Francisca*: não... borboleta não tem cacho (aponta para o cabo da maçã).”

## ▪ Oh!

### *Observação Livre:*

Média de tempo: 2m45s.

O livro não causou tanto estímulo quanto em outras turmas, mas ao final foi o mais apreciado. As meninas foram as que demonstraram maior entusiasmo com o livro. Perceberam as transformações de uma figura em outra e fizeram delas o mote do jogo que criaram na leitura. Manusearam juntas, o que colaborou para a animação demonstrada. Não houve percepção mais apurada sobre o livro. As páginas triplas (abertas totalmente) foram as mais apreciadas.

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 3 minutos.

O Oh! não gerou narração, mas descrição de uma seqüência. Essa turma não foi além disso, prendendo-se ao “isso vira aquilo” e transformando a leitura numa brincadeira de adivinhar. Tentavam lembrar a observação livre para acertar. Competiam. Discordavam de algumas descrições e argumentavam para definir o que viam:

*Francisca: um sapato...*

*Diogo: esse é um avião.*

Abrem a página toda.

*Francisca: crocodilo (rindo-se).*

*Diogo: dragão...*

*Observador: dragão ou crocodilo?*

*Diogo: dragão.*

*Francisca: não tem asa! Tem que ser um crocodilo.*

Ninguém contesta seu argumento.”

## ▪ Astronino

### *Observação Livre:*

Média de tempo: 1m54s.

No geral, o livro atraiu a turma para uma leitura cuidadosa, por ser pequeno e não exigir muito tempo de concentração. Duas crianças perceberam o relevo, que as estimulou ao toque, ao contato com as páginas.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m45s.

As crianças mostravam-se cansadas, principalmente os meninos. Foi o penúltimo livro observado coletivamente. Houve uma influência entre os meninos, eles sempre repetiam a opinião um do outro. Assim, ficou difícil saber se eram opiniões reais. Os três manifestaram não gostar do livro, mas com insegurança. Alguns deles participaram da composição da história, sempre de uma forma “negativista”. Uma das meninas dominou a narração, como em todos os outros livros...

A história gerada contou com alguns momentos interessantes de criação. A narração nesse livro nunca é linear, pelas ambigüidades presentes.

*Francisca: o astronauta foi pra aí...veio as sombras...*

Vira a página.

*Francisca: ah!....*

*Alexandre: e depois...*

*Francisca: e depois quando ele foi subir para aquela pedra (admira-se) apareceu uma flor gigante, oh!*

*Observador: uma flor gigante.. é isso? (mostra o livro para todos)*

*Francisco: era uma flor-robô.*

*Francisca: flor gigante!*

*Observador: flor-robô?*

*Francisca: é uma flor gigante...*

*Observador: Vamos ver se é uma flor-robô ou gigante...*

Vira a página.

*Francisca: é uma flor gigante porque a perna era muito grande”*

▪ **Livro Geométrico**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m40s.

Pareceu não ser um livro muito atrativo a estas crianças, com exceção de uma das meninas, a mais extrovertida e participativa. A maior parte das crianças viu todo o livro e manuseou-o na íntegra, mas sem muito entusiasmo. O livro ainda trouxe alguma dificuldade motora, pelo feitio mais artesanal.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m38s.



Foi o último livro a ser visto. Algumas crianças dispersaram-se. De qualquer forma, houve alguma participação. Não existiu narração. A presença de formas geométricas e de “cortes” foram os destaques. Outros elementos, como as cores ou texturas, não foram valorizados por estas crianças. A comparação com figuras reais também não aconteceu nessa turma.

“Francisca abre as abas e gargalha, outros riem.

*Observador:* o que gostam nesse livro?

*Alexandre:* tu cortaste o livro?

*Observador:* se eu cortei? Tem um buraco, não é?

Francisca vira e manipula a próxima dobra, rindo muito.

*Observador:* Quando vocês vêm este livro, dá vontade de cortar?

*Francisca:* dá, isto é cortado (aponta para as abas).

Vira página e continua a mexer.

*Alexandre:* esse também está cortado...

*Observador:* gostas de livros cortado?

*Alexandre:* gosto.

(...)

*Observador:* o que gostaram neste livro?

*Francisca:* dá pra brincar... dá pra saltar...

Todos riem.

(...)

*Observador:* esse dá pra contar história?

*Francisca:* não!

Outros acenam que sim.”

#### ▪ **Tempos de atividade**

Observação Livre: 11m30s.

Observação Dirigida: 23 minutos.

Tempo total de atividade: 39 minutos.

#### ▪ **Livros preferidos**

*Oh!:* um menino (disse não ter gostado dos outros).

*The Red Book:* um menino e uma menina.

*Todos:* um menino e uma menina.

### ▪ Observações gerais

No geral, a turma observou os livros com bastante cuidado na primeira parte. A maioria era mais calada ou tímida. Somente uma criança (menina) sobressaía-se o tempo todo. Algumas crianças apresentaram comportamentos diferentes nas duas fases de observação. Caladas na primeira parte e mais participativas na segunda.

No comentário final dos livros, a menina extrovertida já citada percebeu que eles não tinham letras, mas as crianças afirmaram ser possível “contar histórias” com a maioria deles.

### 1.5.3. Escola pública - crianças de 6 anos

#### ▪ The Red Book

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m39s.

O livro não chamou a atenção de todos, mas alguns viram com atenção (duas crianças). Um ou outro comentário apenas: sobre mapas e balões. A sobrecapa desperta ou curiosidade, ou confusão. Uma experiência interessante: uma das meninas não queria ver o livro “de jeito nenhum”. Rejeitou-o. Mas ao final acabou por ver e, quando viu, gostou e prestou muita atenção.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 7m30s.

Este foi o primeiro livro observado. Três crianças participaram ativamente. Duas permaneceram caladas, mas uma delas participava com sorrisos e gestos. A outra só olhava e ria, às vezes.

Perceberam a ausência das letras, mas em nenhum momento associaram isso com a impossibilidade de criar ou ler a história do livro.

As crianças tiveram dificuldades nas identificações dos personagens (menino / menina / pai / filho / senhora), tanto de gênero, quanto de idades.

*“Carolina:* E o menino estava a correr...

*Viram a página.*

*(...)*

*Joana:* é uma senhora... estava a ver o mapa.

*Carolina volta na página anterior.*

*Carolina:* é um menino...  
*Observador:* é o mesmo?  
*Carolina:* sim...  
*Gonçalo:* acho que não...  
*Carolina:* olha, foi para praia... (pequeno quadro da praia)  
Viram a página.  
*Observador:* é ele?  
Há dúvidas, discordâncias..."

Não houve a percepção dos fatores intrigantes (metalinguísticos) da história, ou não foram explorados. Achavam outras soluções para as imagens conflituosas:

*"Gonçalo:* depois a senhora viu seu filho no computador...  
*Observador:* no computador?  
*Carolina:* ela imprimiu uma foto dele do computador e colou no livro..."

Também prenderam-se a conceitos próprios de serem explorados na idade pré-escolar (perto e longe):

*"Gonçalo:* aqui está mais longe, aqui está mais perto (mostrando balões em diferentes posições).  
Joana e Gonçalo passam a discutir sobre as distâncias entre os balões, mais longe, mais perto. Joana tenta várias vezes descrever a situação do balão em cada quadro da cena. Carolina ajuda.  
(...)  
*Carolina:* estava perto...  
*Joana:* estava perto, perto, perto".

De qualquer forma, o livro atraiu mais na leitura coletiva do que na leitura individual e acabou por ser o livro preferido de duas crianças ao final da atividade.

#### ▪ **O Balãozinho Vermelho**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m44s

Foi um livro bastante comentado. Atraiu a atenção efetiva de três crianças. A maioria se prendeu à figura vermelha. Uma das meninas notou vários detalhes. Uma das crianças tentava abrir as páginas (influência do processo de leitura do Oh!).

*Observação Dirigida:*

Tempo: 5m27s.

Foi o segundo livro observado. As mesmas três crianças que se destacaram na leitura do primeiro livro tiveram uma boa participação no desenvolvimento da narrativa. Além deles, mais uma criança se envolveu. A outra ainda só olhava. A “personagem” vermelha dominou a narrativa e os detalhes ficaram em segundo plano. Alguns elementos em traço foram notados, aqueles que davam sentido à história (menino, corda do balão, a mão, os pés da personagem humana).

A ausência de muitas cores foi notada, e suscitou momentos interessantes e criativos:

*“Carolina: depois ela encontrou muitas plantas (aponta para o desenho em preto).*

*Gonçalo: depois ela quis pintar e não pintou...*

*Carolina: porque não tinha nada para pintar...*

*Joana: então... ia buscar ao arco íris...*

*Observador: é verdade, podia ter emprestado as cores...*

*Gonçalo: ia para avião.*

*Carolina: ia buscar as cores.*

Todos riem.

*Carolina: apanhava e colocava as cores.*

*Observador: ficava mais giro?*

*Comentar todos juntos...”*

Ouve também muita criação extra-imagens:

*“Joana: flor? Um menino achou a flor muito bonita e arrancou... para dar a sua mãe.*

*Vira a página.*

*Carolina: depois deu a sua mãe.*

*Observador vira a página.*

*Gonçalo: a flor está machucada...*

*Observador: por que?*

*Gonçalo: por que não tomou banho...*

*Gargalhadas...*

*Jaime: nem apanhou a piscina.*

*Observador vira a página.*

*Carolina: e depois veio o mar (faz o “zig-zag” do guarda-chuva com o dedo).*

*Gonçalo: o guarda-sol afundou a flor e depois cresceu.*

*Carolina: cresceu, cresceu até o céu.*

*Jaime: e depois ficou um chapéu de chuva.*

*Carolina: e depois começou a se chamar “a flor gigante”.*

*Joana: e depois a flor gigante transformou em chapéu de chuva...*

*Gonçalo: e depois veio um monte de chuva.*

*(...)*

*Gonçalo: o menino está debaixo do chapéu...*

*Carolina: está a fazer esparregata.*

*Gonçalo: ou era um chapéu gigante que tinha na cabeça...*

▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m24s.

A maioria (quatro crianças) expressou interesse e percebeu os detalhes de produção (uma achou o papel diferente, duas perceberam o relevo). O livro foi visto com rapidez, mas com empolgação. Parece que as imagens são bem atrativas para essa idade.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m37s.

Terceiro livro visto. As crianças gostaram muito do livro na narração coletiva. Houve espanto, alegria, risos, expressões diversas. O jogo de criar palavras combinadas e personagens que iniciou-se com o Oh!, na atividade anterior, revelou-se aqui também.

*“Carolina: um foguetão a voar...*

*Gonçalo: não era foguetão... é um tubarão.*

*Joana: é um tubarão-foguetão...*

*Gonçalo: não, uma baleia-foguetão.*

*Todos riem.”*

Há sempre muitos detalhes nesse livro que passam despercebidos e que suscitariam bons elementos para criação num trabalho mais dirigido. Mesmo assim, as crianças criaram bastante. As três crianças mais extrovertidas participaram, somando-se a elas mais um menino. O terceiro menino, mais tímido desde o começo, mostrava-se cada vez mais cansado.

*“Carolina: depois ele foi aterrado (o foguete).*

*(...)*

*Joana: na relva.*

*Gonçalo: num ninho, pode ser...*

*Carolina: no ninho dos passarinhos...*

*Joana: foi na relva... (brava)*

*Observador vira a página.*

*Joana: na relva...*

*Carolina: e os passarinhos pensavam que era a mãe deles.*

*Gonçalo: a mãe tratava-os. Depois o homem...*

*Carolina: depois o homem do espaço agarrou no...*

*Gonçalo: no botão verde. A outra mão foi lá buscar... a comida.*

*Carolina: e depois ele encontrou muitas plantas... e buscou...*

*Gonçalo: não, depois ele assou para comer.*

*Observador: qual era a comida?*

*Gonçalo: é o mel...*

*Jaime: é o tubarão...*

Observador vira a página.

*Carolina: depois ele encontrou...*

*Joana: uma flor gigante que comeu-o.*

*Jaime: é o tubarão cara-de-pão...*

Riem.

(...)

*Carolina: e depois o sol... inspirou.*

*Joana: assoprou!*

*Gonçalo: inspirou e assoprou... o homem do espaço.*

*Carolina: depois o canguru estava saltando no bosque a procura de seu filho. Encontrou muitas flores e pensava que seu filho estava escondido em uma delas. (apontando assim como os outros, falavam e mostravam, menos Daniel, que mesmo convidado, não queria contar, mas disse que estava a gostar).*

(...)

*Gonçalo: e depois transformou-se em super-homem...*

(...)

*Gonçalo: homem do espaço super-homem!*

Observador vira a página.

*Gonçalo: e depois... lutou com o canguru? (meio indeciso...)*

*Carolina: depois lutou com o canguru porque pensava que era selvagem..."*

## ▪ Oh!

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m17s.

O livro chamou bastante a atenção. Apenas uma criança não se animou. Foi o preferido para brincar, principalmente de adivinhar, e chamar o amigo para ver junto. Suscitou o desenvolvimento de palavras novas e a criação de personagens "disparatados": "Peixe-balão-maçã", "peixe-mola", "dragão-sapato", "cobra-lua-a-dormir". As páginas triplas prenderam a atenção. As páginas duplas foram integradas à brincadeira sem muito destaque. Em alguns momentos a leitura se tornou coletiva.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 5m28s.

Todos participaram. Foi o quarto livro visto em conjunto. O menino até então mais apático riu um pouco deste livro. Os outros dominaram a cena.

O livro suscitou uma forte criação na atividade individual, que continuou no coletivo. Uma das meninas tentou manter uma certa narração no livro, mas este foi mesmo usado para brincadeiras, adivinhas e desenvolvimento da linguagem.

Os elementos de ligação (figuras estrategicamente colocadas nas páginas duplas e triplas) não foram notados. As páginas duplas e triplas foram exploradas.

*Jaime*: a mão... é um crocodilo (adivinha diante da mão ilustrada – abre logo).

*Joana*: a mão... (irritada)

*Carolina*: quer apanhar o crocodilo, mas ele pegou na calda porque pensava que mordida... mas ele era amigo... é um crocodilo amigo.

(...)

*Joana*: chávena...

*Joana*: chávena-barco (vira). E depois o peixe... mola.

*Joana*: o peixe-pato! (brava)

*Carolina*: um pato-mola!

*Joana*: um peixe-pato (insiste).

*Carolina*: (vira e abre) um peixe-mola, aí sim...

Jaime aponta a maçã.

*Carolina*: um peixe-mola-maçã... está a comer a maçã porque tinha muita fome.

Observador vira a página.

*Carolina* (abre): uma maçã...

*Gonçalo*: maçã-homem...

*Carolina*: está a correr do sapato...

(...)

*Joana*: dragão sapato!

*Gonçalo*: lua...

Carolina fecha, vira e abre... lua, cobra!

*Joana*: cobra! Vou fazer o caminho (põe o dedinho para acompanhar a cobra junto com Carolina) Uhhhhhh.

*Gonçalo*: também vou fazer, iuhuuuu (contorna a figura da cobra com o dedo).

(...)

*Carolina*: um avião a fumar...

*Gonçalo*: isso não existe...

*Joana*: é inventado.

Carolina vira e abre...

*Observador*: gostam de coisas inventadas?

*Carolina*: olha, isso ficou bem (mostra o cachimbo virando rabo do gato...). Cigarro-gato.

*Joana*: gato-cigarro (insiste).

*Carolina*: gato-cigarro-escova-água..."

## ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m49s.

O livro atraiu bastante a maioria das crianças, que brincaram com as dobraduras e deram nomes às páginas. Algumas páginas foram comparadas com outros elementos ou, no caso de uma delas, com os “queres-queres”, um jogo comum entre as meninas.



**Figura 421:** página que despertou o comentário sobre os “queres-queres” em duas turmas distintas.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2m52s.

As crianças já haviam dispersado bastante, sentando em outro lugar. Estavam distraídas e houve uma participação mais “forçada”, mediante perguntas. A princípio, o livro foi colocado como um livro que não tem possibilidades de leitura (sem página, sem bonecos), depois as crianças foram mudando de opinião.

*“Observador:* e este aqui? Acham que dá para inventar...?

*Carolina:* esse não, porque...

*Gonçalo:* não tem páginas...

*Carolina:* não tem bonecos...

*Joana:* mas dá...

(...)

*Gonçalo:* a gente pode fingir que tem bonecos aqui.

*Jaime:* tubarão cara-de-pão”

No geral, o livro foi apreciado, visto como um jogo pra abrir, mexer e relacionar com outras formas “reais”. Segundo as crianças, estimulava a realizar outras atividades, como recortar e colar.

*“Observador:* O que se pode fazer que é diferente?

Jaime abre as dobraduras.

*Observador:* abrir?



A criança faz que sim, abre e fecha algumas vezes.

*Carolina*: são os “queres-quires”.

*Joana*: parece mais uma tenda... (manipula para fazer um volume) tenda!

*Observador*: dá para inventar coisas...

*Gonçalo*: (mexe) uma estrela!

*Joana*: uma tenda (volta à posição de “tenda”).

(...)

*Observador*: depois de ver esse livro, dá vontade de fazer alguma coisa?

*Carolina*: trabalhos... cortavam isso e colávamos no papel.

*Joana*: sim...”

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 11 minutos.

Observação Dirigida: 27m56s.

Tempo total de atividade: 44m8s.

#### ▪ **Livros preferidos**

Observou-se que houve pouca mudança no gosto das crianças até o final. O livro *The Red Book* cresceu na preferência. Na conclusão, duas crianças incluíram dois livros.

*Oh!*: dois meninos e uma menina.

*The Red Book*: um menino e uma menina.

*Geométrico*: uma menina.

#### ▪ **Observações gerais**

A turma foi dinâmica no geral. Apenas uma criança era muito tímida e três eram bem extrovertidos. A maioria foi atenta e prestou muita atenção aos livros. Nas instruções iniciais o observador disse que queria saber o que as crianças achavam dos livros, o que gostavam ou não. Isso influenciou as meninas e depois as demais crianças, com um “gosto disso” geral. Mesmo na observação individual (livre), houve muita troca, as crianças queriam mesmo ver os livros juntas. As narrações coletivas foram bem criativas, na maior parte dos livros. Queriam sempre colocar algo a mais, fazer rir o colega. A dispersão não foi grande, visto que ficaram um bom tempo a produzir. Destacamos os exercícios de linguagem que fizeram sobre os livros, principalmente o *Oh!*.

Perceberam a ausência das letras no início da leitura coletiva:

*“Observador: vocês acharam que tem alguma coisa diferente nestes livros?  
Crianças concordam que sim.  
Observador: o que é diferente?  
Joana: as páginas...  
Carolina: os desenhos...  
Observador: mas os outros livros não têm desenho também?  
Carolina: sim...  
Gonçalo: mas esses não têm letras e os outros têm.  
Observador: ah, é uma coisa diferente... mas são giros assim mesmo?  
Crianças: sim...  
Observador: não tem letras, mas vocês acham que dá para contar histórias mesmo sem letras?  
Crianças: sim.  
Carolina: inventamos...”*

## 1.6. DESCRITIVO RESUMIDO DA ATIVIDADE 1: ESCOLA PARTICULAR

A mesma estrutura usada para os dados da escola pública organiza e resume os dados da escola particular. Seguem descritivos e observações preliminares.



**Figuras 422 e 423:** observação livre, com crianças de 3 anos, e observação dirigida, com alunos de 6 anos, ambos de escola particular portuguesa. As atividades foram filmadas.

### 1.6.1. Crianças de 3 anos

- **Oh!**

*Observação Livre:*

Média: 3m54s (grandes diferenças – de 1 minuto a 7m24s).

É um livro que prende todas as crianças. Foi o que permaneceu mais tempo com cada uma. É visivelmente maior que os outros. Isso, entre outros fatores, colabora para chamar a atenção e levar a uma interação. Na atividade, quando uma criança manipulava-o, as outras ao lado ficavam também a espreitar. As crianças desta idade prenderam-se às figuras de página tripla, já aberta, principalmente àquelas que continham animais. O tamanho do livro atrai, todas perceberam a abertura das páginas, porém a grande maioria teve dificuldades em manipular o livro, principalmente voltar as páginas já abertas à posição inicial. Somente uma criança deste grupo o fez sem criar dobras adicionais. Essa criança, um menino, desenvolveu um jeito próprio para ler o livro, que facilitou o “fechar”. Era particularmente muito cuidadoso.

#### *Observação Dirigida:*

Tempo: 3m30s.

Iniciou-se pelo Oh!, ainda durante a leitura da última criança, devido a um problema de tempo. Já no início, todas as crianças lembravam-se de suas figuras favoritas vistas na observação livre. Transcreve-se o início da observação dirigida do livro:

*“Observador:* todos gostaram do livro?

*Crianças:* sim! (grande entusiasmo)

*Observador:* que página vocês mais gostaram?

*João:* do crocodilo.

*Vasco:* do navio.

Vasco passou a perguntar para os outros.

*Sara:* do pato.

*Mariana:* do crocodilo, depois, do “urso”.

(Não há urso no livro. Só no final descobriu-se ser o elefante).”

O livro não gerou nenhum tipo de narração, somente comentários localizados, dentro e fora dele. As crianças gostaram simplesmente de ver. Não houve a percepção de alguns detalhes, como as relações entre as páginas fechadas e abertas (as figuras que se repetem). As crianças prenderam-se novamente às figuras das páginas abertas.

#### ▪ **Astronino**

#### *Observação Livre:*

Média de tempo: 1m44s.

O livro prendeu a atenção de maneira muito específica. Duas crianças se interessaram e perceberam os detalhes de produção (colagens). Presumimos que o tamanho e a capa são pouco atrativos, principalmente para as crianças menores. O livro envolveu os alunos que se mostravam mais detalhistas e cuidadosos, pelas sutilezas que apresenta.

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 3m32s.

Quando este livro foi visto de forma individual, não causou entusiasmo. Apenas um dos meninos havia se atentado a ele, tecendo alguns comentários. Um segundo menino viu com calma (os citados “mais cuidadosos”), mas os outros mal o folhearam... Já na leitura coletiva, teve-se bom aproveitamento, com atenção e participação de todos, apesar de pequena dispersão.

Percebemos que o tamanho reduzido e a capa pouco preenchida talvez tenham sido motivos para um desinteresse individual. Já no coletivo, a história possível atrai. O relevo não foi valorizado, sendo discreto demais para o grupo. O ambiente fantástico das imagens possibilitou algumas leituras alternativas, com a geração de idéias diferentes que puderam dar novos rumos à história.

*“Observador: o que aconteceu com ele? (astronauta)*

*Salvador: encontrou um dragão...*

*Sara: e o dragão comeu ele...*

*Vasco: não, ele está aqui (mostra)*

*Observador vira a página.*

*Observador: o que o dragão fez?*

*Salvador: pintou-o.*

*Sara: acho que ele tinha cores no pé...”*

Como percebe-se pelo trecho transcrito, as personagens não foram especificamente identificadas. Por exemplo: astronauta igual a “senhor”; canguru igual a “dragão”. Alguns pequenos personagens não foram percebidos por essa turma, assim como outras imagens possíveis de gerar narrativa. A história produzida foi sucinta, mas consistente. Afinal, eram crianças de 3 anos a narrar.

#### ▪ **O Balãozinho Vermelho**

### *Observação Livre:*

Média: 1m29s.

No geral, o livro não chamou a atenção. As crianças que já mostraram-se atentas foram as que prestaram mais atenção na leitura.

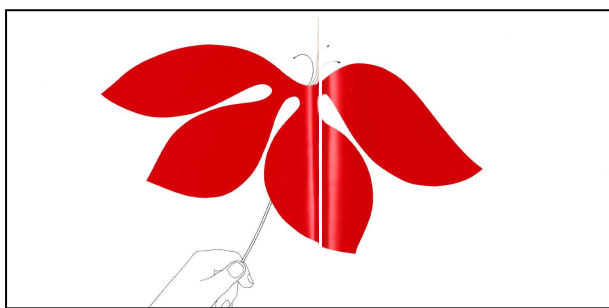
Mesmo com uma capa legível, algumas crianças começaram a ver o livro de cabeça para baixo. Estas geralmente não corrigiam o problema.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m5s.

Se na leitura individual o livro não atraiu os pequenos, na leitura coletiva teve grande produção. Contou com a atenção e participação de todos, ainda que alguns tenham se destacado em expressar suas idéias (um menino e uma menina).

Elementos ambíguos propositadamente presentes no livro causaram “estranhamento”, o que não levou à dispersão, mas a uma busca criativa de respostas. Mesmo com opiniões diversas, chegaram ao final da narrativa. Algumas imagens que poderiam ser consideradas “difíceis”, pelo certo grau de abstração e a ausência propositada de cores, foram legíveis a algumas crianças desta idade. Há uma página que lhes chamou particular atenção, parece que a mudança ali lhes esclareceu algo. Esses fatores podem ser observados na transcrição abaixo:



**Figura 424:** página que chamou atenção das crianças.

*“Observador:* e aqui?

*Sara:* é uma rua. (refere-se aos elementos em preto e branco que completam a página 12 e 13, dupla).

*Mariana:* é uma rua (repete).

Observador vira a página.

*Salvador:* não, é um tronco com folhas... partiu-se!

*Observador:* o que partiu?

Observador vira a página.

*Mariana:* o balão!

*Observador:* é o balão?

*Sara:* ficou uma borboleta.

Ficaram num impasse algumas páginas.

*Crianças:* não, uma flor; não, uma borboleta a voar; é uma flor.

*Crianças:* eh!!! (páginas 26 e 27)

*Observador:* o que aconteceu à borboleta...?

*Salvador:* não, o que aconteceu à flor...

(Alguns contaram as pétalas...)

(...)

*Observador:* e aqui? (páginas 30 e 31)

*Sara:* é um guarda-chuva  
Observador vira a página.  
*Salvador:* o menino a andar com o guarda-chuva.  
*Sara:* mas já estava sol...”

#### ▪ **The Red Book**

*Observação Livre:*

Média: 1m37s.

No geral, o livro chamou a atenção somente de duas crianças, as que já se demonstraram mais atentas. Houve apenas um comentário durante a leitura de todos. Muitas distraíram-se em partes do livro, mais longo que os outros.

A sobrecapa mostrou-se um problema durante a manipulação. Alguns se confundiam, outros a tiravam fora. Sem a sobrecapa eles começavam a ver o livro de cabeça para baixo. As crianças, distraídas, geralmente não corrigiam o problema.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m34s.

Quando este livro foi visto de forma individual, não causou entusiasmo. Nem todos o viram até o final. No coletivo, levou a uma boa participação. Todos ficaram atentos e a maioria participou (apenas um menino só observou, nada falando).

Da capa, apenas a cor prendeu. Desprezaram o conteúdo (imagens da sobrecapa).

Houve uma seqüência de ações descritas: nevar; achar algo; ir pra escola; fazer trabalho; encontrar balões; voar; derrubar o livro; o livro estragar-se ou não.

O centro da história foram a ação e os personagens citados, que hora eram as pessoas, hora o livro. Houve muitos elementos não percebidos, como:

- a definição do sexo das personagens:

“Sara: o menino voou.

(...)

Meninos: está sozinha; está a ver um livro.”

- a diferenciação das personagens sob a perspectiva dos ambientes, por exemplo, menina na cidade - frio, menino da praia – calor;
- o elemento “livro” já presente no começo da história:

“Salvador: ele encontrou uma sandes!

Observador: uma sandes? Foi uma sandes que ele encontrou?

Crianças: uma sandes...

(...)

Observador: e agora? (vira a página)

Salvador: encontrou uma metade de uma sandes..."

- o conteúdo do livro (metalinguagem);
- o papel do livro vermelho na história.

Há de se considerar três fatores influentes neste fato: o tempo já decorrido (era o penúltimo livro); a grande quantidade de informação que já tinham recebido; a complexidade de alguns elementos do livro (elemento "fantástico").

#### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m15s.

As primeiras páginas prenderam a atenção, pelo já comentado "estranhamento", que levou a testes. "Como se faz?", perguntou uma criança. Uma menina envolveu-se muito com o livro e tentou uma montagem tridimensional das páginas. Houve dificuldades em voltar as duas primeiras páginas à posição inicial.

As dobraduras foram facilmente descobertas, depois da experiência inicial (aprenderam o "funcionamento" do livro). O livro explorou muito a coordenação motora das crianças nessa idade. A cor, elemento importante do livro, não foi comentada. A forma se sobrepôs à cor.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 30 segundos.

Esta última observação foi atrapalhada por fator externo (último livro). Todos queriam tocar, mas não havia tempo. Este livro chamou a atenção de todas as crianças na observação individual. Não passou despercebido como outros. Já no coletivo houve a reação: "só dá pra ver!" "É só de formas". O coletivo de certa forma "pedia" uma narração e o livro, na visão deles, não apresentava esta característica.

*"Observador: e este, vocês gostaram?"*

*Salvador: mas este é só de formas...*

*Observador: então não dá pra contar histórias? Dá pra fazer o que com ele?"*

*Sara (pega o livro da mão do observador): dá pra ver as formas e fazer...*

*(Manipula as primeiras páginas, como já havia feito, tomando-as "tridimensionais")*

*Tumulto, todos querem montar também."*

Uma das meninas, que já na observação livre gostou muito do livro, continuou a demonstrar o mesmo interesse na segunda parte. O livro lhe pareceu muito estimulante.

- **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 24 minutos.

Observação Dirigida: 22 minutos.

Tempo total de atividade: 40 minutos.

(Obs: houve sobreposição por questões externas à pesquisa.)

- **Livros preferidos**

Só uma criança não mudou de opinião desde o começo da observação.

*Oh!*: dois meninos e uma menina.

*Geométrico*: uma menina.

*The Red Book*: um menino.

- **Observações gerais**

De forma geral, as crianças apresentaram-se muito espertas para a idade (3 anos). Algumas sabiam contar; expressavam-se bem verbalmente; narravam fatos; descreviam cenas; identificavam as cores e formas. Criaram histórias sucintas, desenvolvendo a parte principal das narrativas possíveis.

Consideramos os livros adequados, salvo por alguns fatores motores envolvidos (tamanhos e dobras).

## 1.6.2. Crianças de 4 anos

- **The Red Book**

*Observação Livre*:

Média de tempo: 2m38s.

O livro chamou a atenção de algumas crianças, mas apenas uma ficou atenta até o final. Outra não viu. A sobrecapa mostrou-se um pouco complicada para a manipulação, mas chamou a atenção. Alguns se confundiam, outros a tiravam fora. Sem a sobrecapa eles



começavam a ver o livro de cabeça para baixo. Alguns pontos de atenção do livro foram os mapas e os balões.

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 7m45s.

Foi o primeiro livro visto na observação dirigida. Quando este livro foi visto de forma individual, não causou entusiasmo. Nem todos o viram por inteiro. No coletivo, levou a uma boa participação. Todos ficaram atentos e a maioria participou. Um dos meninos percebeu que não tinha letras. Ao perguntar o que faríamos com as imagens, uma criança responde: “podemos inventar”.

Há muitos elementos que não foram percebidos: o fato dos personagens estarem dentro e fora do livro - eram “fotografias” para algumas crianças; os locais diferentes; o encontro das duas personagens. Houve uma seqüência de ações descritas: nevar; achar algo; ir para a escola; encontrar balões; voar; derrubar o livro. O elemento fantástico foi percebido só por uma criança, mas pouco explorado. Ao não ser entendido, foi ignorado:

*“Margarida:* esta é a menina (vira). E este é o menino (volta a página). Aqui tem a fotografia do menino, aqui a da menina (mostra no livro de cada um).

*Observador:* no livro?

*Margarida:* sim...

*Matilde:* esse é um livro e é dela...

*Guilherme:* não, é do menino...

*Margarida:* o menino emprestou...

Matilde não fala, aponta todos os detalhes. Margarida foca a olhar para o observador, as crianças ficam a pensar...

*Observador:* é diferente esse livro?

Fazem silêncio, com cara de dúvida.”

As crianças confundiram o sexo das personagens e as personagens em si:

*“Margarida:* aqui ele foi-se embora da escola.

*Rodrigo:* buscar balões...

*Margarida:* a menina foi buscar balões... ou o menino...o menino ou a menina?”

A primeira página dividida em quatro partes chamou a atenção. Foi relacionada com mapas: “Ele está vendo as partes do mundo.” (Rodrigo)

Há sempre algum elemento de criação além da imagem. Por exemplo, a menina caiu dos balões: “Depois caiu... pumba lá catacumba...” (Matilde)

## ▪ **Astronino**

### *Observação Livre:*

Média de tempo: 1m16s.

O livro prendeu a atenção de maneira específica, mais que na turma de 3 anos. Apenas uma criança percebeu os detalhes de produção (colagens). Presumimos que o tamanho e a capa são pouco atrativos. Percebeu-se que as crianças mais detalhistas e cuidadosas gostaram deste livro na observação livre.

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 5m45s.

Quando este livro foi visto de forma individual, não causou entusiasmo em todos, talvez pelo tamanho ou capa pouco preenchida, como salientamos em outra turma. No coletivo a história atraiu. Foi o segundo livro visto. O relevo foi valorizado por algumas crianças. O ambiente fantástico das imagens contagiou, mas muitos detalhes passaram despercebidos. Às vezes o fantástico foi contestado ou a realidade referenciada:

“O foguetão partiu-se todo porque o chão é muito duro...” (Lourenço)

“Porque o homem foi pra dentro dele (sol ou flor, discutiam entre si)? Não é nenhuma flor... (bravo). Elas não servem para os homens irem lá pra dentro...” (Lourenço)

Outras vezes, a mesma criança criava além do que via:

“Não, explodiu” (Lourenço, a falar sobre o foguetão).

As personagens não foram especificamente identificadas por todos, mas alguns nomearam o astronauta e o canguru. Não houve percepção do rumo final da história, ou detalhamento da relação do canguru com o astronauta. O final da história foi quase ignorado. Outras personagens não foram percebidas por essa turma (outros animais, extraterrestres, etc.)

## ▪ **Oh!**

### *Observação Livre:*

Média de tempo: 2m53s.

Foi um livro que prendeu a atenção de quase todas as crianças. Apenas uma menina não se interessou. Quando uma criança manipulava-o, as outras ao lado ficavam também atentas. O tamanho do livro atraiu, todas perceberam a abertura das páginas, porém a maioria teve dificuldades em manipular, principalmente voltar as páginas no lugar.

Sentiam a necessidade de compartilhar o que viam. As crianças gostaram dos animais, avião e navio.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 5m44s.

Este livro causou grande estímulo, as crianças gostaram de ver. Não houve a percepção de alguns detalhes, como as relações entre as páginas fechadas e abertas (as figuras que se repetem). Não se prenderam às “adivinhas” subentendidas nas páginas (páginas fechadas), mas sim às figuras de páginas abertas. O livro não gerou nenhum tipo de narração, somente comentários localizados.

As crianças divertiram-se com os disparates, mas às vezes “lutaram” entre fantasia e realidade. A transposição seguinte mostra o jogo real-imaginário:

*“Lourenço:* um barco, eu quero viajar num barco...

*Matilde:* olha, pra beber (chávena – faz gestos).

*Margarida:* o peixinho do mar...

Matilde quer beber e comer tudo no faz de conta – finge que come o peixe.

*Lourenço:* cuidado com os espinhos...

*Guilherme:* está a comer maçã...

*Lourenço:* a maçã é minha (finge que pega e come)

Matilde grita e finge comer.

*Guilherme:* está a buscar o sapato.

*Matilde:* eu quero comer isso, é divertido.

*Crianças:* é um dragão...

*Guilherme* (para Matilde): não podes comer isso, solta fogo...

(...)

Matilde quer comer o gato.

*Guilherme:* não podes comer o gato...os gatos arranham...

*Lourenço:* está distraído a lavar os dentes.

*Guilherme:* como é que os gatos lavam os dentes?

Contam histórias de dentes, gatos e rabos.”

O elo de ligação início-fim pelo crocodilo foi percebido por alguns: “Gosto desse e do outro crocodilo.” (Guilherme)

Alguns elementos não foram identificados: a raquete (era uma cereja, um gelado), acreditamos que pelo desenho ambíguo; e o cachimbo (cinzeiro, cigarro de fuma-fuma), por não ser um elemento cotidiano.

## ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m26s.

O livro chamou a atenção da maioria, mas não até o final. Pareceu-nos que, assim que o processo era apreendido, a criança apressava-se. Duas crianças sentiram-se estimuladas a oralizar a “história” do livro.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m5s.

Na leitura coletiva o livro teve atenção e participação de todos, ainda que alguns tenham se destacado em expressar suas idéias.

Elementos ambíguos propositadamente presentes no livro causaram “estranhamento” e levaram a alguma dispersão. Houve opiniões diversas relativas a esses elementos. Por exemplo:

*“Observador: o que é isso?”*

*Matilde: é borboleta.*

*Guilherme: ela formou-se.*

*Margarida volta pra página anterior: isso é o que? (volta, vai...) está a transformar-se...*

*Dispersam, brincam com almofadas.*

*Vira-se a página.*

*Observador: borboleta?*

*Matilde: é...*

*Margarida: não...*

*Rodrigo: ficou flor...”*

Praticamente nada se percebeu dos outros elementos além do vermelho a transformar-se. Só o menino (“O menino está a soprar o balão” - Margarida), a corda (“O balão tinha uma corda” - Margarida) e a chuva, mostrada mas não comentada. Toda a riqueza de detalhes em preto passou despercebida, pois está em segundo plano pela cor e exige um grau de envolvimento que essa turma não atingiu.

*“Observador: o que tem de diferente nesse livro?”*

*Margarida: é muito bonito...*

*Observador: e as cores? São bonitas?*

*Rodrigo: é só vermelho...*

*Dispersam.”*

### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m22s.

O livro não chamou a atenção. Havia uma distração geral. Apenas uma criança envolveu-se. As dobraduras não foram percebidas por todos. O livro exigiu muito da coordenação motora das crianças. Algumas tiveram muitas dificuldades em voltar as dobras para a posição inicial. A cor não foi comentada. A forma se sobrepõe à cor.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 1m30s.

Foi a última observação dirigida e foi atrapalhada pela dispersão das crianças, pois estavam em almofadas no chão e descobriram que divertido era deslizar sobre elas...

O livro foi visto como um livro para brincar e de leitura limitada.

*“Observador:* e esse livro, é diferente?

*Guilherme:* tem formas geométricas.

*Rodrigo:* é de fazer jogos.

(...)

*Margarida:* não gostei.

*Rodrigo:* eu gostei, tem formas.”

Apenas uma criança mostrou-se interessada no livro ao final. Depois do fim da atividade, ela queria ainda vê-lo.

### ▪ Tempo de Atividade

Observação Livre: 13m40s.

Observação Dirigida: 31 minutos.

Tempo total de atividades: 45 minutos.

### ▪ Livros preferidos

*Oh!:* três meninos.

*Astronino:* uma menina.

*The Red Book:* uma menina.

Depois destacaram gostar de todos.

### ▪ **Observação geral sobre as crianças**

Apenas uma criança mostrava-se mais tímida e pacata. Uma era extrovertida e controladora e as outras três, bem agitadas. Assim este último grupo dominou. A configuração da sala oferecida neste dia não ajudou. Dispersaram-se por várias vezes pela liberdade de movimentação que tinham. De forma geral, as crianças expressavam-se bem verbalmente; narravam fatos; descreviam cenas; identificavam as cores; houve alguns momentos de criação extra-livro. Mas também se dispersaram bastante, não iam a fundo nas “contradições” que alguns livros ofereciam para reflexão. Houve dificuldade nas conclusões dos livros, que acabavam sempre de forma incompleta. As crianças divergiam um pouco entre si.

### **1.6.3. Crianças de 5 anos**

#### ▪ **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m46s.

Como nas outras turmas, prendeu a atenção de todas as crianças e permaneceu mais tempo com cada uma. Quando uma manipulava-o, as outras ao lado ficavam também atentas. Todas as crianças perceberam a abertura das páginas. As expressões foram de riso, admiração, diversão. A dificuldade motora demonstrada pelas crianças menores estava superada nesta turma. A maioria das crianças comentou sobre este livro durante a observação e, no final, principalmente sobre os disparates.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m28s.

O livro despertou grande interesse. As figuras são marcantes e foram lembradas da observação livre para a dirigida. A manipulação funcionou como uma brincadeira de adivinhar.

*“João (antes de abrir a primeira página completamente): olha o rabo do dragão...”*

*Observador: esse livro é para contar história?*

*Crianças: não...*

*João: é pra adivinhar...*

*Mafalda G.: pra adivinhar...*

*João: pra adivinhar as coisas...”*

As crianças prenderam-se mais às páginas abertas (tripas) e perceberam pouco a transição (página fechada, dupla). Apenas um menino percebeu a continuidade, a ligação de uma página para a outra. Isso não ocorreu com crianças de 3 ou 4 anos. A relação do personagem final com o início da “história” também foi percebida.

*“Observador: o que vai ter na próxima página?*

*Todos: um gato!*

O gato está com um copo a lavar os dentes.

*Observador: o que vai ter na próxima página?*

*Mafalda: nada...*

*Guilherme: um copo...*

A criança faz a relação das páginas, finalmente.

*Sofia: um copo de leite.*

(...)

*Observador: o que vai ter na próxima página?*

*Sofia: um gato ...*

*Mafalda: nada*

*Guilherme: a flor (reforça que entendeu a relação).*

*Observador: isso mesmo!*

*João (abrindo): um crocodilo a comer flores.*

*Sofia: com chapéu no rabo.*

*Observador: e esse crocodilo, ele já apareceu em algum lugar?*

*Mafalda G.: já (vai direto ao começo). Aqui.”*

As crianças divertiram-se com o livro e os disparates foram o ponto alto dos comentários. Também a fluidez da brincadeira levou a comentários e frases engraçadas além do livro.

*“Observador: e agora?*

*Mafalda: um gato.*

*João: não, um crocodilo...*

*Guilherme: um gato...*

*Sofia: uma banana podre (rindo-se).*

*Mafalda: uma cobra!*

(Os outros repetem)

*Mafalda (bate na mesa): acertei!”*

(...)

*Observador: o que esse crocodilo vai fazer com essas flores?*

*João: vai dar as flores à mulher...*

*Sofia: ou comer as flores.*

*Observador: vai comer?*

*Sofia: não, acho que vai comer a semente das flores pra nascer uma macieira na barriga dele...*

(Guilherme dá gargalhadas)

*Observador: ele vai ficar muito gordo...*

*Crianças: pois vai...”*

As crianças gostaram muito das páginas com animais. A capa também foi elogiada por uma menina.

#### ▪ **O Balãozinho Vermelho**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 55 segundos.

O livro não chamou a atenção da maioria. Parece que apenas uma menina interessou-se um pouco mais. Um detalhe ou outro foi expresso, mas sem grande entusiasmo.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 7m.

O livro não prendeu tanto a atenção desta idade. Só a partir deste livro as crianças perceberam a ausência de letras, fator que levou a grande discussão, pois algumas crianças achavam que a história só era possível de narrar com a presença de letras:

*“Observador:* e o que vocês me dizem deste livro?

*Sofia:* eu gosto...

*Observador:* dá pra contar histórias?

*Sofia:* dá!

(Guilherme e Mafalda G. repetem)

*Mafalda:* não!

*Observador:* quem pode contar uma história pra mim?

*Mafalda:* não dá, não tem letras...

*Observador:* não dá pra contar histórias quando o livro não tem letras?

*Mafalda:* não.

*Mafalda G.:* Só dá pra ver e olhar... (vai virando as páginas e assoprando... Quando chega no balão grande faz “boom”)

*Observador:* não dá pra contar história?

*Alguns:* não...

*Mafalda G.:* olha, chega numa árvore, fica na forma de uma maçã e cai no chão... (narra virando ela mesma as páginas diante dos outros).

*Observador:* isso não é uma história?

*Mafalda G. (ri-se, pensativa):* não, só vemos e depois dizemos...

*Observador (para Mafalda):* é uma história ou não é?

*Mafalda:* não.

*Sofia:* não...

(Guilherme balança a cabeça que sim...)

*Observador:* ele diz que é uma história!



*Sofia:* mas não é, não tem letras...  
Discutem.  
*Mafalda G.:* É uma história mas não tem letras...  
*Observador:* Não podemos fazer uma história com o desenho?  
*Sofia:* nós inventamos...  
*Observador:* se inventa, tem história...  
Guilherme aprova com a cabeça, sorrindo.  
*João:* vamos tentar contar a história..."

Não se atentaram para os detalhes. Prenderam-se apenas à evolução da figura vermelha. O que está em preto passou quase despercebido, somente a figura humana foi destacada (menino, sua mão, seus pés). Assim, a cor ou ausência dela vela e revela a história. Algumas crianças pareceram ter uma pré-concepção da cor no livro infantil. A idéia de que a cor deve ser abundante:

*"Observador:* vocês gostam das cores deste livro?  
*Mafalda G.:* ah, eu adoro.  
*Sofia:* eu não gosto.  
*Observador:* por que?  
*Sofia:* porque...  
*Mafalda:* porque só tem uma cor vermelha, e as outras são brancas...  
E também só tem o preto, branco... acho feio, eu não gosto de branco... não gosto das folhas brancas...  
*Mafalda G.:* eu gosto!  
*Observador:* por que não gostas de folhas brancas? (para Sofia)  
Ela não consegue explicar, Mafalda fala do trabalho que fazem desenhando em folhas pretas com giz branco...  
(...)  
*Sofia:* eu só gostei desta (mostra o vermelho).  
(...)  
*Observador:* o que faria com este livro se ele fosse seu? (para Sofia)  
*Sofia:* um risquinho...  
*Observador:* e você? (para Mafalda G.)  
*Mafalda G.:* tá bom assim...  
*Observador:* e você (para João)  
*João:* eu pintava tudo...  
*Observador:* e você?  
*Mafalda:* eu pintava todas as páginas que estavam brancas...  
*Observador:* e você? (para Guilherme)  
*Guilherme:* eu gosto assim..."

## ▪ The Red Book

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m20s.

O livro não chamou a atenção das crianças, de forma geral. Apenas algumas páginas foram percebidas. A maioria observou a sobrecapa como algo curioso. Alguns pontos de atenção: mapas e balões.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 7m15s.

Mais uma vez as crianças relacionaram a ausência de letras com a impossibilidade de contar histórias. A presença de alguma informação verbal, como o nome e a folha de rosto consolou uma das crianças, que parecia muito ligada a esse fator.

*“Observador: e esse livro, dá pra contar história?”*

*Crianças: dá...*

*Observador: é a história de quem?*

*Sofia: não, não dá, não tem letras...*

*João: olha aqui letras (título da folha de rosto/primeira página).*

*Observador: o livro vermelho (traduz)”*

A história coletiva permaneceu meio desconstruída, com alguns momentos de criação, e a maior parte de uma descrição. As crianças que tiveram um contato mais efetivo com o livro na manipulação livre mostraram lembrar-se de várias cenas.

*“João: um menino foi apanhar o autocarro, depois o autocarro o deixou perto da escola, começou a ficar neve e depois o menino encontrou uma coisa...e depois foi pra escola... e depois apanhou os balões e voou... (estava lembrando da 1ª vez que viu, pois estávamos ainda vendo a página da menina a chegar na escola).*

*Observador: calma, vamos chegar lá...estava na escola e... (virou a página)*

*Mafalda: foi à informática...”*

As personagens não ficaram bem definidas, com uma confusão de gênero (menino/menina).

Não houve a percepção completa do fator “fantástico” do livro, mas algo foi percebido, como a relação do livro representado com o livro real. As crianças percebiam, mas tinha dificuldade de explicar:

*“Observador: que coisa é essa que ele encontrou?”*

*Guilherme: um livro.*

*Mafalda G.: um livro especial.*

*Observador: por que?*

*João*: foi este menino que apanhou este livro...  
*Mafalda*: aquele livro é este... (referindo-se ao livro real)  
*Mafalda G.*: Deixa-me ver uma coisa (pega o livro, vê a capa, volta).  
Acontece que o menino olha para o livro, vê umas casas, muitas casas.  
*Sofia*: 80 casas... (tenta contar)  
*Observador*: o que tem essas casas?  
*Mafalda*: janelas... (vira)  
*Observador*: e aí?  
*Mafalda*: uma menina que estava dentro da escola a espreitar o seu livro.  
*João*: não, é um menino que ia a procura do livro e que o apanhou. É este livro.  
*Sofia*: não, era uma fotografia que tava colada no livro do menino que encontrou o livro..."

Uma menina, das únicas crianças que olharam atentamente na manipulação livre, percebeu que a personagem da página final estava na sala de aula das páginas iniciais. Algo difícil de ver. Foi ela a mais empolgada com a história.

#### ▪ **Astronino**

*Observação Livre*:

Média de tempo: 47 segundos.

Ninguém desta turma demonstrou perceber os detalhes de produção (colagens). Não houve entusiasmo ou comentários. Presumimos que o tamanho e a capa são pouco atrativos.

*Observação Dirigida*:

Tempo: 5m33s.

Quando este livro foi visto de forma individual, não causou entusiasmo. Mas na produção coletiva ele mostrou-se envolvente. Todos participaram ativamente e não houve dispersão.

A capa não atraiu, foi criticada por duas crianças (as mais críticas em outros momentos também) por não ter "figura". O tamanho reduzido e a capa pouco preenchida talvez tenham sido motivos para um desinteresse individual. Também a folha de rosto foi motivo para "insatisfação" de uma miúda, bem como a página em que a personagem sofre uma transformação, da imagem real (fotográfica) para a imagem caricaturada, "mascarando-se" de preto. Essa imagem levou a reações muito diversificadas.

*"Observador*: e este, quem gostou?

*Crianças*: eu!

*Sofia*: eu não gostei...

*Observador:* por que?

*Sofia:* porque... aqui, eu não gosto de cinzento... (mostra a folha de rosto, que está em preto e branco)

(...)

*Mafalda:* depois disse assim... sou o super-homem!

*Observador:* ah... ele virou o super-homem?

*João:* não consigo ver a cara dele... não sabemos se ele está a dizer: "super-homem".

*Observador:* você não sabe o que ele está a dizer... Não dá pra ver...

*Sofia:* está preto..."

Ao final, 2 crianças, uma influenciada pela outra, avaliam que não gostaram do livro porque "não tem a cara do senhor...".

O relevo não foi valorizado, sendo discreto demais para o grupo. Ninguém comentou sua presença diretamente, nem explicou de maneira clara a presença da imagem fotográfica do astronauta. Mas alguns sentiram.

"*Mafalda G.:* está aqui... está vestido de outra maneira... (passa a mão... percebe o relevo)"

As personagens foram identificadas: astronauta, canguru, brinquedos.

As crianças prenderam-se aos eventos principais e não se atentaram aos detalhes, que são muito ricos (outras personagens possíveis, mas que passam despercebidas). Falaram de um "mundo dos brinquedos" e um "mundo maluco". Divertiram-se no processo de criação.

"*Sofia:* ele foi..."

*Guilherme:* foi pra o chão...

*João:* foi pro sítio dos brinquedos...

*Observador:* pro sítio dos brinquedos? *uau...* é?

Todos concordam.

*Mafalda:* é o mundo do brinquedo...

*Sofia:* o mundo dos brinquedos, Mafalda... (corrige a amiga para frase no plural...)

*Observador:* que giro, o que tinha lá?

*João:* um dragão!

*Mafalda G.:* não, um canguru.

Olham, apontam, com carinhas de indagação.

*Mafalda G.:* tem montes de animais.

*Sofia:* tem seis... sete...

*Guilherme:* o canguru tem um pincel no rabo...

*Observador:* tem um pincel no rabo?

Guilherme ri-se divertindo-se... todos sorriem.

(...)

*Observador:* o que ele está a fazer?

*Sofia:* está na nave...

*Mafalda G.:* pra ir pra outro sítio, porque este sítio... estava maluco.

*Sofia:* estava tudo “à borla” e tava tudo a destruir...

*Mafalda G.:* “à borla”? (com ar de sátira)

*Sofia:* é, você sabe o que é “à borla?””

#### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m12s.

Nas duas primeiras páginas houve um teste do funcionamento pela maioria das crianças. Depois o livro não chamou a atenção da turma, a manipulação ocorreu sem grande entusiasmo. As dobraduras foram facilmente descobertas, depois da experiência inicial (aprendem o “funcionamento” do livro). Não ocorreram comentários significativos sobre o livro.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m17s.

A observação individual foi sem entusiasmo, mas a coletiva, produtiva. A ausência de letras foi comentada, agora de forma menos contundente. As cores foram muito citadas, tanto quanto as formas.

*“Observador:* e este, é diferente?

*Sofia:* é... não tem letras, não tem nada...

*Observador:* não tem nada?

*Sofia:* tem formas.

*Mafalda G.:* tem... olha... tem formas...

*Sofia:* geométricas!

*João:* esse é o quadrado, esse é o triângulo...

*Sofia:* triângulo mais um quadrado...

(...)

*Mafalda G.:* Uau... amarelo, vermelho, azul, branco...(folhando os círculos)

(...)

*Mafalda G.:* tem branco, vermelho... (página vermelha com círculo branco)

(vira para próxima)

*Mafalda G.:* amarelo, azul... (abre as abas)

(...)

*Mafalda G. (vira de novo):* um azul, um vermelho, branco (abre as abas)”

Houve ainda um momento de criação sobre as páginas: as crianças imaginaram uma delas como uma porta e brincaram com os dedinhos sobre ela.

As colagens “incomodaram” as crianças, que queriam testar tudo, saber como eram feitas, etc. Percebeu-se que o livro causou outros estímulos, como vontade de colar, desenhar, pintar, copiar as formas vazadas, jogar, etc.

*“Observador: e aí?... esse livro é giro ou não?”*

*Mafalda G.: é...*

*Observador: o que vocês gostam de fazer com ele?*

*Sofia : figuras geométricas.*

*Mafalda G.: gosto de colar uma folha...*

*Sofia: olha, e também podíamos emprestar um jogo que tem formas geométricas e desenhar uma coisa com essas formas...*

*(...)*

*João: me dá vontade de jogar play station... aqui uma bola... (mostra no livro)*

*Observador: e você? (para Mafalda)*

*Mafalda: gostava de pegar isso assim e fazer bolas com a caneta (mostra a página dos círculos e usa-a imaginariamente como um molde vazado).*

*Observador: ah... desenhar...”*

*(...)*

*Observador: gostaram deste livro?*

*Mafalda G.: adoramos...”*

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 11 minutos.

Observação Dirigida: 24 minutos.

Tempo total de atividade: 38 minutos.

#### ▪ **Livros preferidos**

Ao se indagar o “livro preferido”, as crianças começaram a fazer comparações, buscando tirar conclusões. Por exemplo, um tem páginas “que abrem” e o outro não, um tem letras na capa e o outro não, entre outras. Falaram dos livros que gostaram e também dos que não gostaram, justificando-se. Também protestaram: *Astronino* não tem a “cara do senhor” (um menino e uma menina); os livros “não têm histórias... minhas professoras disseram que tem que ter histórias...” (um menino).

Ainda, ao final, queriam olhar, desenhar, conversar. Viram alguns livros de novo.

Os preferidos:

*Oh!:* dois meninos e uma menina.

*“Todos”:* duas meninas (com entusiasmo).

#### ▪ **Observação geral sobre as crianças**

As crianças tiveram uma ótima participação, apesar das pequenas distrações. Viram todos os livros com calma e detalhes, sem correr. Algumas se destacaram, mas todas ficaram muito atentas. Eram inteligentes e observadoras. Algumas questionaram o fato do livro não ter letras e como um livro sem letras pode conter “uma história”. Foram momentos muito bons para trabalhar o conceito de “leitura” com as crianças. As crianças tinham temperamentos bem variados, o que levou a um equilíbrio, sendo que não existiram sobreposições ou dominações num sentido negativo.

#### **1.6.4. Crianças de 6 anos**

##### ▪ **Livro Geométrico**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m18s.

O livro não chamou a atenção da maior parte da turma, a manipulação ocorreu sem grande entusiasmo. As dobraduras foram facilmente descobertas, depois da experiência inicial. Não ocorreram comentários sobre o livro. Apenas uma menina prendeu-se um pouco mais. Ela e outra miúda levaram um tempo tridimensionalizando a primeira página.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m46s.

O livro, segundo a maioria das crianças, não servia para “contar história”, e sim, ver as cores e montar. Um menino queria levar o livro para seu pai aprender as cores (pelos detalhes apresentados presumimos ser o pai daltônico).

Apenas uma criança acreditou no potencial narrativo do livro, mesmo assim não desenvolveu nenhuma narrativa.

*“Observador:* o que mais podemos fazer com esse livro, dá pra montar, o que mais...

*Margarida:* dá pra inventar...

*Observador:* o que?

*Margarida:* histórias...

*Observador:* ele disse que não dava... (para Francisco)

*Margarida:* é com esse aqui não dá, mas com o outro dá...

*Mafalda:* mas com a imaginação dá...

*Observador:* o que dá pra imaginar?

*Mafalda:* histórias...

*Observador:* inventa uma pra mim então...  
(Murmúrios, risos....)”

As crianças ficaram bem atentas, queriam o tempo todo mexer. As meninas foram as que mais participaram. Mas ao final da manipulação perceberam a potencialidade das páginas, fazendo relações com figuras reais (parecer com algo) e manipulando as abas para encontrar composições diferentes.

“*Francisco S.:* dá pra por animais...

*Observador:* ah... as páginas podem parecer com alguma coisa?

*Crianças:* sim...

*Inês:* esse aqui... (aponta para o círculo, contorna-o)

*Francisco S.:* esse parece com o teto...

*Mafalda:* parece um foguete...

*Margarida:* um tapete...

(riem, mexem)

(...)

*Francisco B.:* gostei mais deste (mostra) porque tem uma forma de estrela...

Aqui parece um triângulo... (muda a aba de lugar)

*Margarida:* muda...

*Observador:* muda a forma?

*Margarida:* sim...

*Margarida:* isso parece uma estrela. Eu gostei mais desta.

*Francisco S. (abre só duas abas... olha, se admira...):* parece um coração...

Riem, ele continua a experimentar... as meninas lembram do jogo “quantos queres”, brincam com a página, querem colar figuras ali...

*Observador:* ah... dá vontade de colar, recortar depois que vemos o livro?

*Crianças:* sim...”

## ▪ Oh!

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m50s.

O livro prendeu a atenção de todas as crianças. Foi o que permaneceu mais tempo com cada uma, chamando sempre a atenção das crianças ao lado de quem o manipulava. Houve expressões de riso, admiração, diversão. A dificuldade motora demonstrada pelas crianças menores estava superada nesta turma, mas ainda faziam orelhas nas páginas. A maioria das crianças se prendeu às páginas triplas, mas uma criança fixou-se nas duplas, no ponto de transformação da imagem.



*Observação Dirigida:*

Tempo: 5m4s.

O livro despertou grande interesse. A manipulação funcionou como uma brincadeira de adivinhar. Organizaram-se de forma que um perguntava e os outros respondiam. As crianças atraíram-se tanto pelas páginas duplas quanto pelas triplas. Atentaram-se para a brincadeira em si e nem tanto para pequenos detalhes das ilustrações:

*“Francisco B.: esse é giro (risos...)”*

*Observador:* para que, para contar histórias, para ver...

*Inês:* para ver.

*Margarida:* para ver e para imaginar...

(...)

*Observador:* dá para imaginar o que está depois, é isso?

Afirmam com a cabeça, rindo.

*Francisco S.:* vou tentar adivinhar...

*Inês:* eu acho que é um peixe.

*Margarida:* é um peixe.

*Mafalda:* eu também acho que é um peixe...

*Francisco S.:* um peixe gordinho...

*Margarida:* essa aqui é a cauda (aponta para o cabo da mola...).

Abrem.”

Mais de uma criança percebeu a ligação entre as páginas (repete-se o elemento secundário):

*“Observador:* o que vai estar na página seguinte?

*Mafalda:* isso... (aponta para o cachimbo)

*Francisco S.:* Agora vai estar...

*Mafalda:* um gato.

(abrem)

*Mafalda:* o próximo vai estar um copo com uma pasta de dentes...”

As figuras foram lembradas da observação livre para a dirigida. As crianças divertiram-se com o livro:

*“Observador:* dá pra divertir?

*Crianças:* sim.

*Observador:* por isso vocês gostam?

*Mafalda:* é pra fazer rir...”

## ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m20s.

O livro não chamou muita atenção da maioria. Um comentário ou outro foi expresso por algumas crianças, sobre o balão e a flor.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m27s.

Começaram meio desanimados. Uma das meninas dominou a narrativa, descrevendo rapidamente as páginas. Algumas coisas diferentes surgiram, como a flor murcha ser um “moinho” (cata-vento), com o qual todos concordaram...

A ausência de cores causa certo desconforto na maioria. A princípio querem mudar, pintar.

*“Observador: e a cor deste livro?”*

*Francisco S.: eu gostei mais dessa (preto).*

*Inês: castanho, preto...*

*Francisco B.: castanho aonde?*

*Inês: tem cor de rosa... as unhas.*

*Observador: as unhas são cor de rosa?*

*Francisco B.: eu não consigo ver...*

*Mafalda: são brancas.*

*Observador: Acho que vocês estão com vontade de pintar... se este livro fosse seu, o que você fazia?*

*Francisco S.: pintava... pintava e recortava.*

*Mafalda: eu já não fazia isso eu deixava como é e pronto.*

*Observador: e você?*

*Margarida: eu também pintava*

*Observador: e você?*

*Inês: deixava como está.*

*Observador: e você?*

*Francisco B.: pintava.*

*Observador: falta cor aqui?*

*Crianças: sim.”*

Somente quando um deles percebeu os animais escondidos no “preto-e-branco” é que todos se interessaram pelo livro e perceberam o jogo que as cores possibilitavam.

*“Francisco S.: um bicho!*

*Observador: tem outras coisas escondidas...*

*Francisco S.:* oh, achei.

Alvorço, todos começam a notar muitas coisas em preto e branco.

*Francisco B.:* um escaravelho.

Não tinham visto.

*Francisco S.:* já tinha visto primeiro.

Folheiam e acham minhoca, aranha... formiga, uma espiga, uma abelha... querem ver tudo de novo”.

Quanto às transformações, foram percebidas pela maioria, sendo que uma das meninas as expressou claramente: “A maçã é a borboleta... transforma”.

#### ▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m45s.

Os detalhes de produção (colagens) só foram percebidos por uma menina, a mais centrada de todas as crianças. Dos demais, não houve muito entusiasmo ou comentários na manipulação individual, a não ser como uma forma de chamar a atenção um do outro.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m27s.

Este foi o penúltimo livro visto. As crianças já apresentavam-se mais cansadas e ainda frisavam a falta de “letras” e conseqüentemente de “história” .

*“Observador:* e esse aqui, tem uma história?

*Francisco B.:* não... acho que não...

*Observador:* falta algo aqui?

*Crianças:* sim...

*Observador:* o que?

Sorrisos...

*Inês:* tem uma história, mas depois tem que se escrever...

*Observador:* por que?

*Margarida:* não tem letras...”

As crianças ficaram atentas, mas não se prenderam muito aos detalhes das ilustrações. A imagem do astronauta transformado foi uma das que chamou mais atenção. As linhas pontilhadas atraíram, a sugerir movimento para os dedinhos. Só uma criança percebeu o relevo.

*“Margarida* passa a mão no desenho.

*Observador:* por que?

*Margarida:* parece que está colado...

Vira.

*Francisco S.:* campeão!

*Mafalda:* depois ele ficou todo pintado...

*Francisco S.:* e diz “campeão” (ergue os braços...)

(...)

*Francisco S.:* depois ficou sem cor...

*Mafalda:* como sabes? (vira)

Volta.

*Francisco S.:* pois se está a pingar... (mostra a tinta pingando – presume que ela irá acabar...)”

Descreveram o principal, inventaram pouco além das imagens sugeridas.

#### ▪ **The Red Book**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m41s.

O livro chamou pouco a atenção das crianças, de forma geral. Apenas algumas páginas foram percebidas, alguns detalhes mínimos. A maioria atrapalhou-se com a sobrecapa. Viram o livro rapidamente (menos uma criança), sem a possibilidade de apreender a riqueza de detalhes e narrativa que o mesmo traz.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m10s.

Duas das meninas dominaram a narrativa. A outra ficou atenta e os meninos dispersaram-se um pouco.

A ausência de texto aqui não foi questionada, nem a ausência de uma história, talvez pelo caráter já mais narrativo das imagens.

As dificuldades em identificar o sexo das personagens não foram percebidas nesta turma.

Muitos detalhes não foram destacados, mas o jogo metalinguístico sim, causando estranhamento. Foi interessante a tentativa das crianças de entender e explicar!

*“Inês:* acho que é este livro que ela descobriu... (aponta para o livro ilustrado nos braços da menina)

(...)

*Inês (sorri):* é este o livro! (aponta para o livro real)

*Observador:* é este livro? Vermelho?

(...)

*Inês:* (aponta para o livro na mão do menino) este livro é este (real)...

*Observador:* interessante...

Vira.

*Francisco S.:* ah, pois é...

*Margarida* (aponta, ri-se): é este (vira e volta... aponta para o livro na mão do menino e para o livro real.)

Vira.

*Inês:* e este livro é o que nós começamos (mostra os prédios do livro da menina).

*Francisco S.:* aqui é que é mesmo este (mostra página com quadros de prédios e livro real).

*Inês:* só que sem isto... (tira a sobrecapa)

*Mafalda:* já está igual..."

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 11 minutos.

Observação Dirigida: 27 minutos.

Tempo total de atividade: 40 minutos.

#### ▪ **Livros preferidos**

*Oh!:* dois meninos e duas meninas – concluíram que “é engraçado”.

*Astronino:* uma menina – “é engraçado”.

*The Red Book:* uma menina – “tem coisas divertidas”.

*Geométrico:* duas meninas – “dá pra aprender”.

Não gostaram muito: *Astronino* (um menino e uma menina) e *Balãozinho Vermelho* (um menino).

#### ▪ **Observação geral sobre as crianças**

As crianças tiveram uma ótima participação. Não houve dispersões contundentes, principalmente na segunda parte. Na observação individual alguns livros foram mal vistos.

Algumas crianças se destacaram, mas todas ficaram muito atentas. Eram inteligentes e observadoras. As dificuldades motoras já estavam superadas, algumas crianças eram muito cuidadosas.

Alguns elementos mais complexos das histórias foram parcialmente percebidos, bem como as surpresas visuais do *Balãozinho Vermelho* e do *Livro Geométrico*.

## 1.7. ANÁLISE COMPARATIVA DA ATIVIDADE 1: ESCOLAS PÚBLICA E PARTICULAR

Decidimos apresentar os resultados da *Atividade 1* com algum detalhamento, pois muitas vezes falaram por si. São muitos os elementos que influem na leitura de resultados tão específicos como estes. Por exemplo, a ordem em que a leitura ocorre (que, se fosse a mesma, prejudicaria sempre os últimos livros observados), a configuração das turmas (algumas possuem muitas crianças extrovertidas, outras mais tímidas; em algumas há certas atitudes que influenciam o grupo), fatores externos imprevistos que interferem na atividade, entre outros.

Num afinilamento maior das observações, apresentamos aqui os apontamentos principais, como que conclusões prévias que culminarão em afirmações mais gerais no fechamento desta investigação, altura em que pretendemos comparar as observações portuguesas e brasileiras.

As crianças de 3 anos ficaram sem termos de comparação em Portugal. No entanto, faltou-nos coragem para excluí-las totalmente da pesquisa, uma vez que as turmas participantes nos transmitiram ricas experiências. Uma delas foi a da escola privada portuguesa. A idéia de que crianças tão pequenas não perceberiam além do trivial nos livros de imagem escolhidos caiu por terra.

Na leitura individual, a atração por este ou aquele livro foi influenciada pela visibilidade que o mesmo proporcionou. O livro *Oh!* mostrou-se atraente pelo seu tamanho. Afinal, a capa chama a atenção às avessas, uma vez que valoriza justamente o branco do papel. É o formato, portanto, que atrai a criança. Além disso, a leitura individual acaba por ser naturalmente coletiva quando outras crianças estão por perto. As figuras atraem dos pequenos aos mais crescidos. O livro não gerou nenhum tipo de narração, somente comentários e diversão.

Outro livro atrativo foi o Livro Geométrico. Este era justamente o livro que mais lhes exigiam motoramente, com formatos de página diferentes. Essa exigência não intimidou os pequenos, que, ao contrário, sentiram-se estimulados a pesquisar novos processos de virar páginas, ou seja, novas formas de “ler” esses livros. Por outro lado, livros não narrativos, como *Oh!* e Geométrico, foram taxados como livros “para ver”, “para mexer”, como se faltasse neles o *status* do texto. Isso já foi percebido numa turma de 3 anos e repetiu-se em outros momentos.

Os outros livros, sem maiores apelos, não estimularam tanto a leitura livre, salvo em casos pontuais de crianças mais cuidadosas ou mais atentas, o que se percebia até mesmo na forma como viravam ou observavam as páginas. Já quando tratamos da leitura coletiva, percebemos as possibilidades de tais livros. Entre os pequenos, não faltou ânimo para criar. O livro *Astronino*, por exemplo, repleto de pequenas imagens fantasiosas, levou a narrações bem criativas.

O mesmo ocorreu com o Balãozinho Vermelho. Elementos ambíguos propositadamente presentes levaram as crianças a uma busca criativa de respostas. Algumas imagens que poderiam ser consideradas “difíceis”, pelo certo grau de abstração e a ausência propositada de cores, foram legíveis a algumas crianças desta idade.

Os livros de imagem mostraram-se eficientes em um processo de leitura estimulado, ou seja, na leitura dirigida todos os livros foram aproveitados, quer gerando narrativas, proporcionando experiências perceptivas, quer estimulando a imaginação.

Em se tratando das crianças de 4 anos, passamos a ter duas turmas observadas. Coincidentemente, a leitura coletiva ocorreu em uma seqüência parecida nas duas turmas, o que torna a comparação ainda mais precisa.

Os dois grupos apresentaram-se bem mais agitados que os de crianças menores e houve uma dispersão nos dois casos, porém, com características diferentes. Também nota mos uma influência maior de comportamento entre eles, onde os percebidos como “líderes” eram imitados por alguns colegas. Isso notou-se nas duas escolas.

Na escola pública, tivemos uma leitura individual longa e bem aproveitada pela maioria das crianças. Na verdade, essa “individualidade” é relativa em se tratando de um grupo de amigos. A criança é, em grande maioria, espontânea e gosta de dividir o que vê. Os livros proporcionaram isso, principalmente Oh! e o Balãozinho Vermelho, que, curiosamente, envolveram igualmente as duas turmas.

Já a leitura dirigida teve, na escola pública, um estranho desinteresse inicial, pouco observado em outras ocasiões. Na escola particular, a dispersão foi no final, o que consideramos normal, dado o tempo decorrido. Assim, enquanto os livros mais explorados na escola particular foram os primeiros, na pública, foram os últimos, sendo que o último, o Geométrico, teve uma das melhores manipulações de todos os grupos. As crianças falaram, tocaram e chegaram a detalhes como as diferentes texturas dos papéis presentes no objeto.

Na escola particular, os livros contaram com uma leitura, de certa forma, superficial, pouco detalhada. Houve a percepção da ausência de letras, o que não apresentou-se como problema. Os demais nada observaram.

As turmas de cinco anos diferiram das anteriores (de 4 anos), nas duas escolas, mas principalmente na escola particular, onde as crianças se destacaram.

As dificuldades motoras pareceram superadas pela maioria. Os livros mais difíceis nestes termos (Oh!, Geométrico) foram observados sem maiores limitações.

Houve também uma evolução com relação à percepção de alguns elementos dos livros, antes não notados. No Oh!, o elemento de ligação entre uma página e outra (repetição do elemento de forma não muito idêntica) foi percebido pela primeira vez (por uma criança da escola privada). A irrealidade dos elementos atraiu as crianças, os disparates não incomodaram, mas divertiram-nas. Também na turma da escola particular, o livro

Balãozinho Vermelho causou discussões. A ausência de letras foi notada, bem como a “ausência” de cores. Pareceu-nos já estar a estabelecer-se na mente de algumas crianças padrões para os livros, onde a cor abundante é um deles. A ausência de letras também causou uma resistência inicial, não notada antes. O livro *The Red Book* apresentou, tanto na escola pública quanto na privada, um detalhamento maior. Mesmo assim, ainda não foram estas turmas que se envolveram com maior profundidade. O que não se conseguia explicar era logo deixado de lado, sem muitas preocupações.

Com as crianças de 6 anos, tivemos uma evolução razoável em alguns itens da observação.

O livro *Geométrico*, que a princípio poderíamos julgar ser atrativo apenas para os muito pequenos, envolveu bastante as duas turmas, principalmente na observação dirigida. O fato deste livro não permitir o desenvolvimento fácil de narrativas levou as crianças a explorá-lo de maneira mais lúdica. As crianças de 6 anos nas duas escolas procuravam comparar as formas abstratas do livro com figuras do mundo real. Assim, brincavam com as páginas. As crianças da escola pública também manifestaram o desejo de realizar outras atividades com o livro, como pintar, recortar, desenhar.

O livro *Oh!* levou a muitas crianças diversão e seu caráter lúdico acentuou-se nestas turmas de crianças maiores. As dificuldades de manipulação ou identificação de algumas figuras parecem superadas. Na escola pública, o livro gerou interessantes exercícios da linguagem oral, onde seus personagens pouco comuns receberam nomes e identificações à altura. Na escola particular, um maior número de detalhes foi percebido nas ilustrações, como as repetições.

Foi também nestas turmas que o livro *O Balãozinho Vermelho* também foi visto de forma mais completa. Depois de uma das crianças (da escola particular) ter descoberto nos emaranhados de traços pretos alguns insetos, uma caça aos bichos foi iniciada e as páginas foram vistas como um todo. Só então a ausência de outras cores deixou de ser um incômodo. Na escola pública, tais elementos não foram notados, porém a ausência de cores não foi um problema, mas levou as crianças a um processo de leitura bem criativo.

Foi também na turma dos maiores que o livro *Astronino* foi melhor explorado. O relevo foi percebido nas duas turmas, o que só havia ocorrido de maneira esporádica entre os menores. Gerou boa narrativa nas duas turmas.

O livro *The Red Book* também teve uma observação mais apurada pelas crianças de 6 anos, principalmente da escola particular. Os elementos “fantásticos” da história foram percebidos e criativamente explicados. Aliás, nota-se esse interessante potencial dos livros sem texto. A solução para as ambigüidades que se apresentam são as mais variadas e esta é, sem dúvidas, uma mais valia para a criatividade.

No geral, não notamos grandes diferenças entre as crianças. A recepção dos livros, apesar de algumas diferenças, mostrou-se possível desde as crianças menores até as maiores, sendo que estes últimos não apresentaram um desestímulo pela ausência do texto. Ao



contrário, os livros foram considerados “muito bons, giros, os melhores”, não sendo a ausência de texto um item desclassificatório (isso só ocorreu pontualmente em uma turma, com duas crianças, uma influenciada pela outra).

Algumas crianças destacavam-se das outras. Mesmo assim, notamos que não são somente as mais extrovertidas aquelas que aproveitam destes livros. Há muita atenção, sorrisos e gestos por parte daqueles que não falam muito.

## **1.8. AS RELAÇÕES CRIANÇA-LIVRO SEM TEXTO MEDIADAS PELO EDUCADOR: A ATIVIDADE 2**

Achamos importante uma visão destas crianças em um grupo maior, bem como o aproveitamento da oportunidade de vislumbrar a relação de outras crianças e professores com livros sem texto. Assim, propusemos uma segunda atividade, aceita pelos envolvidos.

A *Atividade 2* deu-se em sala de aula. As crianças observadas anteriormente em pequenos grupos inseriram-se em suas turmas habituais. Com as professoras da sala de aula observaram um novo livro sem texto e puderam ouvir e contar histórias com seus colegas. O objetivo de tal atividade foi observar o comportamento das crianças selecionadas para a *Atividade 1* em seus grupos, verificando se houve ou não um destaque ou participação maior das mesmas em consequência da atividade anterior. Inevitavelmente as relações dos professores e das outras crianças da sala com os livros acabaram por tornar-se um elemento de observação.

Antes do desenvolvimento desta atividade em conjunto com o professor, lembramos que o mesmo foi entrevistado. Na entrevista foi também orientado sobre esta atividade. Cada professor teve a liberdade de escolher o livro que usaria para uma sessão de leitura em sala de aula, entre quatro opções diferentes, não usadas na *Atividade 1*. São os “livros complementares” já analisados no *corpus* desta pesquisa.

A orientação dada ao professor foi permitir a máxima participação por parte das crianças. Não deviam “contar uma história”, mas permitir a criação das crianças sobre o texto visual oferecido.

Como não era possível a filmagem de tal atividade, por questões “legais”, a mesma foi observada e os fatos mais relevantes, destacados.

### 1.8.1. Descritivo resumido da *Atividade 2* : escola pública

Analisamos a situação vivida em cada sala no contexto da *Atividade 2*. A escola pública apresenta quatro salas, como já descrito anteriormente.

#### ▪ Sala 1

Livro escolhido: Looking Down.

Total de crianças: 21.

Tempo: 35 minutos.

Data: junho/2007.

A sala de aula é multiuso, ampla e arejada. A escola é nova e tem uma boa estrutura. A sala conta com vários ambientes, incluindo-se uma estante com livros que as crianças podem pegar todos os dias. É ricamente decorada, principalmente pelos trabalhos das próprias crianças. Em um desses ambientes, há um grande tapete e pequenos sofás e almofadas.

Para a história coletiva, a professora usou o tapete. As crianças sentaram-se no chão, formando um grande círculo, integrado também pela professora e pela auxiliar.

A professora teve uma postura muito adequada na atividade. Primeiro apresentou o livro, as crianças observaram a capa e que o mesmo não tinha letras. Viram as primeiras páginas.

*“Professora: Vamos fazer uma história...*

*Abre o livro.*

*Criança: vamos viajar de foguetão.*

*Criança: o planeta Terra.*

*Criança: a Lua...*

*Criança: é uma casa desmanchada... (satélite)”*

Depois a educadora criou um clima para a imaginação. Colocou o livro como a janela de um foguete, onde estavam as crianças. Todos se prepararam, puseram roupas e cintos de segurança imaginários.

Um outro fator relevante foi que a professora interferiu muito pouco nos comentários das crianças, limitando-se em muitas páginas a virá-las. Contam-se somente algumas frases dela, como “o que vêem?”, ou “o que é isso?”. Houve também grande versatilidade da educadora no aproveitamento do livro. Descrevemos o final... e reinício da leitura encaminhado por ela:

*“Professora: onde vamos aterrar?*  
*Criança: no aeroporto.*  
*Professora: estamos com um grande problema...*  
*Criança: na última página...*  
*(...)*  
*Criança: vamos aterrar em cima do menino...*  
*Vira a página.*  
*Criança: vamos aterrar em cima de uma joaninha...*  
*Professora: o que é isso?*  
*Criança: cabelo...*  
*Vira a página.*  
*Crianças gritam...*  
*Professora: andamos a viajar.*  
*Criança: na nossa imaginação!*  
*Professora: vamos criar a história ao contrário?*  
*Criança: era uma vez uma joaninha...*  
*Criança: que vivia na relva.*  
*Criança: um menino estava a ver a joaninha...*  
*Criança: estávamos a afastar...*  
*Criança: da bicideta.*  
*Criança: das casas.*  
*Criança: da cidade.*  
*Criança: do rio.*  
*Criança: das nuvens.*  
*Criança: o mar... Atlântico.*  
*Professora: vamos sair da atmosfera... 1,2,3,4,5....*  
*Todos tremem. Crianças identificam Terra, Lua, outro planeta... (1ª página)”*

Quanto às crianças, demonstraram um prazer visível nesse jogo. Envolveram-se, não houve dispersão nem dificuldades por parte das crianças em imaginar e/ou identificar elementos. Todas as crianças que participaram da primeira atividade (1), incluindo do estudo-piloto, estavam presentes e foram ativas na *Atividade 2*, inclusive sendo duas destas as mais participativas.

## ▪ Sala 2

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 21.

Tempo: 18 minutos.

Data: junho/2007.

A atividade deu-se em sala de aula com a mesma estrutura da sala 1, mas uma decoração própria. As crianças se sentaram no chão, de frente para a professora, que ficou em uma cadeira pequena. A educadora mostrou a história rapidamente e perguntou o que tinha de diferente. As crianças perceberam a ausência de letras. Uma delas prendeu-se ao formato do livro: “O livro tem um quadrado que os outros não tem.”

A educadora começou pela capa, que as crianças descreveram. Falou bastante, acabou por dominar a narrativa. Foi-lhe difícil dar liberdade aos alunos. Seguiram todos a história linearmente. O próprio livro contribuiu para isso. Antes do fim, a professora recapitulou a aventura. As crianças acompanharam bem, lembravam-se da seqüência narrativa. Ao final, a professora pediu que dessem nomes para a história.

Quanto às crianças, deram nomes para os personagens todos. Identificaram bem a seqüência. Algumas comentaram que a história era muito grande. Outras perceberam o desfecho da história na penúltima página e o anteciparam.

As crianças da *Atividade 1* presentes (quatro) tiveram uma participação oral mínima, mas permaneceram muito atentas. Dois dos meninos estavam muito tímidos. A criança que se destacou, uma menina, não pertencia a este grupo.

### ▪ Sala 3

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 16.

Tempo: 40 minutos.

Data: junho/2007.

A sala tem a mesma estrutura das anteriores, mas cada educador imprime seu estilo à decoração. Há um canto usado para leitura e teatro. Para a atividade, as crianças se sentaram de frente para a professora, que estava em uma cadeira pequena.

A professora iniciou mostrando o livro: “Por que é diferente?”. As crianças logo perceberam a ausência de texto. Professora e crianças seguiram a história de forma linear.

Os lugares que apareciam (ambientação) eram sempre explorados pela professora. Por exemplo, ela perguntou “qual o lugar que vende bolos?”. As crianças davam muitas respostas, inclusive uma inusitada: “Bolaria”. Mesmo com a participação das crianças, a professora foi quem contou a história, dominando a narrativa. Todos ficaram bem presos à história principal.

As crianças identificaram bem a seqüência narrativa, deram nomes às personagens. A atividade demorou um pouco e as crianças se cansaram.

Três crianças que participaram da *Atividade 1* estavam presentes e duas delas tiveram boa participação oral, mas todas permaneceram muito atentas. A criança que se destacou na atividade, uma menina, não pertencia ao grupo inicial.

#### ▪ Sala 4

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 11.

Tempo: 40 minutos.

Data: julho/2007.

A sala, estruturalmente igual às anteriores, não apresentava um lugar preparado para a leitura. As crianças se sentaram de frente para a professora, esta em uma cadeira pequena.

A educadora mostrou o livro e disse para as crianças que ele não tinha letras. Manteve as crianças quase imóveis. Elas tiveram dificuldades em ver o livro, que apresenta figuras muito detalhadas.

A professora centrou-se em uma das crianças, como sendo esta a “mais criativa” e não incentivou muito as outras a falar.

Ela interferiu pouco na narrativa e deixou as crianças soltas para narrar, mas não as estimulou muito. Essa atitude teve duas implicações:

- Boa: as crianças criaram mais, usaram sua imaginação. A história contada de uma forma mais livre cansou menos, pois as crianças pulavam parte da narrativa. Depois de acabarem (30 minutos de atividade), elas quiseram, inclusive, contar de novo.
- Ruim: com a narrativa entregue aos alunos, a personagem principal se perdeu, ficou esquecida e as crianças dispersaram-se, perderam vários detalhes interessantes, além da riqueza da história, que era encontrar a personagem na cena. Ao final, uma criança lembrou-se: “Ele voltou pra terra dele e teve muitos filhos” (referindo-se ao pequeno ratinho da história).

Assim, não houve equilíbrio por parte da professora. O ideal seria estímulo somado à liberdade.

Das três crianças que participaram da *Atividade 1* presentes (duas meninas e um menino), uma menina teve boa participação oral (lembrou-se até do nome da investigadora). Ela queria ter falado mais, mas a professora destacava outra criança. O menino se dispersou. A outra menina ficou atenta, na medida do possível, pois era bem pequena.

A criança que mais se destacou, uma menina, não pertencia a esse grupo. Era impelida constantemente para falar pela docente (a “preferida” para contar histórias), em detrimento de outras crianças.

## **1.8.2. Descritivo resumido da *Atividade 2*: escola particular**

### ▪ **Sala 1**

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 13.

Tempo: 40 minutos.

Data: junho/2007.

A atividade desenvolveu-se na sala da turma. Era um local amplo, com ambientes variados. Havia uma estante, tipo um estande, onde se encontravam alguns livros acessíveis às crianças. Para a história, a professora se posicionou sobre um tapete, sentada no chão, com as crianças a sua volta.

A professora começou explicando que o livro era diferente porque não tinha textos.

Eles descreveram as partes de um livro: capa, contracapa, etc.

Conversaram sobre a capa para tentar descobrir sobre o que era a história. Viram primeiro todo o livro em silêncio, muito atentos. Depois voltam ao começo, quando a professora explorou a folha de guarda que traz uma textura visual:

*“Professora: o que parece?”*

*Crianças: céu, vento, mar, noite...”*

Seguiram a leitura página a página. A professora não contou a história, mas fez muitas perguntas, em cima da história que as crianças iam inventando, complementares. Ela aproveitou bem o livro e seus detalhes. O livro mostrou-se longo para a turma mista de crianças, era difícil todos verem.

A educadora procurou dar oportunidade a todas, chamando as crianças pelo nome e passando a vez de continuar a contar a história.

Algumas crianças não quiseram participar oralmente, mas todas olharam atentas o livro por um bom período. Os maiores participavam mais. Os menores dispersaram um pouco a meio.

A narrativa inventada foi linear e descritiva, com algumas variações e comentários interessantes:

- a água do vazamento da casa do ratinho ia afundar a cidade;
- o rato ia morrer quando caiu no lixo;
- o rato foi comprar um telefone pra ligar pra casa;
- o cão comeu o rato... mas cães não comem ratos.

As crianças gostaram muito do final da história. Concluíram que o rato teve “muita sorte” e foi bem esperto. Elas viram a saída do rato do ninho como um acidente e acharam que ele queria voltar pra casa.

Ao final, estimulados pela educadora, conversaram como proceder se perdessem da mãe: com quem falar, que deveriam decorar seus endereços, etc.

Das crianças que participaram da *Atividade 1*, quatro no total, duas tiveram ótima participação oral. As demais permaneceram atentas.

## ▪ Sala 2

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 16.

Tempo: 30 minutos.

Data: junho/2007.

A atividade desenvolveu-se na sala de aula. Era um local amplo, com ambientes variados. Havia uma pequena prateleira com alguns livros acessíveis às crianças. Para a história, a professora se posicionou sobre um tapete, sentada no chão, com as crianças à sua volta.

A professora inicia a leitura:

*“Professora: é um livro divertido.*

*Criança: divertido que não tem história (quis dizer letras...)*

*Professora: Quem é o personagem principal?”*

Daí, deram nome ao personagem principal (Cusco), falaram da capa, descreveram o que viram e opinaram. A professora seguiu contando a história, sempre dando oportunidades para as crianças falarem. Mesmo assim, interferiu bastante e guiou a narrativa. Ela ia

fazendo perguntas sobre situações, lugares, etc., e a história correu de forma linear, sempre à procura do ratinho.

Sete das crianças participantes da *Atividade 1* estavam presentes. A maior parte delas participou ativamente da leitura. Outras crianças da sala também se sobressaíram.

### **1.8.3. Análise comparativa da *Atividade 2*:**

#### **escolas pública e particular**

Consideramos a realização da *Atividade 2* uma ótima oportunidade para contatar outras crianças e vê-las em sala de aula. Tivemos uma maioria de professores participantes na escola pública e, assim, um maior número de leituras coletivas nesse estabelecimento.

Procuramos, em primeiro lugar, observar a participação das crianças da *Atividade 1*. Em cinco das seis salas envolvidas, crianças da *Atividade 1* participaram oralmente, e se não foram aquelas que mais se destacaram na sala, estiveram entre as mais participativas. Apenas em uma sala não houve participação oral de alguma destas crianças, mas houve atenção.

Esse fator se tornou apenas um nesta observação. O importante foi notar que as crianças vêm com bons olhos este tipo de publicação, as recebem com alegria. Houve um bom nível geral de atenção e participação. Confirmamos o que já havíamos notado na *Atividade 1*: os livros sem texto são bem aproveitados mediante estímulo.

Quanto aos livros utilizados nas salas, foi uma pena a escolha das docentes recaírem sobre o mesmo livro em uma maioria maciça. O livro escolhido era um pouco extenso, o que levou a atividade a ficar um pouco cansativa. Percebemos que era também o mais narrativo, o que permitiria uma atividade mais familiar aos docentes e crianças e isso motivou a escolha.

A sala onde a atividade fluiu melhor (escola pública) foi exatamente a única onde uma opção diferenciada foi feita. Das outras turmas, destacamos uma da escola privada, onde a docente demonstrou uma liberdade um pouco maior com o livro sem texto escolhido.

Entendemos ter sido um estímulo o uso do texto visual para algumas educadoras enredarem-se por novas propostas do gênero. Mas percebemos que ainda falta familiarização e até mesmo acesso a esse tipo de material. Relembramos que a nossa seleção de livros sem texto contou basicamente com livros estrangeiros, em sua maioria não editados em Portugal. Das professoras participantes, três estavam em vias de reforma, o que pareceu-nos, pelo menos em duas delas, um desestímulo para a experimentação de novas propostas.



## 2. PESQUISA DE CAMPO NO BRASIL

Para o desenvolvimento da pesquisa no Brasil, contamos com contatos preliminares, principalmente por via eletrônica. Com os primeiros trâmites realizados, documentos foram assinados oficializando o trabalho. No caso da escola pública, há uma Secretaria da Educação para autorizar o trabalho. Já na escola particular, a direção da mesma foi nosso contato.

### 2.1. ESCOLHA DO CAMPO DE PESQUISA

No Brasil, o “campo” é uma escola pública em um bairro de classe média e uma escola privada em um bairro de classe alta, ambas em Bauru, localizadas no estado de São Paulo. Detalhamos a seguir estas escolhas.

A organização política brasileira caracteriza-se de forma diferenciada, devido ao tamanho do território que ocupa, um dos maiores do mundo. Assim, o país é dividido em regiões. São cinco. Cada região divide-se em estados, 26 ao todo, mais um distrito federal, onde se localiza a capital do país, Brasília. Estes estados, por sua vez, dividem-se em cidades. A cidade de Bauru localiza-se no estado de São Paulo, cuja capital é São Paulo, a maior cidade de toda a América do Sul e uma das mais populosas do mundo. O estado de São Paulo concentra mais da metade do PIB (produto Interno Bruto) do país e conta com alto desenvolvimento industrial e comercial. Bauru localiza-se no centro do estado e é uma cidade de porte médio, com características urbanas e comerciais. Vale salientar o grande número de escolas da cidade, com destaque para as universidades. É nesta cidade que se localiza o campus da UNESP.

Como basicamente todas as cidades do estado, Bauru possui pessoas de todas as classes sociais, que geralmente se organizam em zonas (bairros) específicas da cidade.

No site “wikipédia” consta o seguinte texto: “Localizada na região central do Estado de São Paulo, Bauru, aos 111 anos, é a cidade do interior do Estado que reúne a melhor estrutura para a implantação de empreendimentos Industriais e Comerciais.” (www.wikipedia.org, acesso em 20/03/2008)

Alguns dados atuais (2007):

- População: 356.680 habitantes.
- Área: 674 km<sup>2</sup>.
- Distância da capital do estado: 345 km.

- Cidades limítrofes: Reginópolis (Norte), Piratininga (Sul), Agudos e Pederneiras (Leste), Avaí (Oeste).

Assim como em Portugal, escolhemos uma escola pública e outra particular.

As escolas públicas que atendem a faixa etária pretendida são as EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil), atendendo atualmente crianças até os 6 anos. No período da pesquisa (2007) as crianças iniciavam o primeiro ciclo com 7 anos. Este ano foi implementada no país a idade de 6 anos para início do 1º ciclo, como ocorre em Portugal.

Já as escolas particulares podem abranger ciclos diferentes, começando no berçário e incluindo, no caso de algumas, o ensino secundário.

### 2.1.1. Escola pública

A EMEI solicitada para a pesquisa entrou em funcionamento em 1986 e já é bastante conhecida na cidade. Encontra-se em um bairro de classe média e média-alta. Abrange, no seu grupo de alunos, crianças que residem e crianças cujos pais trabalham na zona, atendendo, portanto, um grupo heterogêneo, com uma bagagem cultural e nível econômico diversos.

A escola mudou-se para o prédio atual em 1996 e é uma das mais bem estruturadas EMEIs da cidade, dentro das limitações que se apresentam nestas escolas, se comparadas à rede particular. Possui uma pequena estrutura administrativa, cozinha, refeitório, salas de aula amplas, porém pouco equipadas, casas de banho, parque infantil e uma pequena sala transformada em “casinha de bonecas”, onde foram realizadas as filmagens.

Quanto às suas opções pedagógicas, como uma escola pública brasileira, segue as diretrizes curriculares básicas do governo. O Conselho Nacional de Educação, pela Resolução nº 1 de 13 de abril de 1999, da Câmara de Educação Básica, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a serem observadas na organização das propostas pedagógicas das instituições integrantes dos diversos sistemas de ensino. Esta é a diretriz vigente até o momento<sup>60</sup>.

“Art.3º - São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

I- As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem respeitar os seguintes Fundamentos norteadores:

A. Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade, e do Respeito ao Bem Comum;

B. Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;

C. Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.”

---

<sup>60</sup> Dados fornecidos pela diretoria da escola pública brasileira participante da pesquisa.

O desenvolvimento do currículo anual leva em conta, também, os princípios estabelecidos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, do Ministério da Educação:

“O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas na suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc..

O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética.

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma.

O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (RCNEI, vol.1, p.13).”

No ano de 1996, a Secretaria Municipal de Educação, do Município de Bauru, elaborou a Proposta Pedagógica de educação Infantil do Município de Bauru, fundamentada nas teorias de Piaget e Vygotsky, desenvolvida através de comissões e subcomissões compostas por professores, diretores, especialistas e equipe pedagógica da Secretaria da Educação. O projeto desta escola considera, ainda, essas diretrizes. A presença de ideais, tanto piagetianos quanto vygotskianos, enquanto não contraditórios, permeiam os objetivos e as atividades propostas.

Na altura da pesquisa, as turmas organizavam-se da seguinte forma: crianças de 3 anos (maternal), crianças de quatro anos (jardim I), crianças de 5 anos (jardim II) e crianças de 6 anos (pré-primário). Para as crianças que passavam período integral na escola, havia ainda uma turma mista para o período da tarde. Como as turmas organizavam-se por idade já na altura da pesquisa, cada grupo pesquisado pertencia a uma única sala de aula e professora.



**Figura 425:** sala pronta para a atividade proposta na escola pública.

### 2.1.2. Escola particular

A Escola particular é uma das pioneiras na cidade de Bauru e tem 40 anos de existência.

O prédio é amplo, instalado em mais de 3000 m<sup>2</sup>. Conta com uma grande área aberta, verde, com parque infantil bem equipado, mini-cidade, jardins com alguns animais, horta, pomar, quadra coberta, refeitório, cantina, sala de informática, laboratório de ciências, salas de aulas com estruturas diversas.

Atende crianças na faixa etária de 01 a 06 anos, do Mini-Maternal ao Pré-primário, atualmente chamado 1º ano - Classe de Alfabetização.

A escola trabalha com uma proposta sócio-construtivista <sup>61</sup> (ênfase na construção do conhecimento através da ação da criança, sob uma ótica social, histórica e cultural). Em termos curriculares, atividades que visam o desenvolvimento motor, perceptual, lógico matemático, artístico-cultural, além do desenvolvimento da linguagem são desenvolvidas. A organização curricular modula-se por meio da realização de projetos. A escola também possui material didático próprio. Somam-se as atividades extracurriculares oferecidas (línguas, música, artes, desporto), bem como visitas, passeios, acampamentos e festas.

Como as turmas organizavam-se por idade já na altura da pesquisa, cada grupo pesquisado pertencia a uma única sala de aula e professora.



**Figura 426:** sala preparada para atividade proposta na escola particular.

---

<sup>61</sup> Essa linha pedagógica toma por referência os trabalhos de Vygotski e seus sucedentes

## 2.2. AS CRIANÇAS PARTICIPANTES

Com a autorização dos órgãos competentes, assim como em Portugal, passamos à escolha das crianças, contando, principalmente, com os professores. Os mesmos princípios de escolha usados na primeira pesquisa de campo, em Oeiras, foram aplicados nas escolas brasileiras, procurando firmar os padrões metodológicos já delineados e aplicados anteriormente.

Contamos com:

### ESCOLA PÚBLICA

idades	meninos	meninas
3 anos	2	3
4 anos	3	2
5 anos	3	2
6 anos	2	3
total	10	10

### ESCOLA PARTICULAR

idades	meninos	meninas
3 anos	2	3
4 anos	2	3
5 anos	3	2
6 anos	2	3
total	9	11

## 2.3. QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS

Aplicamos no Brasil os mesmos procedimentos metodológicos, não sendo necessários ajustes em termos de questionários e entrevistas.

### 2.3.1. Crianças

O modelo de questionário usado junto às crianças brasileiras é idêntico ao português em conteúdo, diferindo apenas alguns termos, como que numa tradução (verificar anexo 3).

Os questionários preenchidos e devolvidos pelos pais das crianças participantes não atingiram a totalidade. Tivemos um retorno de 90 por cento na escola pública (18 questionários de 20) e 75 por cento na escola particular (15 questionários de 20). Assim, não usaremos esses dados de forma quantitativa. As informações obtidas, porém, representam maiorias e não devem ser desprezadas. Apresentaremos então, ao invés de estatísticas, comentários gerais sobre tais resultados, destacando-se apenas os fatores relevantes.

Nas escolas brasileiras, os quesitos de idade foram todos respeitados a 100 por cento pelas instituições (não temos todos os questionários, mas temos as datas de nascimento fornecidas pelas escolas).

O número entre meninos e meninas respondentes foi praticamente igual.

A estrutura familiar das crianças pôde ser percebida, onde todas viviam com suas mães, porém um quarto das crianças da escola particular não viviam com o pai, contra dois terços das crianças da escola pública. Assim, era razoável o número de crianças que não viviam com ambos os pais. Dois dos pais não foram citados nos questionários (escola pública). Os irmãos estão presentes em pouco mais da metade das famílias, sendo pouco maior o número de famílias com mais de um filho entre as crianças da escola particular. Outros agregados foram pouco comuns, estando presentes em três famílias de crianças da escola pública.

Em se tratando da escolaridade dos pais, as diferenças entre a escola pública e a particular foram pouco mais visíveis.

Na escola privada, não havia nenhum pai com menos do que o terceiro ciclo completo. A grande maioria possuía ou graduação ou pós-graduação. As profissões apresentadas, apesar da pesquisa não buscar uma precisão quanto aos valores salariais das famílias, representam profissões bem remuneradas no contexto brasileiro, destacando-se um grande número de profissionais liberais atuantes na área da saúde (dentistas em maioria). Quanto às mães, a realidade da formação se repetiu de maneira quase idêntica. Destacaram-se também as profissionais liberais na área da saúde, as bancárias e as funcionárias públicas.

Já a escolaridade dos pais da escola pública diferiu um pouco, mas não drasticamente, uma vez que - como já foi salientado e para manter uma proximidade com as realidades portuguesas - escolhemos uma escola localizada em bairro de classe média e não uma escola periférica ou de bairro social ou empobrecido. Quase metade destes pais possuíam nível de escolaridade superior, seguidos de possuidores do 3º ciclo completo. Havia pequena representação nos níveis inferiores e nenhum pós-graduado. Apesar do alto número de graduados, as profissões não o refletiam, percebendo-se pouca atuação nas áreas de formação, uma vez que as profissões apresentadas pouco tinham a ver com uma formação superior específica: construtores, comerciantes, motoristas, cabeleireiros, etc. Quanto às mães, a maioria apresentava o terceiro ciclo completo como escolaridade, seguidas das com formação superior. Não havia formação inferior ao segundo ciclo completo e nem pós-graduadas. As profissões apresentadas também pouco refletiam formação superior: auxiliares administrativas foram o destaque, seguidas de comerciantes e profissionais da saúde.

A maioria dos pais e mães da escola particular trabalhava mais de 8 horas por dia, seguidos dos que trabalhavam de 6 a 8 horas por dia (no Brasil a jornada comum é 8 horas por dia, mas os profissionais que trabalham por conta própria sempre extrapolam essas cargas). Na escola pública, o quadro se repetiu, alterando-se apenas os horários das mães trabalhadoras, de 6 a 8 horas por dia na sua maioria. Um pequeno número de mães não trabalhava fora (3 das 33 respostas totais).

Levantamos também alguns dados da rotina das crianças nos dias de semana.

A maior parte das crianças da escola privada permanecia na escola por meio-período (até 4 horas). Já na escola pública havia um equilíbrio entre horários de meio período e período integral (até 8 horas).

Uma vez que os pais trabalhavam, o tempo restante das crianças fora da escola era passado, na escola particular, com profissionais (empregadas domésticas e babás) e, na escola pública, com parentes (avós).

Quanto às atividades fora da escola, os brinquedos pareciam ocupar a maior parte dos tempos livres durante a semana, seguidos da televisão e depois dos jogos e computadores. Não houve discrepância nos valores nas duas escolas.

As atividades extracurriculares não eram freqüentes nestes grupos, talvez pelas crianças da escola pública passarem muito tempo no ambiente escolar e as da particular encontrarem tais atividades integradas em seu currículo escolar.

As crianças pareciam não ocupar muito do tempo fora da escola ao ar livre ou na prática desportiva ou passeios. Um alento foi que as duas escolas pesquisadas apresentavam áreas verdes razoáveis e parques externos.

Nos finais de semana, o tempo gasto com as atividades ao ar livre, desporto e passeios aumentava substancialmente nas duas escolas, bem como o tempo gasto com

brinquedos e televisão. Quanto a computadores e jogos, apenas nas crianças da escola particular o tempo de uso aumentava, provavelmente porque essas crianças têm mais acesso às tecnologias, apesar de um uso controlado durante os dias da semana.

Os finais de semana eram passados junto aos pais, irmãos e parentes, aumentando-se o contato com outros familiares de forma visível por pelo menos metade das crianças (avós tios, primos, padrinhos, etc.).

Quanto ao contato das crianças com livros em casa, praticamente todas o tinham (apenas uma criança em cada escola não). As crianças da escola particular apresentavam um tempo maior com os livros em casa, numa diferença relevante. A maioria das crianças “lia” os livros sozinha ou com os pais, sem diferenças nas duas escolas.

Quanto aos gostos das crianças com relação aos livros, nem todos os questionários apresentaram observações, sendo que nada se destacou de forma desequilibrada. Comentou-se o gosto das crianças pelos livros bem ilustrados, coloridos, com animais, pelos contos de fadas. Alguns citaram os quadrinhos (banda desenhada) como leitura do gosto infantil. A relação dos pais com os filhos no âmbito da leitura pareceu concreta e foi citada pela maioria dos respondentes da questão, nas duas escolas.

### **2.3.2. Docentes**

Na entrevista contamos com quatro professoras da escola pública. Cada uma era responsável por uma sala de crianças com idades diferentes, como a organização escolar do estabelecimento necessitava. Assim, havia uma “especialização” da docente com determinadas idades, pelo menos naquele momento de suas vidas profissionais.

Das educadoras, todas tinham entre 20 e 25 anos de experiência docente. Apenas uma delas, com 24 anos de experiência, não tinha formação superior, e sim formação de nível técnico (isso era permitido no Brasil até pouco tempo atrás. Atualmente exige-se formação de nível superior para os novos contratados). Era também a professora mais antiga da escola, lá há 10 anos. As outras tinham entre 3 e 6 anos na referida escola. Duas das docentes faziam um horário parcial na escola (até 6 horas/dia) e as outras duas, integral (até 8 horas/dia). O número de alunos por sala girava em torno de 25 crianças. Não havia auxiliares de sala!

O tempo de atividades no estabelecimento era menor. Eram 3 horas e meia de atividades, com exceção dos alunos em regime integral. O tempo das crianças era dividido igualmente entre tempo dentro e tempo fora da sala de aula. Fora da sala lanchavam e brincavam ao ar livre, além de explorar o meio (que possuía algumas árvores e parque) e frequentar a “casinha de bonecas”.

O contato das crianças com os livros de literatura infantil não era diário. Enquanto as turmas de menores (3 e 4 anos) acessavam os livros de 3 a 4 vezes por semana, os maiores (5 e 6 anos) o faziam aproximadamente duas vezes na semana.



Percebeu-se que as crianças menores exploravam os livros de forma mais livre, pois as docentes descreveram leitura individual, com outras crianças e com os professores. Já nas turmas maiores, a leitura era desenvolvida, ou individualmente, ou acompanhada pelo professor (o “contar histórias”), em atividades que não duravam mais de 30 ou 40 minutos.

Quanto à existência de um espaço de leitura, tanto na escola, quanto na sala de aula, percebemos a deficiência de estrutura que as escolas públicas brasileiras geralmente apresentam. As salas são super aproveitadas. Nada ocupa espaço de maneira estática. Assim, nas salas de aula havia livros, mas estes ficavam em caixas, portanto, não acessíveis às crianças na hora de brincar, por exemplo. O espaço para a leitura era programado pelos professores e ficava ao seu encargo promovê-lo. Quanto aos livros disponíveis nas salas, as opiniões divergiram. Foram considerados suficientes pela maioria (um livro por aluno foi considerado número suficiente) e a qualidade variou entre bons (duas docentes), regulares (uma) e maus (outra). Quanto à renovação dos livros de sala, cada uma apresentou um sistema, de mensal a esporádico.

Quanto à existência de biblioteca, esta também era circulante. Os livros estavam disponíveis, mas não ocupavam um espaço próprio e, portanto, também dependiam de uma iniciativa docente para serem acessados. Esses livros foram avaliados como de qualidade regular pela maioria (uma única professora achava-os bons em sua maioria), e sua quantidade, suficiente. A renovação dos livros era anual, contando, inclusive, com doações dos alunos.

Quando questionamos as opiniões das professoras sobre os livros infantis, passamos a ter menos uniformidade de respostas.

Quanto aos critérios de avaliação de um livro infantil, houve diversidade de respostas. A ilustração encontrou um lugar de destaque em todas as pesquisadas. O bom texto era o mais importante para duas delas, enquanto que para as outras duas, era o menos importante! Os outros elementos variaram bastante de posição.

Metade das docentes igualou a importância dos conteúdos de texto e de imagem nos livros. As outras duas consideravam o conteúdo não verbal como mais importante para os pré-escolares, que ainda não estão alfabetizados.

Quando perguntamos sobre as características das ilustrações preferidas nos livros, obtivemos duas docentes que se apresentavam favoráveis aos livros menos convencionais em todos os aspectos (ilustrações menos realistas, que vão além do texto e usam técnicas inovadoras). Das outras duas, uma optou por livros com ilustrações realistas, mas que apresentassem elementos além do texto e técnicas inovadoras de ilustração. A outra dava preferência às ilustrações realistas, literais ao texto, mas com técnicas inovadoras.

Quando opinaram quanto às preferências infantis, a maioria acreditava que as crianças gostavam das ilustrações mais realistas (apenas uma delas achou que não havia um

padrão, todos os gostos eram viáveis, sem preferências) e também daquelas literais ao texto (duas docentes). Quanto às técnicas preferidas, as inovadoras eram, na opinião das professoras, as mais atraentes para a criança.

Todas as docentes manifestaram ser o design do livro infantil muito importante. Uma das professoras manifestou a opinião de que, para as crianças maiores, já não era tão importante as questões estéticas, e sim, a história do livro.

Quanto aos projetos escolares para a leitura e o livro, as atividades divergiam por sala. Todas se utilizavam da biblioteca circulante ao menos uma vez por semana, onde a criança levava um livro para casa. Todas as docentes também dedicavam tempo para contar histórias às crianças, com frequência variada (mais freqüente nas turmas de crianças menores). Uma das professoras disse realizar, de duas a três vezes por ano, a construção de livros de imagem com as crianças para, ao final, cada um contar sua história em classe.

Quanto às experiências anteriores com os livros sem texto, todas já as tinham tido. Foram tidos como livros que aumentam a criatividade das crianças, facilitam a produção de texto verbal. Uma das professoras salientou que as crianças não têm o costume de contatar com livros alternativos e que tais experiências precisam sempre de estímulo por parte do professor.

Na escola particular também contatamos com quatro professoras, cada uma responsável por uma sala de idade específica. A experiência docente apresentada era de 18 a 25 anos de magistério. Três delas tinham formação em pedagogia e apenas uma, formação técnica (com o nível superior em curso). Esta última atuava na escola há 19 anos. As demais tinham de 6 a 10 anos de casa. Uma das docentes trabalhava na escola a meio período (4 horas). As demais, a período completo (até 8 horas por dia). As salas apresentavam de 16 (maternal) a 20 alunos (as demais turmas) e contavam com uma auxiliar.

O tempo diário do professor com a turma pesquisada era de 4 horas. Passavam metade deste tempo em sala de aula e metade em outras atividades (os espaços verde e lúdico da escola eram excelentes) e lanche.

Tanto na turma dos menores (3 anos), quanto dos maiores (6 anos), o contato das crianças com os livros era diário. Nas demais, davam-se de 3 a 4 vezes por semana. Os livros eram lidos a sós, com outras crianças e com os professores, em momentos variados. Em uma das salas, existia um tapete especial, feito pelas crianças, que era estendido quando iam ler, criando-se um ambiente de leitura. Já nas outras salas, os livros encontravam-se em caixas ou cestas, algumas ao alcance livre das crianças, outras disponibilizadas pela professora em momento julgado adequado. Todas achavam que os métodos estabelecidos em suas salas funcionavam bem. Todas estavam satisfeitas com a quantidade de livros disponíveis em sala, considerados bons. Os alunos traziam de 2 a 3

livros anualmente para a escola através do nome fornecido pelas professoras, garantindo, assim, a qualidade. No maternal, a renovação era ainda mais freqüente.

A escola não apresentava uma biblioteca para os alunos, apenas uma estante com livros disponíveis aos professores.

Ao inquirirmos as opiniões das professoras sobre os livros infantis, constatamos opiniões diversas quanto aos parâmetros de escolha de um livro. Todas privilegiavam, como primeiro ou segundo item, uma boa história. Com exceção de uma delas, a ilustração também era um item primordial. O bom texto variou de segundo a quinto item em ordem de importância. Quanto à capa, não era considerada primordial para a maioria, mas uma das docentes considerava-a o item número um na hora da escolha. A qualidade gráfica também não chamava tanta atenção. Três delas consideravam o texto e a ilustração igualmente importantes. Para a quarta, a ilustração sobressaía-se, uma vez que trabalhava com as crianças menores.

Quando perguntamos sobre as características das ilustrações preferidas nos livros, houve um equilíbrio em se tratando da preferência por imagens realistas e imagens mais estilizadas. Todas preferiam aquelas que traziam elementos além do texto e técnicas inovadoras de ilustração.

Quando as docentes deram opinião sobre o que percebiam das preferências infantis, se posicionaram de forma diversa. Três delas achavam que as crianças preferiam imagens realistas e literais ao texto. Quanto às técnicas de ilustrações todas opinaram que as crianças preferiam as inovadoras.

Todas consideravam o design do livro como um elemento muito importante do mesmo.

Quanto aos projetos de leitura oferecidos pelas salas ou pela escola, constatou-se haver um projeto em comum, onde as crianças levavam livros para casa para serem lidos pelos pais e para os pais. Recontavam a história em sala para os amigos. Havia também a presença semanal de uma fonoaudióloga para trabalhar com a leitura dos maiores, a qual trazia muitos livros, incluindo alguns sem texto. Outras iniciativas eram variadas. Em uma sala, as crianças traziam livros favoritos de casa. Em outra, também produziam histórias com figuras. Algumas educadoras contavam histórias e incrementavam-nas com teatro ou música.

Todas já trabalharam com livros sem texto. Três delas citaram que a experiência era rara, que deveriam usar mais, mas muitas vezes não tinham livros ou desconheciam as opções. Consideravam tal material importante para estimular a criação das crianças. Duas comentaram que o professor precisa se preparar mais e esforçar-se com esses livros. Apenas uma delas trabalhava com certa freqüência com livros sem texto, pela faixa etária baixa que atendia. Mesmo assim, não tinha muitas opções.

## 2.4. DESCRITIVO RESUMIDO DA ATIVIDADE 1: ESCOLA PÚBLICA

As filmagens realizadas no Brasil seguiram, na medida do possível, a mesma estrutura das realizadas em Portugal. Aconteceram entre a metade do mês de Agosto e o início do mês de setembro de 2007, logo após o início do segundo semestre do ano escolar, iniciado em fevereiro.

A organização da *Atividade 1* contou com a mesma estrutura no Brasil, dividindo-se em observação livre e observação dirigida.

Os livros foram os mesmos usados em Portugal. A ordem dos livros descrita em cada turma expressa a ordem vista na observação dirigida, permitindo uma visão seqüenciada do processo de leitura.

O espaço utilizado para as filmagens foi uma pequena sala cheia de brinquedos (“casinha de boneca”), que foram removidos, na medida do possível, para não distraí-las. Mesmo assim ainda houve alguma distração inicial, uma vez que as crianças já conheciam aquele espaço como local de brincadeira.



Figuras 427 e 428: observações livre e dirigida na escola pública.

### 2.4.1. Crianças de 3 anos

Nesta turma, após a observação livre, duas crianças não quiseram permanecer na sala. Não percebemos nenhum problema, apenas um desinteresse ocasionado pelo tempo decorrido e pela pouca idade das crianças.

#### ▪ The Red Book

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m8s.

As crianças ficaram, na sua maioria, algum tempo com o livro. Mas não houve uma leitura seqüenciada. Algumas viram páginas aleatórias, outras de ponta cabeça e outras distraidamente. Somente uma criança viu o livro todo com atenção possível. A sobrecarga foi problema para a maioria.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m55s.

Foi o primeiro livro a ser visto. Três crianças estavam presentes. Houve uma boa participação, mas foi um menino que dominou a narrativa. Houve muita criação, muitos elementos além das imagens foram acrescentados a partir de algum elemento do desenho.

Houve a percepção de que as personagens estavam, hora dentro, hora fora do livro representado, o que foi muito bom para essa idade. A personagem feminina, no início, foi vista como um menino, fator já constatado nas outras turmas:

*Observador:* de que é essa historia? Era uma vez uma...

*Michele:* uma casa.

*Vitor:* um carro, um caminhão, um menino na neve.

*Observador:* o que será que é isso?

*Vitor:* um chapeuzinho na neve...

Observador vira a página.

*Observador:* será?

*Vitor:* é um chapéu e ele foi pra escola com ele...

(...)

*Vitor:* ele fez uma "pintadura" e levou pro rio pra andar de barco... Ele fez um barco... Esse é o barco dele que ele fez... (mostra uma das quatro figuras da página; meninas concordam)

(...)

Observador vira a página.

*Vitor:* uma menina entrou pro barco... Uma menina lendo e outro lendo ali... (vê as duas personagens lendo, uma no livro da outra)

(...)

*Vitor vira a página:* olha, o menino lendo a menina... (menino com livro e figura da menina dentro)

(...)

*Vitor:* agora o menino está na página de novo, o que caiu do teto...

*Observador:* o que ele está fazendo?

*Vitor:* ele está lendo...

Observador vira a página.

*Observador:* e agora?

Michele mostra e sorri.

*Observador:* o que é isso?

Michele: é um livro, eles estão na página do livro..."

### ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m50s.

Uma criança não se interessou em ver o livro sozinha, outra viu de ponta cabeça e distraída. Uma começou pelo meio. Apenas duas crianças viram o livro todo. Fizeram comentários pontuais (olha a borboleta, a flor...). O elemento vermelho foi o único que prendeu a atenção e foi seguido pelo olhar das crianças.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4 minutos.

Foi o segundo livro visto coletivamente. As crianças não se prenderam muito ao processo de transformação do objeto. No começo perceberam uma personagem ("ele") interagindo com um objeto (bexiga). Depois procuraram a bexiga e nem todos perceberam as transformações. Alguns elementos a traço, que muitas vezes passaram despercebidos por crianças maiores, inclusive, foram percebidos e descritos como "flores", "uvas", etc. Houve alguma invenção extra-livro:

*Vitor:* olha... ele tava dando um beijo...

*Observador:* dando um beijo?

*Vitor:* tava dando um beijo nisso...

*Observador:* o que é isso?

*Manuela:* uma bexiga...

Observador vira a página.

*Vitor:* ele... Ele deu um beijo na bexiga grande...

*Observador:* e agora? (vira a página)

*Vitor:* agora ele está chorando porque a bexiga foi embora, voando... (...)

Observador vira a página.

*Observador:* e agora?

*Michele:* é uma mulher...

*Vitor:* é um carro...

(para página da bexiga chegando ao galho, quase maçã...)

Observador vira a página.

*Observador:* onde está a bexiga?

*Manuela:* está aqui...

*Observador:* é a bexiga?

Observador vira a página.

*Manuela:* sim... (não percebem a transição para maçã)

*Observador:* E agora?

*Manuela:* a bexiga está cortada...

*Michele:* virou uma maçã...

*Observador:* e a maçã...

Observador vira a página.

*Michele:* virou uma borboleta.

(...)

Manuela passa a mão pelos desenhos em preto.

*Observador:* o que é isso?

*Manuela:* não sei...

*Vitor:* são flores...

Meninas concordam

*Michele:* e uvas...

(...)

Observador vira para a última página.

*Vitor:* um avião com tênis.

*Manuela:* um gira-gira.

*Michele:* um avião com tênis... (repete).”

#### ▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m27s.

A maioria manipulou o livro rapidamente e sem atenção. Duas crianças, porém, se prenderam, viram atentas e comentaram. O ponto de chamada de atenção foi o “monstro”, que, ora era o canguru, ora o astronauta transformado em desenho.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m40s.

O livro gerou uma narração bem confusa, pareceu realmente difícil para a percepção deles. Houve muita invenção, mas percebe-se que foi pela falta de interpretação das imagens. Alguns elementos citados: foguete, sol que cospe, a “lua” (ambiente de outro planeta), a flor. Houve a leitura de briga, violência (morte, todos morrem, etc.) e não de brincadeira no relacionamento entre o canguru e o astronauta. O astronauta transformado foi o monstro da história. Sempre que uma criança criava, mesmo que beirando o “absurdo”, as outras concordavam:

“(…) *Observador*: o que aconteceu com o foguete?  
*Vitor*: morreu, pegou fogo...  
*Manuela*: caiu na lua...  
Observador vira a página.  
*Vitor*: Agora ele saiu dessa fumaçona...  
(...)  
*Vitor*: umas cobras, pegaram uma flor...  
Observador vira a página.  
*Vitor*: o homem subiu em cima da flor...  
*Observador*: o que aconteceu com ele?  
*Vitor*: caiu de bunda...  
Observador vira a página.  
*Vitor*: caiu do cavalo e o cavalo morreu...  
(...)  
*Vitor*: o sol cuspiu... Caiu...  
(...)  
*Vitor*: e o cavalo... morreu... deu um pau... deu uma vassourada...  
Observador vira a página.  
*Vitor*: é um monstro... (astronauta azul)  
Meninas concordam.”

#### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre*:

Média de tempo: 1m22s.

Houve uma nítida dificuldade motora com o livro. Apenas uma criança percebeu as abas e manipulou-as. Das outras, uma não se interessou e a outra ficou concentrada nas primeiras páginas, vendo o resto rápida e distraidamente. Não houve comentários verbais.

*Observação Dirigida*:

Tempo: 2m38s.

A manipulação em conjunto deste livro, o quarto para essa turma, foi pura diversão. Gostaram de mexer e afirmaram isso. O livro era mesmo para brincar. Nesta turma houve uma constante busca de referências reais, já que as figuras geométricas, pelo visto, ainda eram desconhecidas enquanto entidade nominável:

“*Vitor*: esse é de fita...”

*Observador*: de fita?



*Vitor:* é, vamos ver...  
*Vitor:* Olha... fita... (1ª página). Asa de avião... (mexe no triângulo vazado).  
*Manuela:* isso é fita... E esse daqui é um barco (triângulo vazado)  
Observador vira a página.  
*Observador:* e aqui?  
*Vitor:* uma asa...  
*Manuela:* não, é um carro.  
Observador vira a página.  
*Vitor:* uma bola  
(...)  
*Vitor:* uma asa, duas asas abertas... e voou o livro (faz gestos)  
*Observador:* foi embora?  
*Vitor:* foi, e não voltou mais...  
(...)  
*Observador:* esse livro é de contar história ou de brincar?  
*Manuela:* brincar...”

▪ **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m35s.

As crianças tiveram dificuldades motoras com as páginas triplas, tanto para abrir quanto, mais ainda, para fechar. Algumas crianças quiseram ver juntas o que causou uma dispersão no final. As figuras da página tripla foram as que ficaram registradas, destacando-se os animais (cobra, jacaré, gato) e o avião.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m8s.

Foi o último livro visto. Mas as crianças não se mostraram dispersas, falaram bastante.

Houve uma narração, os personagens estavam sempre em ação. Não descreveram apenas, salvaguardando que são crianças bem pequenas. Alguns objetos que não conheciam foram ignorados ou tratados por “coisa”, “negócio”. Ou então buscavam uma referência, como no caso do cachimbo “igual ao do Saci Pererê”. As figuras da página dupla que se repetem foram notadas (mas não como elo de ligação), bem como os pontos de transformação:

“(...) *Vitor:* ah... um jacaré!!!

*Manuela:* um jacaré.

*Vitor:* olha ele pegou esse negócio.

*Observador:* que negócio?  
*Vitor:* um café feio e o homem pegou no rabo dele...  
(...)  
Observador vira a página e crianças abrem logo a tripla.  
*Vitor:* olha... é igual...  
*Observador:* o que é igual?  
*Vitor:* o ganso...  
Manuela mostra: o ganso é igual... esse (mostra que os rabos são o mesmo).  
*Vitor:* prendeu o nariz do pato...  
(...)  
Manuela vira, passa a mão nas figuras...  
*Vitor:* É o mesmo esse... (prendedor maior da dupla comparado ao da página tripla, no bico do pato)  
Vira e abre com Manuela.  
Michele diz algo baixinho, observando, depois repete: a maçã cresceu (se referia à primeira maçã que viu, menor, junto ao peixe. A maçã da página dupla é realmente maior...).  
(...)  
*Manuela:* sapato.  
Abre.  
*Observador:* é isso?  
*Manuela:* sapato (aponta para o rabo do jacaré, antes parte do sapato).  
(...)  
Manuela vira a página.  
*Observador:* O que é isso? (para o cachimbo)  
Não sabem.  
*Vitor:* abre!  
Manuela abre.  
*Vitor:* gato...  
O observador fecha a página e pergunta: e esse aqui? (para o cachimbo)  
*Vitor:* a calda do gato...  
*Manuela:* é igual do Saci Pererê...  
(...)  
*Observador:* De quem é esse chapéu? (na última página)  
*Vitor:* essa página... Ele está comendo a flor... ele está gostando... quer ficar pra ele..."

▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 10 minutos.

Observação Dirigida: 20 minutos.

Tempo total de atividade: 31 minutos.

- **Livros preferidos**

Foram os seguintes:

*Oh!* : um menino.

*Geométrico*: duas meninas.

- **Observações gerais**

Das crianças, um menino e uma menina, não participaram da observação coletiva, quiseram ir embora. Foi a única turma onde isso aconteceu. Eram crianças bem pequenas. Mesmo assim, viram todos os livros individualmente e portaram-se bem na primeira parte.

Na observação coletiva permaneceram duas meninas e um menino. As meninas influenciavam-se, uma dispersava mais e a outra era atenta. Não falavam muito. Já o menino participou o tempo todo, falando e criando muito. Sua imaginação era fértil. Ainda falavam muitas palavras erradas e quando estava diante de algo estranho ao seu repertório ou não identificado, abstrato, inventava. As crianças (todas tiveram seus momentos) perceberam muitas coisas nos livros, como as personagens das páginas do livro vermelho, as relações das figuras das páginas do *Oh!* e algumas figuras escondidas em traço preto no *Balãozinho*.

## 2.4.2. Crianças de 4 anos

- **O Balãozinho Vermelho**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m41s.

As três crianças que viram este livro individualmente fizeram-no rapidamente. Apenas um menino pareceu ter se concentrado um pouco mais. Comentou. Duas crianças começaram a leitura de ponta cabeça.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m10s.

Das cinco crianças, três participaram e duas ficaram atentas, mas sem manifestações. A princípio, os traços pretos passaram despercebidos, mas a partir do momento que chamamos a atenção para eles, tornaram-se visíveis e passaram a entrar na história

(mato, galho, cobra, menino, vento, chuva, etc.). As crianças perceberam bem o elemento vermelho, com algumas divergências quanto às figuras de transição. O fato de incluírem os elementos em traço à narrativa tornou-na mais completa (menino pega a flor, está debaixo do guarda-chuva, a maçã cai do galho sobre o mato, etc.). Houve alguns momentos de criação, justamente sobre o traço preto:

“Caroline contorna o balão com os dedinhos... Vitor cheira a página... faz bico de “fazer bola”.

*Carol:* foi pro céu...

Observador vira a página.

(...)

*Observador:* e onde está a borboleta?

*Nicolas:* aí...

*Observador:* ela está fazendo o que?

*Vitor:* voando (imita).

*Observador:* em cima do que?

*Nicolas:* de grama...

*Observador:* é grama aqui?

*Gabriel:* é um mato...

*Vitor:* a folha...

*Gabriel:* a cobra...

*Observador:* onde tem cobra? (para Gabriel)

*Gabriel:* está ali em baixo...

Vitor e Nicolas fingem medo...

(...)

*Carol:* acho que agora é uma flor...

*Observador:* é uma flor?

*Carol:* flor...

*Observador:* e está aonde?

*Carol:* aqui no mato...

*Observador:* que mais tem nesse mato?

*Nicolas:* uma cobra...

*Gabriel:* uma cobra Sucuri gigante.

Fingem medo. Brincam.

(...)

*Observador:* o que aconteceu com a flor?

*Vitor:* está fazendo vento...

*Observador:* onde você viu o vento?

Vários mostram traços pretos à direita da flor murcha.

Observador vira a página.

*Observador:* e agora?

*Nicolas:* ó, um menino...

*Carol:* virou um guarda-chuva.

(...)

Observador vira a página.  
*Nicolas*: virou uma teia...  
*Observador*: teia? O que é esse?  
Nicolas vem ver de bem perto.  
*Vitor*: é o menino.  
*Nicolas*: está escondido aqui na cabeça...  
*Observador*: o que é isso aqui vermelho?  
*Carol*: o guarda-chuva...  
*Observador*: o menino está aonde?  
*Carol*: em baixo do guarda chuva...  
*Vitor*: e eu estou vendo o pé...”

▪ **Oh!**

*Observação Livre*:

Média de tempo: 3m41s.

O livro só foi visto por duas crianças e foi muito apreciado, falaram o tempo todo. Algumas figuras não compreendidas foram reinterpretadas, como o cachimbo: “Xícara de rabo”.

Três crianças não viram o livro de forma individual, duas delas não por desinteresse, mas por falta de tempo, pois a atividade teve que ser encurtada para conseguir manter as crianças em sala, pois a maioria dispersou.

*Observação Dirigida*:

Tempo: 3m57s.

Um menino da turma dominou a narração/descrição, ajudado por outro, que também participou bastante. Não houve uma história, apesar da tentativa inicial de narrar de uma das crianças. Depois, seguiu a descrição. Os animais foram a atração do livro (livro “do jacaré”). As meninas estavam mais dispersas, desde a primeira parte. As páginas duplas não prenderam. A transformação não foi bem percebida, ou as crianças não conseguiram explicá-la, faltou a percepção dos elementos de continuidade. Alguns dos elementos mais difíceis foram identificados (raquete). O cachimbo não:

“(…)

*Nicolas*: e aqui é uma xícara feita de barco...

*Observador*: e o que mais tem aí?

*Vitor*: um peixe...

(…)

*Observador*: o que a cobra está fazendo?

*Nicolas:* pegando um negócio... Um negócio que bate.

*Observador:* como chama?

*Gabriel:* eu sei...

*Nicolas:* raquete.

Concordam.”

#### ▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m44s .

As duas crianças que viram, pareceram gostar. Gerou uma discussão entre elas com relação a detalhes da ilustração, devido ao grau mais alto de abstração. Houve, porém, uma dispersão que levou o livro a ser deixado de lado, não foi visto pela maioria (três crianças).

*Observação Dirigida:*

Tempo: 7m56s.

Foi o terceiro livro a ser visto. Foi identificado como “do foguete”, pelo conteúdo já visto na primeira parte, e o “do futebol”, pela capa, onde o planeta foi confundido com uma bola de futebol, mas apenas por uma criança. Assim, a capa foi vista e explorada.

A narração foi detalhada. Todos participaram, menos uma das meninas, apática. No final, as outras meninas dispersaram um pouco. Os meninos se interessaram muito pela história.

As crianças criaram bastante, explorando suas “dúvidas” (figuras mais abstratas). Mas as figuras principais foram identificadas com facilidade:

*“Nicolas:* era uma vez um foguete voando na lua... ele quebrou os pedaços e estava voando e o planeta Terra ia quase explodindo...

*Vitor:* e apareceu...

*Nicolas:* e apareceu fogo e o astronauta foi pra fora... na Lua...

(...)

Vitor faz com o dedinho o caminho da “semente”.

*Observador:* o que é isso?

*Nicolas:* é um biscoito...

*Carol:* não é um biscoito... é uma batata...

Gabriel concorda, Nicolas protesta...

*Carol:* tia, não é uma batata...

*Observador:* o que é?

Carol... ah, já sei, é um feijão...  
Nicolas concorda.  
*Gabriel*: vai cair no formigueiro!  
*Observador*: vamos ver o que aconteceu...  
*Vitor*: virou uma flor...  
Todos concordam com a cabeça...  
*Observador*: o que a gente joga no buraco pra virar uma flor?  
*Nicolas*: é uma semente!  
(...)  
*Observador*: que lugar é esse?  
*Nicolas*: uma selva.  
*Observador*: é um lugar bonito ou feio?  
*Nicolas*: um lugar bonito...  
*Observador*: o que tem lá?  
*Nicolas*: um canguru...  
*Gabriel*: um dinossauro...  
*Nicolas*: não, é um canguru...  
*Vitor*: é um canguru-dinossauro..."

#### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre*:

Média de tempo: 1m26s.

As primeiras páginas prenderam um pouco mais a atenção, despertaram a curiosidade. Houve dificuldade motora em manipular algumas páginas, principalmente as circulares que se fechavam. Nem todas perceberam as abas (três delas), uma prendeu-se até o final. Mesmo assim, ainda ficaram um bom tempo com o livro. Não fizeram relações audíveis.

*Observação Dirigida*:

Tempo: 2m23s.

Foi o quarto livro visto e as crianças já estavam um pouco dispersas, distraídas. Queriam brincar com o livro. Prenderam-se nas formas, mas as cores também foram citadas.

*Observador*: e esse livro, gostaram?

Fazem que sim.

*Observador*: tem história nele?

*Nicolas*: não, só tem quadrado...

*Observador*: é pra fazer o que esse livro?

*Nicolas*: é de abrir o quadrado...

*Vitor:* olha aqui, tem amarela, azul, vermelho...

*Gabriel:* não dá pra contar história...

(...)

*Nicolas:* dá para abrir as coisas.”

#### ▪ **The Red Book**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m3s (três crianças).

Nem todos viram, porque não chamou muita atenção. Uma criança pulou páginas, mas percebeu e comentou vários elementos isolados. Outra folheou distraidamente. A sobrecapa mostrou-se um problema para a maioria durante a manipulação e foi eliminada. Apenas uma menina concentrou-se realmente no livro, mas o viu de trás para frente.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 7m50s.

Foi o último livro a ser visto. Atraiu, a princípio, as crianças que estavam distraídas. Viram muitos detalhes no livro. As questões “geográficas” também apareceram nessa turma. A identificação das personagens continuou confusa (menino/menina/ “hominho”). As crianças perceberam muito do aspecto fantástico do livro. Leram isso como “magia”:

“(...) *Observador:* que lugar será esse? (página dupla com prédios)

*Nicolas:* o planeta Terra...

*Vitor:* tem fio...

*Observador:* onde é aqui?

*Gabriel:* é os Estados Unidos...

*Observador:* por que?

*Vitor:* porque nos Estados Unidos neva...

(...)

*Gabriel:* ele foi parar lá dentro...

*Observador:* quem?

*Gabriel:* o menino...

*Observador:* esse menino foi parar dentro de onde?

*Gabriel:* do livro...

(...)

*Observador:* o que ele está fazendo lá?

*Nicolas:* olhando...

*Vitor:* tem um negócio vermelho (mostra livro enterrado na areia).



*Gabriel:* é o livro...

*Observador:* e onde ele está?

*Gabriel:* na praia.

*Observador:* onde é essa praia?

*Gabriel:* Estados Unidos...

*Nicolas:* não, não é, só existe no Bauru...

*Observador:* em Bauru tem praia?

*Nicolas:* tem...

*Gabriel:* não, não tem, é lá em São Paulo...

*Observador:* e o que ele está vendo? (no livro)

*Nicolas:* como é a terra do outro menino...

*Observador:* onde? No livro?

*Nicolas:* sim...

*Observador:* uau...

(...)

*Nicolas:* é o menino (mostra dentro do livro na mão da menina).

*Observador:* e esse? (aponta para a menina)

*Vitor:* é uma menina... (não reconhecem que já apareceu)

*Gabriel:* ele está lá dentro...

*Observador:* e esse? (aponto a menina)

*Nicolas:* fora.

(...)

*Gabriel:* agora é dentro... (mostra a menina entrando no livro)

*Observador:* quem está dentro?

*Nicolas:* ela...

*Observador:* ela estava fora agora está dentro?

Gabriel faz que sim, Nicolas também.

(...)

*Nicolas:* o livro é mágico..."

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 11 minutos.

Observação Dirigida: 29m12s.

Tempo total de atividade: 44m6s.

#### ▪ **Livros preferidos**

As opiniões foram bem divididas. Todos foram votados.

*O Balãozinho Vermelho:* um menino.

*The Red Book*: um menino (segundo livro escolhido).

*Oh!*: uma menina.

*Geométrico*: uma menina.

*Astronino*: um menino.

*Todos*: um menino.

#### ▪ **Observações gerais**

Foi uma turma um pouco difícil, pois logo houve uma dispersão (final da primeira parte) que afetou quase todas as crianças. Nenhuma delas chegou a ver todos os livros na primeira parte, ficando difícil uma avaliação mais pontual. Algumas crianças participaram muito bem até o momento da dispersão, com influência geral, somente um menino permaneceu concentrado.

Na segunda parte, as crianças apresentaram-se espertas, a maioria expressava-se bem. Apenas uma menina permaneceu o tempo todo calada. Narraram histórias completas, inventaram muitas coisas. Algumas se mostraram muito inteligentes e perceptivas.

### **2.4.3. Crianças de 5 anos**

#### ▪ **The Red Book**

*Observação Livre*:

Média de tempo: 1m22s.

O livro não chamou muita atenção. Alguns pularam páginas, folhearam sem ver ou ainda não chegaram ao final. A sobrecapa mostrou-se um problema durante a manipulação e foi eliminada. Apenas alguns detalhes atraíram (menina voando, cidade, neve...), ou seja, as ilustrações prenderam de forma isolada e não como uma narrativa.

*Observação Dirigida*:

Tempo: 6m51s.

Foi o primeiro livro observado. As questões da localização geográfica das personagens atraíram as crianças, fizeram-nas refletir:

*“Observador*: será que esse lugar é perto daqui?

*Miguel, Nathan, Laura*: não...

*Observador:* por que?

*Nathan:* porque não é nesse país...

*Kelson:* lá embaixo tem gelo...

*Miguel:* está no Natal...

*Nathan:* no Natal do outro país...

*Observador:* ah... lá tem gelo...

*Miguel:* só no nosso país que não tem.

(...)

*Observador:* o que tinha nesse livro?

*Miguel:* é sobre países...

(...)

*Yasmim:* olha todos os países... (aponta para a segunda figura das quatro presentes na página)

*Miguel:* não são todos, é só o Brasil...

*Observador:* esse é o Brasil?

*Miguel:* não, é o país que ele estava.”

As confusões quanto à identificação das personagens também aconteceram nesta turma. Mas as crianças conseguiram perceber que a menina do início do livro (ou menino, segundo eles) mudava de visual na escola, mas era a mesma pessoa.

“*Miguel:* é um menino.

*Yasmim:* eu sei, é uma menina...

*Miguel:* não, é menino...

(...)

*Miguel:* olha, ele está bem aqui com o livro (aponta para menina na sala de aula...)

*Observador:* está diferente?

*Miguel:* está, ele tirou a mochila, a blusa, ficou com o sapato...

Kelson aponta para cabeça, pois ela tirou a touca...

*Miguel:* ele tirou a touca, tirou o cachecol... porque tava frio na rua.

*Nathan:* é, e pôs uns óculos...

*Observador:* pôs uns óculos?

Fica em dúvida, nega...

*Nathan:* é outro...”

Houve a imaginação de alguns elementos além da história, como “furar os balões com uma agulha”. Esta turma explorou muito as questões da metalinguagem e os elementos fantásticos foram percebidos pela maioria, que os tentaram explicar. A conclusão de uma das crianças, um menino, destacou-se em todas as observações realizadas:

“*Miguel:* ele está lendo o livro que a gente está lendo... e é vermelho... (fecha o livro real e compara)

Todos concordam.

*Kelson:* olha lá os prédios... é igualzinho....

(...)

*Yasmim*: olha aqui (aponta para livro na mão da menina).  
*Kelson*: nossa... é ela... (aponta para a menina), é ele... (aponta para o livro)  
*Observador*: como é essa história?  
(...)  
*Observador*: o que está acontecendo?  
*Yasmim*: um temporal... (aponta para as nuvens)  
*Observador*: o que você acha Nathan?  
*Nathan*: ele está dentro do livro...  
*Miguel* (sorrindo): do livro que ela está lendo...  
*Kelson*: ele está dentro...  
(...)  
*Observador*: vamos ver onde ela vai cair?  
(...)  
*Miguel*: ela caiu na praia.  
*Kelson*: então por que que ela está dentro do livro?  
(...)  
*Nathan*: porque um livro é... (faz gestos) cada *portal* pra ver o outro...  
*Observador*: o livro é um portal pra ver o outro?  
*Nathan*: é... Não viu? Oh! (tenta explicar) o outro está vendo o livro... A outra viu o outro... O outro viu a outra...  
*Observador* (admirado): é um portal?  
*Nathan*: é, não viu? (com naturalidade e certeza). *É uma janela*.  
*Observador* cumprimenta criança pela conclusão obtida.  
*Nathan*: não disse que eu sou muito esperto?  
*Miguel*: é mesmo uma janela..."

#### ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre*:

Média de tempo: 1m19s.

Todos viram o livro, mas o fizeram rapidamente. Apenas alguns comentários foram tecidos, percebemos que se prenderam à figura vermelha, comentando sobre a borboleta e o balão. Uma das meninas percebeu os outros elementos (a "natureza").

*Observação Dirigida*:

Tempo: 6m18s.

Foi o segundo livro visto coletivamente. A narração gerada prendeu-se às imagens representadas, as crianças queriam explicar o ponto exato de "transformação" da figura vermelha. Isso gerou várias discussões onde a figura "virou", "está virando" ou "vai virar" algo:

*Yasmim*: ih... virou uma maçã...  
*Observador*: a bola virou uma maçã?  
*Miguel*: não, caiu no galho da árvore...  
*Yasmim*: mentira! Oh, aqui é a folha, está cheia de folha, virou maçã!  
*Miguel*: não virou maçã!  
*Kelson*: é maçã!  
*Observador*: vamos ver... (vira a página)  
*Miguel*: alguém pegou e ficou que nem maçã...  
*Yasmim*: virou... virou... virou...  
*Kelson*: é maçã!  
*Miguel*: não... Ficou que nem maçã...  
*Kelson*: é maçã.  
(...)  
*Nathan*: então como a maçã voa?  
Insistem que é maçã.  
*Observador*: o que aconteceu com a maçã agora?  
*Nathan*: caiu no chão...  
(...)  
*Miguel*: olha o rabinho aqui da borboleta...  
*Laura* (vira página): não, não virou borboleta, era aqui que virou...  
*Miguel*: estava virando nessa folha... (volta e vai de novo para frente)  
*Miguel*: virou... Olha o rabinho aqui da borboleta...  
*Observador* (virando a página): e agora?  
*Nathan*: agora a borboleta ficou adulta...  
(...)  
*Miguel*: ficou adulta... Porque ela era adolescente..."

O entorno em preto e branco também foi descoberto, principalmente incentivado por uma das crianças que já o tinha notado na observação livre:

*Yasmim*: é... cheio de flores...  
*Observador*: você está vendo flores?  
*Miguel* mostra.  
*Nathan*: olha o milho aqui...  
*Observador*: tem milho aí? O que mais tem nesse jardim?  
*Yasmim*: flores.  
*Nathan*: plantas.  
*Laura*: as flores são aqui (aponta).  
*Kelson*: tem folha...  
*Yasmim*: aqui, um trevo de três folhas... (aponta)  
*Miguel*: eu achei uva aqui (aponta)  
(...)  
*Nathan*: uma formiga...

*Observador:* por que será que a gente não tinha visto tudo isso antes? Estava escondido?  
Concordam e começam a ver outros detalhes.”

### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m34s.

Uma criança não viu este livro, faltou-lhe tempo e interesse. Nas primeiras páginas houve o “estranhamento”, e dificuldade motora em manipular algumas páginas, principalmente as circulares que se fechavam. Todas as crianças que viram perceberam as abas e fizeram comparações. Foi bem explorado e comentado (com exclamações).

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2m9s.

A maioria das crianças afirmava-se capaz de gerar narrativas com o livro. Algumas negaram esta possibilidade. A presença das formas destacou-se:

*“Observador:* e esse aqui? Dá pra inventar uma história com esse livro?

(...)

*Kelson:* não tem nada... Só tem forma...

*Observador:* não dá? (pergunta para ele)

*Miguel:* eu consigo...

Outros também dizem “eu...”

*Miguel:* é como se eu estivesse com meu livro de arte...

*Nathan:* era uma vez um monte de forma...

*Miguel:* uma casa de forma...”

As crianças fizeram muitas relações com o real, estimuladas umas pelas outras. Essas relações raramente eram iguais:

*“Nathan:* o que virava, oh... (mexe). Virava um monte de coisa... (levanta a aba vazada sobre vermelho e anda pra ela com os dedinhos.

*Observador:* um monte de coisa?

*Nathan:* um campo de futebol...

Vira a página.

*Nathan:* uma piscina (para os círculos)

Abre um.

*Miguel:* uma piscininha... (círculos diminuem...)

(...)

*Nathan:* uma parede...

Empolgam-se, todos querem virar, tocar...

Viram a página.

*Miguel:* esse é um armário... que abre fácil.  
(...)  
*Nathan:* é uma sala...  
*Miguel:* uma garagem  
(...)  
*Laura:* é uma casa!  
*Yasmim:* é uma cama...  
*Nathan:* Não, é uma porta...  
*Kelson:* uma janela.  
*Miguel:* um cano...  
*Observador:* e vai pra onde essa janela?  
*Nathan:* não, é um cano...  
(...)  
*Miguel:* não, aí tem água... vai escorregando... É um brinquedo.”

#### ▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m7s (quatro crianças).

Não foi visto por uma criança (confundiu-se ou faltou-lhe interesse). Das outras, duas viram com atenção. Suscitou alguns comentários, mas poucos. Uma criança empolgou-se ao relacionar elementos do livro com personagens de programas televisivos. Ninguém percebeu o relevo.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m14s.

Uma criança, como na observação livre, faz comparações com programas de televisão:

“*Kelson:* é um foguete...  
Todos vêm.  
*Miguel:* é do *Jimmy (Neutron)*...do *Mundo da Lua*...  
(...)  
*Observador:* e o que aconteceu com ele?  
*Yasmim:* virou *Power Rangers*...  
*Miguel:* virou *Power Rangers*... ele ficou dessa cor...  
*Observador:* vocês acham que ele ficou feliz ou triste?  
*Todos:* feliz...”

As crianças tentam localizar o mundo fantástico do livro no mundo real. As personagens foram identificadas (astronauta, canguru), mas com algumas diversidades (canguru sem perna, dadinhos). O relevo não foi notado.

*“Miguel: o astronauta... caiu.*

*Nathan: no Atlântico.*

*(...)*

*Miguel: aí o sol cuspiu ele lá, caiu lá... lá na África com os bichos...*

*Observador: que lugar era esse?*

*Miguel: na África...”*

#### ▪ Oh!

*Observação Livre:*

Média de tempo: 3m4s.

Só faltou uma criança para ver. A atividade teve que ser apressada pela dispersão. A criança também não demonstrou muito interesse. O livro foi muito apreciado pelos outros, que queriam ver sem pressa e gostavam de compartilhar, principalmente porque percebiam a irreabilidade das cenas e isso as atraía. Riram muito: “Esse livro é um palhaço, mesmo.” Também perceberam bem as transformações, expressando-as: isso *vira* aquilo, ou isso *transforma* naquilo.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m32s.

A narração decorreu de forma descritiva, com a participação de todos, mais dos meninos. Queriam ver e abrir. Prenderam-se às páginas triplas. Criaram algumas coisas, mas foi por não identificarem o desenho (por exemplo, a raquete era uma “maçã do amor” – doce tradicional brasileiro) ou por ser a situação demasiada fantasiosa. Riram muito dos disparates (por exemplo, “avião a fumar”). Não perceberam a repetição dos elementos, mas viram a presença da personagem de ligação da última com a primeira página (jacaré):

*“ Kelson: lua...*

*Yasmim: virou cobra...*

*Kelson fecha e insiste: é lua... (abre)*

*Miguel: está comendo uma maçã...*

*Kelson desenha a cobra com o dedo.*

*Yasmim: é sorvete...*

*Miguel: não é...*

*Yasmim: é sim, olha...*

*Miguel: é aquele doce que parece uma maçã que tem palito e a gente fica chupando (imita).*



*Observador:* ah, maçã-do-amor...

Vira a página.

*Yasmim:* a maçã-do-amor...

*Miguel abre:* não, era um avião que... (começa a gargalhar)

Todos dão gargalhadas, as da Laura são forçadas.

*Observador:* é engraçado?

*Miguel:* é porque o avião está fumando..."

*Observador:* avião fuma?

*Miguel:* não...

*Laura:* fuma"

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 12m42s.

Observação Dirigida: 22m31s.

Tempo total de atividade: 40m35s.

#### ▪ **Livros preferidos**

*Geométrico:* um menino e duas meninas.

*Oh!:* dois meninos

#### ▪ **Observação geral sobre as crianças**

Na primeira parte a turma foi muito participativa, quase não se dispersou, a exceção da atração pelos brinquedos da sala. As crianças falavam muito, queriam manifestar-se e ver os livros juntos. Não houve influências negativas entre as crianças e nenhum fato que possa ter desvirtuado a fidelidade dos resultados.

Na segunda parte, as crianças apresentaram-se espertas, a maioria expressava-se bem. Narravam histórias completas, inventaram muitas coisas. Praticamente não se dispersaram até o final. Todas participaram, mais intensamente os meninos.

### **2.4.4. Crianças de 6 anos**

#### ▪ **The Red Book**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m21s.

O livro não chamou a atenção. Alguns alunos pularam páginas ou folhearam sem ver. A sobrecapa mostrou-se um problema, mas permaneceu no livro. Não houve comentários relevantes. Só uma das meninas prestou atenção a ponto de perceber alguma narrativa.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 18m45s.

Primeiro livro visto nesta parte. Algumas crianças ficaram em dúvidas quanto à presença de uma história pela falta de “letras”:

*“Observador: tem história?”*

Há dúvidas por parte de alguns.

*Igor: não, porque não tem letras.*

*Julia: só tem as fotos da história...*

*Observador: só com as fotos dá pra contar uma história?*

*Julia: acho que sim, sim, dá...*

Julia observa que já viu outro livro sem letras na escola.

*Joana: é só inventar...”*

A ambigüidade da personagem quanto ao gênero repetiu-se na turma, com opiniões divergentes sobre o sexo das personagens, principalmente da primeira. Depois de algumas páginas, uma menina conseguiu perceber claramente que a personagem era feminina. O que confundiu as crianças foi a mudança de roupa, principalmente o gorro.

A história tomou um rumo diferente a princípio. Houve criação. O livro possuía um “mapa do tesouro”:

*“Igor: nossa, era um mapa.*

*Observador: o que tinha nesse livro?”*

*Joana: um tesouro...*

*Observador: isso é do livro? (mostro página dividida)*

*Todos: é...*

*Igor: é um mapa que mostra onde está o tesouro...*

*Observador: está onde?”*

Alguns mostram quadrados diferentes da página.”

A metalinguagem presente no livro foi percebida, mas difícil de explicar. As crianças indagaram-se, ficaram sérias nessa hora, pois queriam entender o que se passava. Também perceberam o final cíclico da história, reconhecendo o último personagem como alguém sutilmente presente nas primeiras páginas:

*“Joana: ele achou um livro...”*

Julia repete.

*Igor:* olha, é o mesmo... (aponta para a página do livro do menino e volta às páginas do livro real para ver a imagem da cidade)

*Julia:* mas ele achou aqui, na praia.

*Observador:* O que acontece?

Observador vira a página.

Julia tenta explicar a metalinguagem que já percebeu...

*Igor:* está muito complicado esse livro... (está pensativo, feição séria).

Julia continua a tentar explicar, não consegue construir as frases, pensa...

*Igor:* olha lá a menina por fora, o menino por fora e os dois por dentro...

Todos riem.

*Observador:* o que vocês acham disso?

*Lucas:* estranho...

*Observador:* mas é um “estranho legal” ou um “estranho chato”?

*Todos:* legal...

*Observador:* então a menina está no livro e o menino também?

*Igor:* e os dois tão por fora e os dois tão por dentro...

Observador vira a página.

*Igor:* agora ele está por dentro e a menina está... por fora.

Igor e Julia ficam tentando falar, pensam, expressam-se riem... “dentro, fora”.

#### ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre:*

Média de tempo: 42 segundos.

Todos viram, mas a maioria o fez rapidamente. Um menino nem isso. Apenas alguns comentários foram tecidos. Parece que não perceberam nada além da figura vermelha.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m31s.

Neste segundo livro, as crianças dispersaram-se um pouco. Já não questionaram a possibilidade de criação de narrativa com o livro sem texto. Descreveram as páginas sem criar ou perceber detalhes mais ricos ou interessantes.

Centraram-se na figura vermelha, meio que adiantando os acontecimentos pelo contato anterior com o livro. Alguns, quando questionados, acharam que faltavam cores no livro. Outros discordaram. Gostaram do livro. Os detalhes foram descritos apenas como “plantas” sem maior exploração. Houve alguma interpretação diferente da forma da figura vermelha, mas percebeu-se que foi por brincadeira, por provocação (“guitarra”, “lagartixa de rabo”).

▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m6s.

Todos viram o livro, a maioria com atenção. Os mais “faladeiros” comentaram. Parece que a cor chamou a atenção. Sol e flor se misturaram. O disparate atraiu. O final não foi relevante. Somente uma criança percebeu o relevo.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2m45s.

O relevo foi destacado logo de início pela criança que já o tinha percebido. A princípio, as outras não deram atenção, mas o perceberam mais para frente. Isso as atraiu e as manteve atentas. Alguns elementos comuns que apareceram na narração: Terra, lua, astronauta, foguete, vulcão, flor gigante, astronauta pintado (destaca-se). Elementos diferentes: astronauta foi pegar mel na flor, canguru-dinossauro, escorregar no arco-íris.

Muitos elementos passam despercebidos, principalmente outros personagens, pois há os “extraterrestres” (já identificados em outras turmas como “hominhos”, dadinhos, homens de marte) e outros animais presentes no mundo do canguru. Também o sol não foi citado, pois a narrativa foi resumida aos fatos principais e lineares, com começo, meio e final:

*Joana:* o foguete estava voando sozinho.

*Observador:* onde ele estava?

*Joana e Julia:* planeta Terra...

*Higor:* indo pra Lua...

(...)

*Joana:* aqui era um vulcão...

*Julia:* estava indo pro vulcão...

(...)

*Julia:* e ele estava numa flor...

*Gritam:* uma flor...

*Joana:* uma flor gigante...

(...)

*Higor:* ih, ele entrou dentro de uma flor...

*Observador:* o que ele foi fazer lá?

*Joana:* foi pegar mel...

*Higor* (bravo com ela) é só abelha que pega mel...

Viro.

*Julia:* ele descobriu um mundo...

*Higor:* olha um canguru-dinossauro...

(...)

*Julia:* ele pintou ele...  
(...)  
*Observador:* e como ficou?  
*Joana:* da cor da terra.  
*Julia:* ele ficou todo de tinta... e ficou contente.  
(...)  
*Julia:* ele ficou amigo do canguru-dinossauro... e foram...  
*Joana:* escorregar...  
*Observador:* onde?  
*Joana:* no escorregador...  
*Julia:* no arco-íris!  
Observador vira a página.  
*Julia:* eles estavam escorregando... Aí a nave dele chegou.  
Observador vira a página.  
*Todos:* foi embora e fim.”

- **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m48s.

Todas as crianças viram. O livro foi o mais apreciado, sendo que algumas em particular viram mais empolgadas quando tinham um amigo atento ao livro com elas. Houve gargalhadas. Um menino se interessou especificamente pelo método da transformação, indo e voltando nas páginas duplas/triplas.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2m45s.

Na observação individual o livro empolgou. Já na coletiva, talvez por ser o quarto livro observado, as crianças estavam dispersas e viram-no muito rápido, porém empolgadas. Riram dos disparates, descreveram as transformações. Uma das meninas, até então mais calada, começou a participar mais. Já os meninos, bem ativos, dispersaram. O cachimbo foi identífico, a raquete era chocalho, o navio era barco-pirata e cruzeiro. Houve uma dispersão final. Nenhuma outra relação ou ligação foi feita.

- **Livro Geométrico**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m17s.

Nas primeiras páginas houve o citado “estranhamento”, dessa vez verbalizado: “Estranho”. A dificuldade motora em manipular algumas páginas manifestou-se em proporção bem menor que nas crianças mais novas. Todas as que viram perceberam as abas e duas fizeram comparações.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2 minutos.

Foi o último livro visto. A possibilidade de narração gerou opiniões diversas. Gostaram de manipular o livro, falaram “com as mãos”. Expressaram que gostaram, estavam atentos, mas não falaram muito. Houve algumas comparações: “pipa” (capa e algumas das páginas), “casa”, “alvo”, em páginas diferentes:

*“Observador: e esse último aqui?”*

*Julia: só tem formas.*

*Joana: só tem dobradura...*

*Observador: o que dá pra fazer com um livro desses?*

*Higor: uma pipa...*

*Observador: dá pra inventar história?*

*Alguns dizem que sim, outros que não.*

*Observador abre o livro.*

*Observador: o que inventaria aqui?*

*Laura (vem mexer): uma casa... (ri)*

*(...)*

*Higor: aqui é aquele negócio de uma flecha...*

*Observador: alvo...*

*Continuam virando.*

*Higor: uma pipa.*

*Julia: duas pipas... (...)*

*Observador: o que vocês acharam das cores?*

*Julia: legal...*

*Laura: final da história...*

*Observador: gostaram mesmo?*

*Crianças: sim...”*

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 9m45s.

Observação Dirigida: 18m49s.

Tempo total de atividade: 30m48s.

### ▪ Livros preferidos

Na primeira vez que as crianças foram questionadas, todas escolheram o Oh!. Já ao final, o Oh! foi citado, junto a uma outra opção ou incluído no “todos”.

Assim, as opiniões não mudaram, mas ampliaram-se pela narração. Os outros livros foram descobertos.

*Todos*: um menino.

*Oh!*: dois meninos e duas meninas.

*Geométrico*: uma menina.

*Astronino*: uma menina.

*The Red Book*: um menino.

### ▪ Observação geral sobre as crianças

Na primeira parte, a turma foi muito participativa, quase não se dispersou. Os meninos falavam muito, principalmente um deles, que queria chamar a atenção para si o tempo todo. Por isso, seus comentários pareciam meio forçados, às vezes. Isso distraiu um pouco as crianças, principalmente duas das meninas, porque pareciam mais avoadas. Alguns queriam manifestar-se para ver os livros juntos. No geral, as crianças apresentaram-se espertas, apesar das narrativas serem previsíveis, na maioria. Narraram histórias, inventaram algumas coisas. Dispersaram um pouco... Todos participaram.

## 2.5. DESCRITIVO RESUMIDO DA ATIVIDADE 1: ESCOLA PARTICULAR



**Figuras 429 e 430:** *Atividade 1* na escola particular – observações livre e dirigida, respectivamente.

### 2.5.1. Crianças de 3 anos

- **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m27s.

O livro prendeu a atenção de maneira muito específica, basicamente de duas crianças. Foi fácil de manipulá-lo, pelo tamanho. As crianças gostaram de colocá-lo em pé. Algumas não se prenderam a ele. Ninguém demonstrou perceber o relevo, muito discreto para a idade, mas houve muitos cochichos enquanto se via o livro. Foi o livro preferido das meninas no final desta primeira parte da observação.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m16s.

Quando este livro foi visto de forma individual, parece não ter causado grande entusiasmo, apenas em uma ou duas crianças. Na leitura coletiva, porém, teve grande produção, com atenção e participação de todos, ainda que alguns tenham se destacado em expressar suas idéias (duas meninas). Fizeram uma narração com lampejos bem criativos.

Ninguém percebeu o relevo. Acrescentaram muitos elementos ao livro, por exemplo, o *Batman* e *Mac Steal* (personagens televisivos):

*“Observador:* o que mais tem aqui...

*Gabriel:* tem um sol...

*Observador:* é um sol?

*Lívia:* não, é flor...

*Observador:* flor ou sol?

*Meninas:* flor...

*Observador:* E daí, o que aconteceu com a flor?

Observador vira a página.

*Luiza:* virou uma casinha...

*Observador:* virou uma casa? Porque ele está entrando lá?

*Crianças:* sim...

*Luiza:* é a casa do cachorro... vai morder ele...

*Observador:* será que tem cachorro? Vamos ver o que tem lá dentro?

Vira a página.

*Luiza:* tem cachorro...

*Lívia:* é “panguru”.

(...)



*Observador:* o que aconteceu?  
*Luiza:* espirrou todos os rabos nele...  
*Observador:* espirrou os rabos?  
*Luiza:* é... e apareceu um monte de bexiga...  
Gabriela repete.  
*Observador:* é bexiga?  
Todos concordam e repetem.  
(...)  
Vira a página.  
*Observador:* e agora?  
*Lívia:* ele virou o *Batman*.  
*Gabriel:* virou o “roquetiu”<sup>62</sup>  
*Luiza:* agora chegou um monte de *Batman*.  
*Gabriel:* um monte de “roquetiu”  
Observador vira a página.  
*Observador:* e agora?  
*Gabriela:* acabou  
*Luiza:* ele foi pra casa dele...”

▪ **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m37s.

O livro não despertou tanto interesse como de costume, principalmente nos meninos presentes. Apenas duas meninas envolveram-se na leitura. O tamanho do livro atraiu-as, todas perceberam a abertura das páginas, porém a grande maioria teve dificuldades em manipular o livro, principalmente voltar as páginas ao lugar inicial. As crianças mais cuidadosas demoraram a ver, tomando cuidado com as páginas. As páginas triplas foram o destaque, sendo que a maioria não se prendeu ao fator “transformação”. Houve pouco comentário.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m25s.

Ao contrário da observação livre, este livro causou grande participação. Foi estimulante, as crianças gostaram de ver. Não houve a percepção de alguns detalhes, como as relações entre as páginas fechadas e abertas (as figuras que se repetem). Prenderam-se às figuras e perceberam que uma coisa “virava” a outra. Algumas figuras não foram reconhecidas

---

<sup>62</sup> A criança quis dizer Max Steal, personagem televisivo e boneco para brincar.

(raquete, cachimbo). Elementos sonoros foram acrescentados para a abertura das páginas, como uma “vinheta”. O livro não gerou nenhum tipo de narração, somente comentários localizados.

*“Observador: o que acontece com a xícara?*

*Gabriela abre.*

*Luiza: vira um barco...*

*(...)*

*Luiza: é um barco!*

*Lívia: nhe, nhe, nhe... (vira a página)*

*Observador: o que é esse?*

*Rafael: pato...*

*Lívia: nhe, nhe, nhe... (vira a página)*

*Observador: e agora?*

Todos se tumultuam sobre o livro querendo virar com as mãozinhas.

Empolgam-se com as figuras. Querem ir e voltar.

*(...)*

*Gabriel: o que é isso?*

*Luiza: é pra olhar gente...*

*Observador: será um binóculo?*

*Gabriela: não é...*

*Lívia: é de soprar...*

*Observador: é um cachimbo. “*

#### ▪ **O Balãozinho Vermelho**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m15s.

No geral, o livro não chamou a atenção. As crianças que já demonstraram ser participativas foram as que prestaram atenção na leitura. Somente uma envolveu-se com o livro. Não houve comentários. Mesmo com uma capa legível, algumas crianças começaram a ver o livro de cabeça para baixo.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m6s.

Quando este livro foi visto de forma individual, parece não ter causado nenhum entusiasmo. Na leitura coletiva, porém, teve grande aceitação, com atenção e participação de todos, ainda que alguns tenham se destacado em expressar suas idéias (duas meninas).

Houve um constante “e aí virou...”. A personagem humana foi perfeitamente identificada. A fase de maçã, porém, passou totalmente despercebida. Todos queriam falar ao mesmo tempo e detalhes passaram. Os elementos desenhados em preto e branco não foram percebidos em detalhes, só as figuras principais (homem, folhas, pés). O guarda-chuva visto de lado também não foi identificado, só visto de cima (última página):

*“Observador: o que aconteceu com a flor?  
Luiza: ficou uma flor chata... (quis dizer murcha...)  
Observador vira a página.  
Observador: e aqui?  
Lívia: ele fez assim, ó... (acompanha as ondas do guarda-chuva com o dedinho)  
Observador: o que é isso?  
Luiza: parece uma água...  
Lívia: misturada...  
Observador vira a página.  
Observador: e aqui?  
Gabriela: virou guarda-chuva...  
Observador: o que é isso?  
Luiza: virou um pé... dois.  
Observador: o que é isso?  
Lívia: um guarda-chuva...  
Observador: e o pé, está colado no guarda-chuva?  
Fazem negativas com a cabeça...  
Observador: como é isso?  
Luiza: isso vai se virar num homem...  
Observador: tem um homem aqui?  
Fazem que sim...”*

#### ▪ **The Red Book**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m6s.

No geral, o livro não chamou a atenção. A sobrecapa mostrou-se um problema durante a manipulação. Alguns se confundiam, outros tiravam-na fora. Alguns folhearam rápido demais para perceber algo, outros nem chegaram ao final. Uma menina não viu.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 8m54s.

Quando este livro foi visto de forma individual, não causou entusiasmo. Ou foi folheado rapidamente, ou visto pela metade. No processo coletivo, levou a uma boa participação. Todos ficaram atentos e a maioria participou. Da capa, apenas a cor prendeu. Desprezaram o conteúdo (sobrecapa).

Houve elementos não percebidos. Outros causaram confusão, principalmente o sexo e idade dos personagens:

*“Luisa: ficou caindo neve e um homem... com frio (abraçava-se por causa do frio...)”*

*Gabriel: é esse!*

*Luiza: ficou caindo neve e ele ficou com frio...*

*Gabriel (vira a página): olha tia...*

*Luisa: as pessoas num lugar quentinho...*

*(...)*

*Observador: que esse homem está fazendo? É um homem?*

*Lívia: não é...*

*Luisa: homem e mulher...*

*Observador: quem é esse aqui?*

*Lívia: é o homem que tava com frio...*

*Gabriela: é mulher...*

*Observador: mulher ou menina?*

*Gabriela: mulher.*

*Lívia: não, é menino...*

*Gabriela: não, aqui tem rabinho (faz no seu cabelo).*

*Luiza: não, está com gorro (mostra em si...).*

*Observador vira a página.*

*Observador: é menino ou menina? (agora sem gorro)*

*Luisa, Lívia, Gabriel: menina...”*

A turma saiu-se muito bem, pois percebeu as personagens “entrando e saindo” do livro. Identificaram as personagens dentro do livro desenhado. Houve uma seqüência de ações descritas: nevar; achar algo; ir pra escola; fazer trabalho; encontrar balões; voar; derrubar o livro; o livro estragar-se ou não:

*“Observador: o que ela estava fazendo aqui?”*

*Luiza: lendo um livro... o livro daquele homem...*

*Observador: o livro do homem? Cadê o homem?*

*Luisa: é... tava vendo o homem vendo o livro...*

*Observador: onde está o homem?*

*Luisa aponta para o menino no livro da menina.*

*Observador: é isso?*

*Concordam.*

*Lívia: está aqui o homem, essa é a menina e essa é a menina... (do livro do livro...)*

*Observador: é a menina aí pequenina?*

*Lívia*: grande e pequena...  
Juntam todos para ver de perto.”

#### ▪ Livro Geométrico

*Observação Livre*:

Média de tempo: 1m18s.

As primeiras páginas prenderam um pouco mais a atenção, mas nesta turma em pequena dimensão. Houve dificuldade motora em ultrapassar as primeiras páginas. Não chamou muito a atenção desta turma. Pouquíssima manipulação. A maioria das dobras passou despercebida. Apenas uma criança envolveu-se. O livro exigia muito da coordenação motora das crianças nessa idade. A cor, elemento importante do livro, não foi comentada. Somente a forma. Houve apenas uma comparação da figura abstrata com algum elemento real (“tem uma lua”).

*Observação Dirigida*:

Tempo: 3m2s.

Mesmo sendo o último livro e as crianças estando um pouco dispersas, juntaram-se todas para mexer no livro. Não houve muito comentário, só ação. Uma menina disse ser um livro de “fórmulas”. Descreveram as formas geométricas, perceberam as texturas diferentes dos papéis, as colagens e as dobras. Houve algumas poucas comparações. Na observação individual, as crianças sequer manipularam o livro. No coletivo ele foi bem prestigiado. Como foi o último visto, acabou sendo o preferido da maioria no fim:

*Observador*: o que tem esse?

*Luisa*: um monte de desenho...

Gabriela pega pra ver. Juntam-se todos.

*Observador*: o que a gente faz com esse livro?

*Luisa*: aprende a fazer algumas fórmulas...

*Observador*: fórmulas ou formas?

*Lívia*: uma bola... Uma bola colorida...

Vão manipulando juntos. Percebem a diferença da espessura das páginas, abrem as abas, todos se concentram, menos um menino.”

(...)

*Observador*: gostam?

Fazem que sim.

*Gabriel*: é uma lua...

*Observador*: onde você viu a lua?

*Gabriel*: aqui.

*Observador: aí dentro?  
Faz que sim com a cabeça.”*

- **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 11m30s.

Observação Dirigida: 28 minutos.

Tempo total de atividade: 43 minutos.

- **Livros preferidos**

As crianças mudaram totalmente de idéia quanto ao livro preferido da primeira para a segunda parte da atividade. O preferido das crianças na primeira vez que perguntadas foi o Astronino (por quatro crianças). Este livro nem foi citado no final. Houve uma influência clara de opiniões.

Todos: dois meninos.

Geométrico: três meninas.

- **Observação geral sobre as crianças**

De forma geral, as crianças apresentaram-se muito espertas para a idade (três anos). Algumas sabiam contar; a maioria expressava-se bem verbalmente; narravam fatos; descreviam cenas; as meninas foram mais participativas, pareciam mais maduras, falavam melhor. A observação livre não parecia atrair muito as crianças, mas todas participaram da observação dirigida (alguém a contar-lhes uma história – hábito). Houve alguma dificuldade motora, mas nos pontos já detectados: “Geométrico”, sobrecapa do “The Red Book” e um pouco no “Oh!”.

## **2.5.2. Crianças de 4 anos**

- **Livro Geométrico**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2 minutos.

As primeiras páginas prenderam um pouco mais a atenção, pela descoberta do “como fazer”. Houve dificuldade motora em manipular algumas páginas. Duas das crianças

chamaram a atenção para o livro, foi muito interessante: “Esse aqui é bem mais legal que os outros”, disse um menino que viu o livro três vezes. A cor, elemento importante do livro, não foi comentada. A forma se sobrepôs à cor.

#### *Observação Dirigida:*

Tempo: 2 minutos.

Foi o primeiro livro da observação coletiva. As crianças gostaram do livro, algumas o viram várias vezes, mas a observação não gerou nenhum tipo de narrativa, somente algumas comparações abstrato-concreto:

*“Observador:* e o que acharam desse livro?

*Beatriz:* ele é o mais bonito.

*Murilo:* eu gostei porque tem um monte de coisa dentro dele que solta...

*Observador:* você fez o que com ele?

*Murilo:* eu brinquei.

*Helena:* ele fez uma janela...

*Murilo:* quer ver, abre ele... (vai e abre) tem uma janela... É muito legal, tem um monte de ponta...

*Observador:* dá pra contar uma história com ele?

*Murilo:* não, é só pra ver... a história é só pra os outros, esse é só de mexer. É o mais legal de todos.”

#### ▪ **The Red Book**

#### *Observação Livre:*

Média de tempo: 1m3s.

No geral, o livro não chamou a atenção. A sobrecapa mostrou-se um problema durante a manipulação. Alguns se confundiam, outros a tiravam fora. Alguns também folhearam rápido demais para perceber algo, outros nem chegaram ao final. Somente uma menina viu todo o livro com atenção.

#### *Observação Dirigida:*

Tempo: 8m21s.

Foi o segundo livro a ser visto. Houve dispersão nesse momento, pois a atividade já decorria há muito tempo. Até os mais concentrados na primeira parte dispersaram-se.

Houve domínio da narrativa por parte de duas crianças (um menino e uma menina), as mais extrovertidas do grupo. Algumas só participam quando estimuladas. Muitos detalhes

passaram despercebidos. Houve a confusão entre os personagens (sexo, papéis na história). A questão central da história (metalinguagem) só foi percebida no final e em pouca profundidade por uma criança:

*“Beatriz: não, é a casa dele. Esse aqui é o menino.*

*Murilo: é a mãe dele.*

*Beatriz: não, quem tem o livro é o menino.*

*Murilo: mas a mãe pegou.*

Fazem confusão por causa das figuras menino-menina.

Observador vira a página.

*Murilo: esse não é o menino, é o pai dele.*

*Observador: e o menino?*

*Murilo: ele está nessa página, o pai tinha uma blusa igual à dele... (volta páginas para conferir).*

(...)

Murilo mostra os balões na ilustração do livro. Todos querem ver.

*Amanda (vira a página): daí ele chorou...*

*Murilo (pensativo): ele estava na história...*

*Observador: como?*

*Murilo (pega o livro e mostra): olha ele estava no livro, está vendo?*

*Observador: como ele foi parar aí?*

*Murilo: não sei, primeiro ele estava na casa, agora está dentro do livro... Foi o balão.*

*Crianças concordam.”*

#### ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m6s.

No geral, todas as crianças viram o livro inteiro. Percebeu-se que só a figura vermelha foi seguida e chamou a atenção. Nenhuma observação foi relevante.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 8m2s.

Neste terceiro livro visto coletivamente, a ausência de cores perturbou, uns queriam pintá-lo:

*“Observador: e esse aqui?*

*Murilo: olha, é pra pintar.*

*Observador: por que?*

*Murilo: está sem pintar...*



*Observador:* vocês iam gostar de pintá-lo?

*Meninas:* sim...

*Murilo:* eu não...

*Observador:* você queria mais colorido?

*Murilo:* sim..."

O livro despertou muito interesse a partir do momento que as crianças perceberam os detalhes (em preto e branco). Não conseguiram descrever o porquê de não terem visto tais detalhes antes: "Estava por baixo de tudo..." comentou uma criança.

O nível de abstração apresentado no livro trouxe reações muito diferentes, desde a imediata identificação da figura, até relações "inexplicáveis". Despertou a criatividade:

*"Amanda:* daí a maçã caiu lá no meio da rua.

*Observador:* é uma rua aqui? O que tem na rua?

(...)

*Amanda:* eu acho que tem escaravelho...

Mostra a figura em preto e branco.

*Observador:* nossa!

*Beatriz:* olha, aqui tem bicho...

*Murilo:* deixa eu ver... (pega o livro)

Começam a ver os animais.

*Observador:* mas eles estavam escondidos? Como vocês não viram antes?

(...)

Murilo pega o livro e começa a achar mais bichos. Ele não quer mais largar o livro. Procura todos os insetos.

*Observador:* por que vocês não viram antes?

*Amanda:* eles estavam escondidos *embaixo de tudo...*

Observador vira a página.

*Observador:* o que aconteceu com a borboleta?

*Amanda:* virou uma aranha...

*Observador:* uma aranha?

*Helena:* não uma flor...

(...)

*Amanda (vira página):* depois virou um guarda-chuva (vira), depois uma cabana (vira), depois um roda-roda...

*Observador:* e acabou... O que você acha que é isso aqui? (última página).

*Murilo:* um roda-roda

*Helena:* um...

*Beatriz:* um mosquito, uma aranha, uma teia... (para Helena, rindo)

*Eduardo:* uma roda de carro.

*Murilo:* eu acho que é uma bola de ponta...

*Murilo:* eu gostei dessa, eu quero essa de novo, eu gostei dos bichinhos..."

## ▪ Astronino

*Observação Livre:*

Média de tempo: 46 segundos.

O livro prendeu a atenção de maneira muito específica. Foi visto ao todo apenas por duas crianças, sendo que houve um envolvimento mais efetivo de apenas uma delas. Não despertou muito interesse. Uma criança não quis ver. As crianças gostaram de colocá-lo em pé. Ninguém demonstrou perceber o relevo, muito discreto para a idade.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m53s.

Algumas crianças estavam dispersas. Foi o quarto livro observado. Uma menina dominou a narração. Ela desenvolveu uma história polêmica, muito imaginativa (matou praticamente todos os personagens), mas os outros concordaram, visivelmente por não se animarem a inventar outra história. A maioria já estava sem entusiasmo:

*Amanda:* eu vou contar tia...

*Murilo:* eu não gosto dessa história... eu já vi.

(...)

*Amanda:* tinha uma nave que voou.

(...)

*Amanda:* e depois, o astronauta... ele estava matando a planta... e depois matou o sol... (vai virando as páginas).

*Beatriz:* não, isso é uma flor... Ele está entrando dentro da flor...

(...)

*Amanda:* e depois ele matou todos os bichinhos.

*Observador:* era mau esse astronauta?

*Amanda:* e depois veio um touro e matou o astronauta!

(...)

Helena concorda, outras duas crianças ouvem com atenção.”

## ▪ Oh!

*Observação Livre:*

Média de tempo: 2m15s.

Algumas crianças não viram por falta de tempo (duas), pois as outras demoraram muito na leitura. O tamanho do livro atraiu, todas perceberam a abertura das páginas, porém a grande maioria teve dificuldades em manipular o livro, principalmente voltar as páginas ao lugar inicial. As crianças mais cuidadosas demoram a ver, tomando cuidado com as

páginas. A página tripla foi o destaque, sendo que a maioria não se prendeu ao fator “transformação”.

#### *Observação Dirigida:*

Tempo: 7m35s.

Foi o último livro. As três meninas se dispersaram totalmente. Os dois meninos ficaram atentos ao livro e se divertiram bastante. Viram duas vezes. O livro levou-os a criar um “método de leitura” com direito a sonoplastia própria.

Enquanto um deles (o mais extrovertido) iniciava a leitura de cada página com um “isso virou... hirru... um...”, o outro respondia com um “eca... virou um...”

Não houve a identificação das figuras de ligação, nem de algumas imagens: charuto e raquete (era uma “maçã vermelha”).

Após o final, enquanto todos se arrumavam e iam voltando para a sala, o menino extrovertido pegou o livro e viu-o pela terceira vez: “Isso virou... hirru... (pergunta ao *câmera*): “Você gostou dessa folha? Eu gostei muito dessa história, mais que todas. Quando eu voltar nessa sala quero ver de novo essa história (todos já foram e ele continua a falar para a câmera, não quer ir embora...) Eu vou contar essa história pra minha mãe...” Saiu falando pelo corredor até a sala de aula.

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 12m14s.

Observação Dirigida: 32m40s.

Tempo total de atividade: 47m14s.

#### ▪ **Livros preferidos**

A maioria mudou de livro preferido da primeira para a segunda parte.

*Astronino*: uma menina e um menino (escolheu dois livros).

*Oh!*: dois meninos.

*The Red Book*: uma menina.

Geométrico: uma menina (na primeira parte, o livro foi muito apreciado por um dos meninos – viu três vezes- que depois mudou para o Oh! – viu três vezes também - mas ficou evidente que gostou muito...)

- **Observação geral sobre as crianças**

Houve muita influência do comportamento de algumas crianças, desencadeando imitações: rir dos livros, acabar apressadamente, cantar (duas meninas foram mais envolvidas nessa situação). Não perceberam a ausência das letras.

De forma geral, as crianças apresentaram-se muito espertas, a maioria expressava-se bem verbalmente; narravam fatos; descreviam cenas; não conseguiram concentrar-se durante toda a atividade, principalmente as meninas. Os meninos mostraram-se muito atentos, num envolvimento grande com os livros. Não queriam ir-se embora ao final.

### 2.5.3. Crianças de 5 anos

- **Livro Geométrico**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m55s.

As primeiras páginas prenderam um pouco mais a atenção, devido a um certo “estranhamento”. Houve dificuldade motora em manipular o livro por parte de alguns. No geral, as crianças se interessaram e viram-no como um livro diferente: “Que *da hora* esse colorido!”, manifestou um dos meninos; “Esse livro é louco”, Disse o segundo menino; “Eu descobri tesouros...” (terceiro menino do grupo). As meninas não se interessaram tanto.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 2 minutos.

Na observação livre as crianças gostaram do livro, principalmente os meninos. Já na segunda parte, um deles fez um comentário que influenciou o outro (“é de bebê”). O terceiro menino gostou de manipular (“é da hora”, comenta). A turma não produziu nenhum texto, começou essa segunda parte dispersa. A ausência “das letras” foi percebida.

- **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 3m6s.

O livro foi muito apreciado, sendo considerado “legal, engraçado, divertido”. As crianças sorriram ao ver o livro, com surpresa em algumas páginas. A maioria se prendeu às triplas, na descrição das transformações. Uma menina atraiu-se muito pelos pontos de transição das figuras. A maioria fechava as páginas de modo errado.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 4m25s.

Foi o segundo livro visto. As crianças tentaram contar uma história. Começaram no “era uma vez”. Mas logo estavam a brincar de adivinhar com o livro. Uma delas, um menino, dominou a brincadeira. Perguntava e os outros respondiam:

*“Marcos: gostamos desse porque é engraçado.*

*Renan: tem que adivinhar.*

*Giulia: é legal.*

*Observador: dá pra inventar história?*

*Renan pega o livro e começa a mostrar.*

*Renan: é pra brincar... É pra adivinhar...*

*Giulia: dá pra contar um pouquinho de história.*

*Renan: era uma vez um moço muito bravo que tava mostrando um dedo e daí puxou o rabo de um jacaré. Agora é o mais engraçado (vira a página). O que é, o que é? A xícara, mas tem que virar... tem que adivinhar...*

*Marcos: o barco.*

*Renan: acertou meu amigão... meu chapa.*

*Renan: o que é agora esse peixe?*

*Julia: um pato.*

*Renan: acertou...”*

#### ▪ **O Balãozinho Vermelho**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m55s.

Três crianças viram o livro com atenção (dois meninos e uma menina). As outras duas distraíram-se. Um menino não chegou ao final. Foi o elemento vermelho que prendeu as crianças, sendo essa a figura principal. As outras passaram despercebidas, com exceção da figura humana (cabeça e pés), citada por alguns. Algumas figuras extras também surgiram: “morcego vermelho” e “morcego-*chicletes*”. Essa última associação foi feita pela criança em outro momento: “Flor-*chicletes*”, numa clara referencia ao começo da história (pastilha elástica), onde a figura vermelha é a mesma, constantemente em transformação.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 3m51s.

Foi o terceiro livro visto. Todos participaram. Uma criança deu o título: “O saltador de bolhas”. A figura vermelha foi o centro, sendo que pouco do que estava a traço foi percebido. Só os elementos mais importantes foram citados (menino, pé, árvore - identifica a maçã). A relação da figura com um *chicletes* (pastilha elástica) foi feita novamente, o que mostra a clara percepção que a criança tem da transformação do elemento vermelho e a força da cor:

*“Júlia: uma flor...*

Observador vira a página.

*Renan: virou uma flor, uma flor-chicletes...*

Observador vira a página.

*Antonio: tudo tem alguma coisa de chicletes...*

(...)

*Renan: um morcego!*

*Observador: e as meninas?*

*Meninas: é um guarda-chuva.*

E vocês, acham que é um morcego?

*Antonio: eu não, é um guarda-chuva.*

Observador vira a página.

*Renan: o chicletes grudou no pé dele...”*

As crianças avaliaram bem o livro, inclusive as cores usadas:

*“Observador: gostaram?*

*Antonio: da hora...*

*Observador: e as cores?*

*Antonio: é legal, preto, branco e vermelho...*

*Observador: alguém quer por mais cor no livro?*

*Renan: “pelo amor de Deus”, vai ficar muito colorido...”*

▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m17s.

O livro prende a atenção de maneira muito específica: um dos meninos narrou a história toda enquanto via; uma das meninas ficou muito atenta e percebeu o relevo (somente ela), o que a levou a tocar em todas as outras páginas. Não despertou muito interesse das outras crianças, que o viram distraidamente. As crianças gostaram de colocá-lo em pé.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m5s.

Nem todos afirmaram ter gostado do livro, a princípio. O relevo foi percebido por uma das meninas, que contagiou a todos para tocarem nas páginas. Também o jogo cores *versus* preto e branco do personagem foi percebido.

Ao final, depois de tocarem, descreverem e narrarem, com a participação de quase todas as crianças (menos uma menina, que ficou calada), mudaram de idéia quanto ao livro.

Todos gostaram:

*Giulia:* tem alguma coisa diferente nesse astronauta.

*Marcos:* ele é preto e branco.

*Renan:* e o foguete só azul...

*Giulia:* azul e um pouco roxo. Daí ele jogou uma semente dentro de um buraco...

*Observador:* vocês tinham visto isso?

*Renan:* eu não...

(...)

*Antonio:* daí ele pulou dentro de um girassol

*Giulia:* do girassol gigante...

*Antonio:* gigantésimo...

(...)

*Antonio:* daí o canguru deu uma rabada no astronauta.

*Marcos:* daí ele pintou ele...

Todos concordam.

*Renan:* ele ficou bonito...

*Giulia:* ele era preto e branco e ficou azul... (passa a mão)

*Observador:* porque passou a mão?

*Giulia:* é mais legal...

Alguém tinha passado a mão no astronauta?

*Crianças:* eu não!!!

*Observador:* olha o que a Giulia descobriu...

Todos passam a mão.

*Renan:* da hora...

(...)

*Observador:* quem gostou?

*Crianças:* eu!

*Renan:* agora eu gostei... bastantão!

*Marcos:* eu também..."

## ▪ The Red Book

### *Observação Livre*

Média de tempo: 2m2s.

No geral, o livro não chamou muita atenção. Dois dos meninos prenderam-se no começo. As meninas não. Folhearam rápido demais para perceber algo. A sobrecapa mostrou-se um problema durante a manipulação. Foi deixada de lado. Alguns se confundiam, outros a tiravam fora. O terceiro menino foi o único que viu o livro todo com atenção e fez uma narrativa completa, de trás para a frente!

### *Observação Dirigida:*

Tempo: 7m52s.

Foi o último livro da atividade. Mesmo assim, as crianças participaram, não houve dispersão. Apenas uma menina não falou, como nos livros anteriores. Era claramente a mais introvertida.

Uma criança nomeou o local da história: Nova York (prédios, neve... referência dos filmes televisivos).

Houve confusão quanto ao sexo e diferenças dos personagens. Primeiro, é um “menino”. A menina só é citada quando está sem touca e casaco, em *close* na página.

As crianças não conseguiram compreender a complexidade toda da história, mas tentaram entender e se expressarem. Logo relacionaram o livro ilustrado com o real (o “vermelhinho”):

*Antonio:* é a cidade de Nova York.

*Renan:* estava super frio, estava no inverno.

*Observador:* porque é Nova York?

*Antonio:* porque parece...

*Observador:* aqui tem neve, no Brasil?

*Todos:* não...

(...)

*Marcos:* um livro lá no chão.

*Renan:* o menino e o livrinho.

*Giulia:* ali o menino indo pra escola...

*Observador:* o que ele tava levando?

*Julia:* um livro.

*Renan:* um livro igual esse ai (mostra o livro real), vermelhinho também.

*Antonio:* ai a menina está lendo o livro do planeta Terra.

*Observador:* é outro livro?

*Crianças:* é.



*Antonio:* é dos negócios do planeta Terra (livro da menina), e o menino está na praia... lendo um livro de Nova York.

*Marcos:* igual esse daí porque ele é vermelho.

*Giulia:* porque ele tem essas coisas e esse livro também...

(...)

*Antonio:* a menina tava lendo um livro e o menino tava lendo um livro também, daí a menina tava dentro do livro do menino e o menino do livro da menina...

*Observador:* vocês perceberam isso? Um estava dentro do livro do outro?

*Giulia:* acho que eu percebi; ele viu ela vendo o livro e eles ficaram assustados... eles começaram a pensar.

*Marcos:* ela também tem um livro vermelho...

(...)

*Antonio:* olha que da hora (ri)... um no livro, no livro, no livro... (não consegue expressar).

Apontam para os quadros e Antonio tenta explicar.

(...)

*Observador:* que acharam desse livro?

*Meninos:* legal.

*Giulia:* eu adorei..."

#### ▪ **Tempo de Atividade**

Observação Livre: 14m50s.

Observação Dirigida: 25m56s.

Tempo total de atividade: 43m55s.

#### ▪ **Livros preferidos**

Não houve quase nenhuma mudança do “livro preferido” da primeira para a segunda parte da atividade.

*Oh!:* dois meninos e duas meninas (elas escolheram dois livros).

*The Red book:* um menino.

*Geométrico:* duas meninas.

#### ▪ **Observação geral sobre as crianças**

De forma geral, as crianças apresentaram-se muito espertas, a maioria expressava-se bem verbalmente, narravam fatos, descreviam cenas. Enfrentaram bem o tempo de atividades. Não houve muita dispersão. Os meninos eram mais participativos que as

meninas. Um deles gostava muito de narrar as histórias, inclusive na primeira parte. As meninas eram mais tímidas, principalmente uma delas, influenciável pela opinião dos outros. Um dos meninos, apesar de extrovertido e participativo, também se deixava influenciar pelo outro, seu “melhor amigo”.

#### 2.5.4. Crianças de 6 anos

- **Livro Geométrico**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m47s.

As primeiras páginas prenderam um pouco mais a atenção. A dificuldade motora em manipular páginas estava superada praticamente por todos. No geral, as crianças se interessaram e viram-no como um livro diferente. Uma das meninas demonstrou um interesse especial que a levou a perceber a ausência de textos dos livros:

*“Amanda: o problema é que eu não achei em nenhum deles coisas pra ler.*

*Beatriz: só nesse (final do The Red Book).*

*Leonardo: você pode inventar qualquer coisa que eles falam...*

*Amanda: é mesmo! (admira-se, satisfeita)”*

Ao final destes comentários, a menina, sem dúvidas a mais extrovertida do grupo, estava a pensar a história que iria inventar a seguir, empolgadíssima.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 5 minutos.

O livro tornou-se um “desafio” para a menina acima citada, decidida a conseguir inventar uma história com ele. Assim, ela dominou a narrativa. As outras crianças ficaram atentas. Somente um menino quis participar e protestou o domínio dela. A narração gerada, na verdade, foi uma descrição permeada de momentos de criação extra-livro. Concentrou-se nas formas e fez algumas relações com o real. A criança tentou construir bem as frases, numa substituição ao texto escrito:

*“Amanda: um quadrado qualquer vira um triângulo; um triângulo qualquer vira uma página toda amarela (abrindo as abas da 2ª página, depois a vira); uma página comum vira um losango (vira a página); um círculo todo colorido e grande (vai abrindo os círculos) vira um mais ou menos grande e um círculo pequeno qualquer... e agora uma página só com um círculo no centro.*

*(...)*

*Gabriel:* deixa eu falar... São as asas de um livro... (mexe nas abas da página como se fossem asas...)

(...)

*Amanda:* uma página qualquer, sem nenhum desenho, e de repente se descobre um segredo (abre as abas de uma das páginas). Parece só uma página... (abre e fecha as abas sorrindo).

*Observador:* tinha um segredo?

Amanda vira a página.

*Amanda:* uma página qualquer abre as asas da imaginação..."

## ▪ **The Red Book**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m17s.

No geral, o livro não chamou muita atenção. A sobrecapa mostrou-se um problema durante a manipulação. Foi deixada de lado. Alguns folhearam rápido demais para perceber algo. Outros de trás para a frente.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 9m50s.

Foi o segundo livro a ser visto. Exploraram a capa, dando título ("Livro da Moeda") ou lendo o título em inglês (traduzido perfeitamente por uma das meninas!). Parece que esta foi a turma que mais se intrincou neste livro, percebendo muitos detalhes visuais e tentando explicar o "fantástico" presente na história. Acrescentaram outras informações, como o nome dos locais da história. Esses detalhes geográficos e culturais foram ricamente explorados.

*"Amanda:* e quando ele abriu, viu que tinha várias regiões do planeta, no livro vermelho...

*Observador:* é isso?

Crianças concordam.

*Gabriel:* esse era o mapa de todo planeta terra...

*Amanda:* era tipo o meu Atlas...

*Observador:* isso tudo está no livro? (na 1ª página com quatro divisões)

*Crianças:* está...

(...)

*Amanda:* e aí outro menino que estava, eu acho, no livro, pegou o livro e viu a cidade de Nova York, um menino lá de longe...

*Observador:* cidade de Nova York?

*Amanda:* é... que neva.

*Duda:* pode ser Roma.

*Gabriel:* pode ser no Brasil...

*Amanda:* não, no Brasil não neva...

*Amanda:* onde meu avo mora, lá em Sorocaba, teve uma chuva de gelo.

*Gabriel:* tia, isso aí eles inventaram, então pode mostrar que no Brasil neva...

*Duda:* esse menino, onde podia ser?

*Amanda:* numa ilha tropical, em Madagascar..."

Ainda houve um pouco de dificuldades na identificação das personagens (menino/menina). Perceberam a mágica do livro. Basicamente três crianças das cinco tiveram essas percepções e foram desvendando os detalhes do livro e supondo para eles explicações, mesmo que essas fossem "mágica". O final cíclico do livro também foi percebido:

*"Observador:* e o livro do menino?

*Amanda:* essa aqui é uma menina, acho.

*Beatriz:* menina.

*Amanda:* é uma menina. Olhou para seu livro e viu que tinha a figura de um menino numa ilha de Madagascar sentado, olhando para o seu livro e viu que tinha uma menina igualzinha a ela, na mesma posição. Eu não sei como, mas acho que esse livro tem algum negócio secreto...

*Observador:* é um livro especial?

*Gabriel:* não...

*Leonardo:* é do *Harry Potter*...

(...)

*Gabriel:* olha só, alguma bruxa pôs uma mágica numa pessoa pra entrar no livro...

Observador vira a página. Todos estão muito concentrados.

*Gabriel:* espera um minuto, tia, não, é uma mágica... ela fez uma mágica pra fazer dois livros, cada um olha pra pessoa que estava no outro livro: ele está vendo ela na outra terra e ela está vendo ele...

*Observador:* gente... ele estava vendo ela e ela estava vendo ele?

*Leonardo:* será que eles vão casar?

Todos riem.

(...)

*Amanda:* e ela comprou um monte de balões, um de cada cor, e ela foi voando, voando...

*Leonardo:* daí o balão estourou e ela caiu...

*Amanda:* deixa... Ele gosta que pessoas do bem morram...

(...)

*Amanda:* ela foi embora e deixou o livro.

*Amanda:* mas o menino do livro ficou muito triste porque viu que o livro se soltou da mão dela...

*Observador:* ele viu aonde?

*Amanda:* pelo livro... Olha só, isso daqui é a cidade e isso daqui é ela (mostra).

*Observador:* como você enxergou? Está tão pequeno...

*Amanda:* eu vi um pontinho...  
*Gabriel:* eu não disse tia que cada um está vendo um...  
*Observador:* também acho. E aí?  
(...)  
*Amanda:* os dois se encontraram...  
*Observador:* uau... Onde eles se encontraram?  
*Gabriel:* no livro.  
*Amanda:* na ilha de Madagascar...  
(...)  
*Gabriel:* olha os dois livros!  
*Leonardo:* agora o cara vai pegar o livro...  
Observador vira a página.  
*Observador:* o que será que vai acontecer depois?  
*Gabriel:* vai começar tudo de novo..."

▪ **Oh!**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m24s.

O livro foi muito apreciado, sendo considerado "legal, engraçado, divertido". Todos o viram admirados e a sorrir. Levou as crianças a descrever o que viam. Demoraram, queriam apreciar cada página. Prenderam-se principalmente ao fator surpresa da página tripla. Onde o livro estava, atraía pra si a atenção de várias crianças. Havia pressa em vê-lo.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 5m30s.

O livro causou muita agitação, praticamente todos falaram, todos ficaram atentos. Queriam narrar. Houve uma influência do modo que uma das meninas narrou o primeiro livro (Geométrico). Percebeu-se isso pelas palavras ("simples", "qualquer", "lindo") e pela forma de construir as frases, completas e acabadas como um texto escrito.

Procuravam criar uma frase que abarcasse a página dupla e tripla, como num processo completo de transformação. Esse foi o centro das atenções das crianças, usando basicamente a descrição. Alguns elementos extra-página também foram acrescentados:

*"Amanda:* uma mão qualquer...  
(...)  
*Gabriel:* uma mão segurou o rabo do jacaré pra que ele não veja nada que esta acontecendo.  
Vira a página.  
*Amanda:* uma xícara qualquer vira um barco com uma bandeira azul e amarela. (...)

*Gabriel:* um peixe vai nadando (abre) e depois aparece uma garça com um prendedor no bico...

*Duda:* uma gaivota...

*Gabriel:* uma garça...

Vira a página.

*Gabriel:* depois um prendedor qualquer cai no mar e vira um lindo peixe tentando comer uma maçã...

*Observador:* caiu no mar?

*Amanda:* nossa, eu gostei dessa Gabriel!

*Leonardo:* uma simples pêra...

*Gabriel:* uma simples maçã verde transforma num homem tentando pegar o sapato dele que caiu...

(...)

*Gabriel:* e depois a lua vira...

*Leo:* uma cobra...

*Gabriel:* uma jibóia tentando comer um chocalho...

*Observador:* ah... um chocalho!

*Amanda:* não é um chocalho, é uma raquete de tênis.

*Leonardo:* é uma raquete de *ping-pong*...

*Gabriel:* isso daqui é um chocalho na minha história!

(...)

*Leonardo:* vira um gato...

*Gabriel:* daí um simples charuto vira um...

*Leonardo:* um gato.

*Gabriel:* um rabo de um gato que tem uma escova... Está escovando os dentes dele...

Leonardo mostra o rabo, que é furado...

*Amanda:* se ele escovar o dente e engolir a pasta, já pensou... sai bolhinha pelo rabo...

Todos riem.

(...)

*Gabriel:* uma flor vira um lindo jacaré com um monte de flores pra dar pra namorada...

*Observador:* ah... e?

*Eduarda:* casaram... e fim."

#### ▪ O Balãozinho Vermelho

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m20s.

Nem todos viram o livro com atenção. Alguns pularam páginas ou folhearam sem ver. A parte vermelha prendeu as crianças, sendo essa a figura principal. As outras passaram despercebidas.

Observação Dirigida:

Tempo: 4m8s.

As crianças foram se revezando na iniciativa de narrar. No início, todos estavam muito envolvidos no processo. Somente uma menina quase não falava, mas ficou muito atenta. Mais ao fim houve dispersão, pelo sinal que tocou lá fora anunciando o recreio. Já era o quarto livro a ser visto coletivamente.

A narração gerada foi básica. Não houve a percepção dos detalhes, havia pressa. Centrou-se na figura vermelha e nas suas transformações. Os meninos tentavam incrementar com outros “acontecimentos” menos comuns ao livro. Em preto e branco, apenas o homem/menino e a pedra foram notados.

Ao final, foi-lhes perguntado sobre a cor do livro. Uns gostaram, mas mesmo assim sentiram-se estimulados a pintar o livro e finalizaram escolhendo os materiais ideais para isso:

*“Eduarda: o menino fez um balão pequeno que foi transformar num grande balão (circula o balão com o dedinho...).*

Vira a página.

*Eduarda: e sai voando, voando... (vira) até se transformar numa maçã...*

*Gabriel: e vai virar uma borboleta...*

Vira a página.

*Eduarda: que vai crescendo... até que cai... Daí cai bem numa pedra...*

*Leonardo: ela racha ao meio.*

Vira a página.

*Eduarda: e se transforma numa borboleta.*

*Amanda: numa “linda” borboleta...*

Vira a página.

*Gabriel: e faz cocô...*

*Leonardo: e a borboleta vai voando... até a China.”*

#### ▪ **Astronino**

*Observação Livre:*

Média de tempo: 1m6s.

O livro prendeu a atenção de maneira muito específica, somente duas meninas se envolveram. Ninguém percebeu os relevos. Não despertou muito interesse.

*Observação Dirigida:*

Tempo: 6m3s.

Foi o último livro. Revezaram no início da narrativa. Começaram bem descritivos, na medida em que tentaram identificar objetos, personagens, lugares. Houve alguma dificuldade pela abstração e pelo ambiente irreal do livro. Surgiram identificações como “metero”, “meteoridos”, “meterolitos”, para o planeta onde o foguete pousou; “plaquinhas”, “monte de bonequinhos”, “monte de gêmeos”, “gêmeos em ação”, “pessoas de Marte”, para os habitantes do planeta em que o foguete pousou (nem sempre visto pelas crianças); “feijão” para a semente; “Planeta das Tintas Coloridas” para o planeta do canguru; “monstro azul marinho de mão amarela”, “monstro marinho”, “ET das cores” para o astronauta transformado. Foram muitas as criações e nomeações nesse sentido.

No final da história, as crianças dispararam a inventar situações completamente fantasiosas, de forma desenfreada:

*Leonardo:* daí vai... eles vão pra outro planeta distante e chega uma nave espacial e ele vai pra Terra...

*Gabriel:* o que ele fala pra poder sair?

*Amanda:* ele virou um grande amigo, ele falou... Tipo ele disse “me desculpe senhor canguru, eu preciso voltar senão todos vão vir me procurar e vão querer matar você porque pensam que você é do mal...”

*Leonardo:* daí eles percebem que ele é do bem, como ele percebeu. É porque ele teve coragem. Os outros vão trazer um monte de tochas... aqueles negócios, tipo pra caçar um monstro...

*Leonardo:* que nem no “Indiana Jones”...

*Gabriel:* eles vêm com um monte de paus, pegam um monte de tocha e jogam e queimam.

*Observador:* se os homens fossem lá não iam perceber que o canguru era amigo e iam matar o canguru?

*Leonardo:* pra ser o fim, ele tromba na nave dos outros, daí ele atira, mata todo mundo porque ele pensa que eles vão matar o canguru amigo dele...

*Observador:* esse é o fim? Como é o fim pra você? (para Beatriz)

*Gabriel:* pra mim tia, o canguru passa pelas nuvens... Aí vai tocar o alarme, aí ele se esconde... porque os homens estavam entrando... (gagueja, apressa-se, mistura tudo...)

*Eduarda:* eles também vão pro espaço e todos ficam amigos do canguru!

*Observador:* ah!

*Gabriel:* depois eles entram e falam que o canguru é amigo.”

#### ▪ Tempo de Atividade

Observação Livre: 12m5s.

Observação Dirigida: 32m23s.

Tempo total de atividade: 48m4s.



## ▪ Livros preferidos

Houve muitos comentários finais sobre os livros:

*Todos:* são diferentes.

*Leonardo:* bem legais!

*Amanda:* porque esse tem formas (Geométrico); porque esse tem esse formato aqui... uma mão... um jacaré... (Oh!); porque esse tem muitas cores e é diferente um pouco a imagem, porque tudo isso aqui é pintado e isso é uma imagem de verdade (Astronino); e esse aqui é um livro só de três cores e os outros são bem coloridos... (Balãozinho Vermelho) e esse porque é um livro mágico e eu nunca vi um assim... (The Red Book).

*Observador:* vocês concordam?

*Amanda:* concordamos (ri de si mesma).

*Gabriel:* não são mágicos... Alguém pintou as imagens pra gente achar que são mágicos (os livros).”

*Geométrico:* duas meninas.

*Oh!:* um menino e duas meninas.

*Todos:* um menino.

## ▪ Observação geral sobre as crianças

As crianças apresentaram-se todas muito espertas, a maioria expressava-se muito bem verbalmente. Uma menina era calada e um menino falava com erros de pronúncia. Narraram histórias completas, inventaram finais diferentes, etc. Foram criativos. O repertório de algumas crianças mostrou-se muito rico para a idade. A atividade durou mais do que o normal por conta disso. Praticamente não se dispersaram até o final. Todos participaram.

Nesta turma houve a melhor “narração” do Livro Geométrico e a mais completa exploração das fantasias do The Red Book.

Também havia duas meninas muito amigas que se influenciavam bastante, uma chamando a outra o tempo todo (a mais extrovertida e a mais tímida). Um aluno parecia bem menos maduro, cantarolava bobagens (típico da fase...) e falava de forma incorreta.

## 2.6. ANÁLISE COMPARATIVA DA ATIVIDADE 1: ESCOLAS PÚBLICA E PARTICULAR

No Brasil, contamos com duas turmas de três anos, como nos planos iniciais. Foram experiências produtivas. Essas crianças, no geral, perceberam muito dos livros. Mas,

como seria normal, têm ainda dificuldades em lidar com o fator tempo. Assim, na escola pública, duas delas participaram somente da primeira parte da experiência, querendo depois ir embora. Eram realmente bem pequenas. Algumas ainda falavam muitas palavras erradas. Neste sentido, as crianças da escola particular pareciam um pouco mais amadurecidas e toleraram muito bem o tempo de atividade.

A liberdade das crianças pequenas em criar e fantasiar ficou muito evidente, mais ainda em algumas delas. Não havia aparentemente nenhum tipo de padrão para os livros. Dos mais abstratos aos mais representativos, todos puderam ser vistos, manipulados e geraram estímulos diversos, do verbal ao motor. Quando estas crianças estavam diante de algo estranho ao seu repertório ou não identificado, abstrato, inventavam.

Nas duas escolas, elementos difíceis dos livros foram percebidos de alguma maneira, como as personagens das páginas do livro vermelho, as relações das figuras das páginas do Oh! e algumas figuras escondidas em traço preto no Balãozinho Vermelho. Isso ocorreu pontualmente nas duas escolas, e de maneira mais evidente na escola particular. Também nas duas escolas a leitura estimulada foi bem mais produtiva. Um fator comum: várias crianças pediam para a investigadora “contar uma história” com o livro, o que já pareceu-nos um hábito consolidado em muitas delas, quer pela escola, quer em casa, o que pudemos notar nos questionários.

As maiores dificuldades com os livros foram as motoras, naqueles já especificados.

Quanto às turmas com 4 anos, percebemos uma agitação, como em Portugal. Seria típico? De qualquer forma, na escola pública, a observação individual ocorreu guiada pelos interesses, ou seja, nem todos os livros foram vistos por cada criança. Alguns foram desprezados, literalmente. As crianças se influenciavam muito. Quando houve dispersão, essa afetou a todos. O mesmo ocorreu na escola particular, numa seqüência de imitações.

Eram crianças muito espertas. Já expressavam-se bem, eram criativas. Tivemos bons momentos nas duas escolas. Algumas crianças em particular eram mais concentradas e destacaram-se. As meninas dispersaram-se mais.

Na escola pública, o Astronino atraiu os meninos, e na particular foi o Oh que os prendeu, a ponto de não quererem ir embora. Perceberam no The Red Book a presença de algo “estranho”, de um “entrar e sair” do livro, mas não houve aprofundamento nas questões difíceis. No livro Balãozinho, as duas turmas descobriram os elementos escondidos nos traços pretos e isso tornou a experiência com o livro bem mais rica. Uma criança, da escola particular, chegou a dizer que não tinha visto estes elementos antes (na observação livre) porque estavam “por baixo de tudo”. Foi como se tivessem descoberto um tesouro. As dificuldades motoras já se realçaram menos, num nítido desenvolvimento.

As crianças de cinco anos saíram-se bem. Eram mais concentradas. Na escola pública, praticamente todos participaram, tanto na observação livre quanto na dirigida. Os meninos pareceram mais interessados. Na escola particular os meninos também

participaram melhor. Como esse não foi um foco valorizado, não nos foi possível perceber se tratou-se de uma coincidência, mas aconteceu.

O tratamento dado aos livros variou muito. Enquanto um era bem explorado, outro era visto de forma superficial. Na escola pública o destaque foi a leitura do *The Red Book*, onde um menino penetrou na complexidade do livro, na “magia” proposta pela autora. Na escola particular esse também foi um ponto bem discutido. Os outros também foram apreciados. Astronino foi explorado tatilmente na escola particular, depois que uma menina percebeu o sutil relevo do livro.

As crianças de 6 anos mostraram-se muito espertas. Algumas se destacavam. Mesmo assim, a maioria teve ótima participação. Em ambas as turmas notou-se a ausência das letras logo no início da atividade.

Na escola pública, as crianças ficaram quase o tempo todo envolvidas. Mas, no geral, a participação foi básica, não indo muito além do já explorado anteriormente. Não se mostraram mais amadurecidas do que as crianças de cinco anos da mesma escola, algumas mais perceptivas, inclusive.

Já na escola particular, houve um nítido destaque para essa turma. O repertório demonstrou-se rico. A participação foi praticamente geral. Foram bem criativos. Nesta turma houve a melhor “narração” do Livro Geométrico e a mais completa exploração das fantasias do *The Red Book*. Apenas uma criança destoava, com atitudes mais imaturas e erros de pronúncia, o que já não foi observado na escola pública.

## **2.7. AS RELAÇÕES CRIANÇA-LIVRO SEM TEXTO MEDIADAS PELO EDUCADOR: A ATIVIDADE 2**

Repetimos as metodologias já descritas nas escolas brasileiras. Foram quatro salas na escola particular e três na escola pública.

### **2.7.1. Descritivo resumido da *Atividade 2*: escola pública**

- **Sala 1**

Livro escolhido: Pedaco de cabeça de criança.

Total de crianças: 20.

Tempo: 25 minutos.

Data: setembro/2007.

O ambiente onde se desenvolveu a atividade é uma sala de aula tradicional para pré-escola, com mesas e cadeiras pequenas e manipuláveis. As crianças sentaram no chão, de frente para a professora, também no chão. As crianças estão divididas por idade nesta escola. Assim essa turma tem de 3 a 4 anos (Maternal e Jardim 1). São crianças bem pequenas. Estão presentes nove crianças que participaram da *Atividade 1*, sendo cinco delas de 4 anos e quatro delas de 3 anos.

A professora explicou para as crianças que o livro não tinha “letrinha”. Explorou a capa, o nome do livro, dos autores, etc. Ela se ateve a mostrar as páginas interiores, interferindo apenas com perguntas simples, como “o que a gente está vendo aqui?”.

O livro por ela escolhido foi um desafio, pois apresentava imagens bem abstratas (conferir na análise dos livros, página 260) Era um livro curto, com poucas páginas, e as crianças criaram bastante sobre as imagens. Viram homens, balões, cobras, dragão, pessoas a voar, um “santo”, nuvens, lua, o cogumelo gigante...

Por outro lado, houve grande dispersão por parte das crianças. O teor do livro seria um fator, mas a grande quantidade de crianças de pouca idade seria o fator principal.

O grupo fixou-se na leitura, a maioria já tinha participado da *Atividade 1*. Destes participantes anteriores, apenas três dispersaram (meninas), num total de nove crianças. A criança que mais se destacou na sala (um menino) pertencia a este grupo de nove.

## ▪ Sala 2

Livro escolhido: Zoom.

Total de crianças: 20.

Tempo: 20 minutos.

Data: setembro/2007.

A sala usada era a de aulas, com mesas e cadeiras pequenas e manipuláveis. As crianças sentaram-se no chão, de frente para a professora, que estava numa cadeirinha. Algumas crianças ficaram em pé. Estavam a vontade. Eram crianças de cinco e seis anos de idade.

A professora explorou a capa, a cor e a leitura do nome do livro. Ela participou bastante, sempre perguntando, brincando, fazendo trocadilhos... Desenvolveu uma postura equilibrada, estimulando as crianças com perguntas e aproveitando oportunidades para acrescentar informação e aguçar nas crianças o desejo de continuar a ver o livro. Era como se estivessem numa “grande viagem”.

Mesmo assim, foram as crianças que efetivamente leram o livro de forma coletiva. A participação foi praticamente geral. Algumas se destacaram, principalmente as maiores (de 6 anos). As crianças menores (de 5 anos) também tiveram uma presença excelente.

Da leitura resultante, observamos que a percepção do *todo pelas partes* foi muito boa. Revendo a análise deste livro, já apresentada, entendemos que este fator é bem explorado pelo autor. As crianças mostraram ser muito observadoras.

Dos participantes da *Atividade 1*, estavam presentes cinco crianças (de cinco anos). Destas, apenas uma não participou ativamente (um menino, que tinha participado bastante na *Atividade 1* – algo não ia bem com ele naquele dia). Outras duas destacaram-se sobre todas as crianças (um menino e uma menina, também destaque na *Atividade 1*). As restantes (também um menino e uma menina) ficaram bem atentas.

### ▪ Sala 3

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 20.

Tempo: 25 minutos.

Data: setembro/2007.

O ambiente de atividade foi a sala de aula, com mesas e cadeiras pequenas e manipuláveis. As crianças sentaram no chão, de frente para a professora, numa cadeirinha.

A professora limitou-se a fazer perguntas como: “O que aconteceu?”, “Onde está o ratinho?”, “O que vai acontecer agora?”

Houve bastante espaço para as crianças criarem e participarem. Duas delas dominaram a narração sem nenhuma dificuldade. Segundo a educadora, são crianças que normalmente se destacam.

Estavam presentes as cinco crianças de 6 anos que participaram da *Atividade 1*. Destas, um menino participou bastante, outro falou um pouco, duas meninas ficaram bem atentas, mas sem participação oral e uma menina dispersou-se. As crianças que estavam mais distantes da educadora (eram muitas) e conseqüentemente do livro, dispersaram-se um pouco antes do final. O livro apresenta pequenos detalhes difíceis de perceber a uma certa distância.

Um dos meninos (presente também na *Atividade 1*) adivinhou o final da história. E concluiu: “Eu é que queria ser o ratinho...”.

## 2.7.2. Descritivo resumido da *Atividade 2* : escola particular

### ▪ Sala 1

Livro escolhido: Mouse Around

Total de crianças: 20.

Tempo: 25 minutos.

Data: setembro/2007.

A atividade desenvolveu-se numa sala de aula tradicional para pré-escola, com mesas e cadeiras pequenas. As crianças se sentaram no chão, de frente para a professora, também no chão. Tinha um tapete para a hora das histórias.

A professora começou com música. Criou o clima para a hora da história, que era muito valorizada por ela.

Apresentou a capa, as crianças comentaram. Uma nomeia a história: “O ratinho de uma mãe”.

A educadora fez suspense para começar, brincou com o rato escondido nas páginas...

A princípio deixou as crianças falarem, perguntou, mas depois dominou a narrativa, contou toda a história. Mesmo assim, as crianças, todas de aproximadamente 3 anos, participaram bastante. Procuravam o rato, mas não ligavam os quadros e seqüências. Seguiram até o final, participando, mas não contando a história.

Os cinco participantes desta turma (3 anos) da *Atividade 1* estavam presentes. Uma das meninas foi quem mais falou. Os outros observaram. Um menino se dispersou.

### ▪ Sala 2

Livro escolhido: Mouse Around.

Total de crianças: 20.

Tempo: 30 minutos.

Data: agosto/2007.

A atividade decorreu em uma sala de aula comum, tradicional, com lousa, carteiras e cadeiras, que foram afastadas. As crianças sentaram-se no chão, de frente para a professora, que estava numa cadeira.

A professora não mostrou nem explorou a capa. Foi direto para a guarda texturada visualmente: “O que é isso?”, perguntou.

A partir daí as crianças falaram bastante. E a professora deu alguns direcionamentos, pois as crianças tiveram dificuldades em seguir a cena. Ela ajudou-as a guiarem-se pelos quadros. Fez um papel de ligação, permitindo que as crianças descrevessem bem o que viam primeiro. Às vezes, inventava também.

As crianças iam à procura do ratinho nas cenas menores, onde era mais fácil de achá-lo pelos poucos detalhes. As outras cenas eram mais complexas.

Depois que as crianças exploravam a cena, a professora explicava, dando a seqüência da história. Ela acabou incrementando a história com detalhes a mais. Alguns comentários das crianças: “A vovó foi no mercado comprar pão”; “Olha, o rato deixou o rabo de uma cobra no copo pra pensarem que era ele...”.

A partir das cenas a meio do livro, houve grande dispersão, apenas alguns continuaram participando. Depois de acabar, a professora chamou a atenção para os cenários e ambientes e eles viram de novo, rapidamente. A professora comentou que o livro era longo e muitos quadros dispersavam as crianças, com muitos detalhes.

Ao final, as crianças queriam ficar com o livro e verem sozinhas.

As crianças que participaram da *Atividade 1* estavam todas presentes. Uma delas, que havia participado bastante, estava adoentada e apenas ouviu. Das outras, um menino participou bem, o outro menino quase não falou, mas prestou muita atenção, e das duas meninas restantes, uma prestou bastante atenção e a outra ficou agitada, queria chamar a atenção da investigadora (foi a única sala onde isso ocorreu). Concentrou-se do meio em diante.

### ▪ Sala 3

Livro escolhido: Zoom.

Total de crianças: 20.

Tempo: 25 minutos.

Data: setembro/2007.

A atividade aconteceu em sala de aula comum, tradicional, com lousa, carteiras e cadeiras, que foram afastadas. As crianças sentaram-se no chão, de frente para a professora, que estava numa cadeira. Tinha um tapete especial para a hora das histórias.

As crianças começaram por explorar a capa. Lêem “ZOO”, algumas acham que o livro vai falar de animais, animais em extinção, etc.

A professora explica o título: "Zoom são paisagens". Compara m as palavras em inglês *zoo* e *zoom*, pronunciam ambas.

Começaram na primeira página um jogo de adivinhação que continuou por todo o livro.

A professora dava dicas, perguntava, chamava a atenção para detalhes. Ela interferiu muito pouco, mas ficou atenta, procurando pequenos estímulos. Mesmo assim, não houve uma fixação até o final. As crianças dispersaram, principalmente as meninas, que eram minoria na sala (quatorze alunos eram meninos).

Das crianças participantes da *Atividade 1* (todas as de 5 anos), houve pouca participação verbal, mas muita atenção, com exceção de uma das meninas, que dispersou ao meio.

#### ▪ Sala 4

Livro escolhido: Looking Down.

Total de crianças: 20.

Tempo: 30 minutos.

Data: agosto/2007.

Ficamos em uma sala de aula comum, tradicional, com lousa, carteiras e cadeiras, que foram afastadas. As crianças se sentaram no chão, de frente para a professora, que estava numa cadeira.

A professora não explorou a capa. Falou o nome da história "traduzido". O livro foi usado de forma descritiva: "O que é isso?", "O que vocês vêem aqui?". A educadora interferiu muito pouco, o que permitiu uma criação maior das crianças. Por outro lado, ela não tomou uma posição de estímulo, foi um pouco fria diante da leitura. Ou seja, a produção poderia ser ainda maior. Apesar dessa postura, as respostas foram bem criativas, valendo exemplificar:

*Criança*: o verde é a "Floresta Tropical".

*Criança*: a câmera caiu no rio...

*Criança*: ficou mais perto...

*Criança*: é um rio.

*Criança*: é uma enchente... Tem água no meio da terra...

*Criança*: é uma barragem de concreto.

*Criança*: são canos que levam a água numa fábrica que deixa a água limpa...



*Criança*: a água vai pro DAE <sup>63</sup>.  
(...)  
*Criança*: é um condomínio.  
*Criança*: tem gente ali (são pontos minúsculos).  
*Criança*: é o carteiro.  
*Criança*: é uma formiga.  
*Professora*: o que é isso?  
*Criança*: tem uma quadra.  
*Criança*: que chique, tem um campo de basebol.  
*Criança*: é um condomínio.  
*Criança*: tem um posto de gasolina”.

Diante do questionamento final de uma criança, toda a produção do livro foi questionada. A professora não interferiu nem aproveitou essa oportunidade, mesmo assim, elas falaram bastante:

“*Criança*: quem tirou essas fotos?  
*Criança*: foi desenhado...  
*Criança*: acho que eles tinham um Atlas.  
*Criança*: os adultos sabem como são essas coisas...  
*Criança*: primeiro tiraram a foto, depois alguém desenhou pra ficar melhor... usou giz de cera, lápis de cor...”

As crianças quiseram ver o livro de novo e procuraram outros detalhes, além dos anteriores.

A história prendeu bastante a atenção das crianças, mesmo sem ser muito “narrativa”. Houve uma boa participação geral.

Os alunos da *Atividade 1* presentes (duas meninas e um menino de 6 anos) foram os que mais participaram, principalmente uma das meninas, a mais extrovertida desde a experiência anterior.

---

<sup>63</sup> DAE - Departamento de Água e Esgoto, é o setor da prefeitura de Bauru que cuida do tratamento e distribuição de água na cidade.

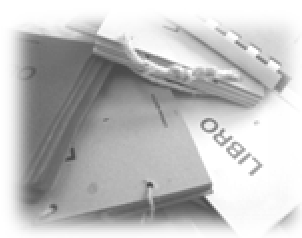
### **2.7.3. Análise comparativa da *Atividade 2*: escolas pública e particular**

A *Atividade 2* mostrou-se muito produtiva. Ocorreu em sete turmas de alunos (três na escola pública e quatro na escola privada).

Procurando observar a participação das crianças da *Atividade 1*, notamos ser esta bem destacada. Em praticamente todas as salas houve um bom envolvimento destas crianças, com destaque maior em pelo menos 3 delas. A experiência mais diferenciada neste sentido foi na sala dos pequeninos da escola pública. A professora expôs-se ao máximo desafio, escolhendo para eles um livro que beirava a abstração. As crianças envolvidas com maior intensidade na leitura eram todas participantes da *Atividade 1*, ficando, nesse caso, evidente que a primeira experiência que tinham vivido com os livros sem texto lhes tinha sido importante como estímulo.

A participação das outras crianças também foi muito satisfatória. Houve pouca dispersão e o envolvimento foi grande.

Quanto aos livros utilizados nas salas, houve uma variação grande nas escolhas, sendo que todos os livros disponibilizados para tal foram aproveitados. Isso tornou a experiência mais rica e mostrou o potencial dos mais diversos tipos de livro, dos abstratos aos mais narrativos e lineares. As experiências foram únicas e não houve previsibilidade no processo. A maioria das professoras mostrou-se aberta à experiência. Percebemos um maior acesso (ainda que muito tímido) ao livro sem texto. Acha-mos que foi estimulante para docentes e alunos.



## Conclusões Finais

### TUDO TEM COMEÇO

Criamos nosso primeiro pré-livro em 1992, na disciplina do saudoso professor José Luiz Valero Figueiredo. Éramos alunos do curso de Programação Visual da Unesp, campus de Bauru, Brasil, hoje chamado de Design Gráfico. Deleitamo-nos com aquele produto pouco convencional. Em 1995, éramos nós o docente daquela disciplina! Não poderíamos deixar de explorar com outros futuros designers aquele projeto tão diferente, que lhes exigia o uso de metodologias alternativas às habituais e os levava à criação intensa.

Os pré-livros nos conduziram a outros produtos editoriais e, principalmente, às crianças. Eles e elas nos levaram à investigação.

Nos últimos 3 anos pudemos enriquecer essa investigação com o apoio do Instituto de Estudos da Criança e a orientação da Professora Eduarda Coquet. Esse trabalho somou-se aos 10 anos anteriores de experimentação prática e pesquisa.

Concluímos, portanto, uma longa etapa, e tentamos atingir alguns objetivos traçados e responder a perguntas feitas no decorrer desses últimos anos.

Nas definições de objetivos para a investigação desenvolvida, lá pela página 162, estabelecemos dois principais: conhecer mais sobre os livros sem texto e sobre suas relações com o leitor “criança”.

### CONHECER MAIS: OS LIVROS E AS CRIANÇAS

Com relação aos livros sem texto, chegamos ao final desta pesquisa mergulhados em um universo muito mais rico do que o “já rico” conhecido anteriormente. Além de um conhecimento empírico, onde pudemos constatar uma grande quantidade de livros sem texto disponíveis (ainda que espalhados pelo mundo e mais concentrados em alguns países que em outros), produzidos de forma diversa, com os mais variados tipos de imagens e linguagens, adquirimos também um maior conhecimento teórico, levantando

os trabalhos pioneiros de pesquisadores que refletiram sobre o papel das imagens nos livros infantis.

No processo de análise dos livros selecionados, verificamos as diversas formas de “falar” pela imagem, quer por sua constituição plástica, quer pela seqüência de cenas, quer pela materialidade do livro.

As obras escolhidas eram muito diferentes umas das outras. Em termos de imagens, enquanto tivemos o realismo das perspectivas do *The Red Book*, deparamo-nos também com a imagem fluída, concisa e pouco colorida do *Balãozinho Vermelho*, passamos pelas montagens fotográficas de *Astronino* e chegamos à total abstração do *Livro Geométrico*. Se pensarmos em narrativa, vamos do detalhismo da aventura do ratinho de *Mouse Around*, com suas muitas cenas, até a aparente desconexão das cenas de *Pedaços de Cabeça de Criança* e à ausência narrativa do *Livro Geométrico*. Ou ainda nos deparamos com outras formas de relação do leitor com as páginas, como as transformações das personagens de *Oh!* e as manipulações possíveis no *Livro Geométrico*. Também questionamos nossa forma de perceber e ver em *Looking Down* ou *Zoom* e de entender relações de tempo e de espaço no *The Red Book*.

Depois de analisar os livros, perguntamos: como será a relação das crianças com cada obra? Será uniforme, será indecifrável? Haverá um livro preferido, haverá uma voz unânime?

Muita reflexão foi necessária antes de julgar a experiência passada junto às crianças de escolas portuguesas e brasileiras. Esta experiência visou atender a nosso segundo objetivo: conhecer mais sobre a relação do livro sem texto com a criança, processo esse que nos levou a um aprofundamento maior no próprio universo infantil. Sem dúvidas, as experiências mais relevantes e intensas desta investigação ocorreram junto às crianças, nas *Atividades 1 e 2*, descritas no capítulo anterior. A investigação junto ao público infantil não se realiza sem envolvimento. Revivemos muitas vezes essas experiências ao ver dezenas de vezes cada grupo de crianças através das filmagens realizadas.

As informações obtidas foram muitas, difíceis, inclusive, de serem sistematizadas e expostas. Como quantificar, ou mesmo qualificar, um sorriso, uma gargalhada, uma expressão de surpresa, uma birra, um olhar? Relendo o trabalho podemos então constatar as riquezas de tudo que foi vivido.

Muitas conclusões já foram sendo tiradas ao longo de todo o relato da investigação no campo. Ao final de relato sobre cada turma, e também sobre cada atividade, procuramos realizar análises de resultados. Também as comparações entre as escolas públicas em relação às particulares já foram realizadas e algumas conclusões definidas (páginas 328, 338, 403 e 412). Cabe-nos nessa parte final confrontar os resultados entre as escolas brasileiras e portuguesas.

Traçamos esta proposta de comparação no delineamento dos objetivos da pesquisa, onde nos dispusemos a verificar se, em um contexto com elementos comuns (uma escola pública e uma escola privada dentro de uma cidade urbanizada e desenvolvida), mas inseridas em uma realidade geográfica e cultural diferente, as crianças apresentariam diferenças marcantes na leitura dos livros ou seria o livro sem texto uma leitura de possível “universalização” (página 267). Não sabemos se esta ousada dúvida tem uma resposta generalizada, mas algumas pistas podem ser encontradas nos grupos analisados.

## BRASIL E PORTUGAL

Começamos tal comparação pelas próprias crianças, conhecidas, inicialmente, através dos questionários preenchidos pelos pais e, posteriormente, de forma pessoal, tanto em grupo quanto no ambiente da sala de aula.

Os dois grupos de crianças vivem em países distantes, sendo que um deles localiza-se no chamado “primeiro mundo”, em Portugal, um país com uma cultura milenar e rica, mas que hoje sofre influência dos demais países europeus, numa busca por estabelecer uma Europa comum, o que não acontece apenas em níveis comercial e econômico, mas também acarreta influências culturais. O outro vive no Brasil, que insere-se no grupo dos países emergentes, vindos de um suposto “terceiro mundo”. O Brasil, que em área é bem maior que Portugal, cuja localização lhe confere um clima diferente do português, tem uma história “oficial” bem mais curta, pouco mais de 500 anos de “civilidade”. Conta com uma matriz cultural diversificada, mas com forte influência portuguesa, de modo geral. Em algumas regiões (o que inclui Bauru, cidade do estado de São Paulo), há também marcas de uma imigração mais recente, do início do século XX, principalmente de italianos e japoneses, que facilmente se notam em muitas instâncias.

Esses contextos nos parecem adversos, o que, a grosso modo, nos deveria fazer pensar em resultados também diversos. Mas não é isso que notamos nos grupos analisados. Nem nos questionários, nem no convívio com as crianças. Em termos de respostas, nota-se muito mais características comuns entre as crianças dentro do que podemos chamar de classe social “média” ou “alta” do que características regionais, que possam diferir crianças brasileiras de portuguesas, diferenças essas perceptíveis apenas em alguns detalhes, palavras e referências (por exemplo, a citação do Saci Pererê, personagem do folclore brasileiro). A força da globalização, os canais de televisão comuns, os estereótipos também, muitas vezes, televisivos (a grande cidade é Nova York; a floresta, é na África...), a exposição aos apelos comerciais quase idênticos (são as mesmas *Barbies*, *Hot Wells*, *Power Ranges*, filmes *Disney*, jogos de *Play Station*, *Nike*, *Coca-cola*...), bem como acesso às tecnologias devem ter seu papel nisso, visível nesse micro-mundo analisado. Também nossa língua portuguesa expõe estes dois públicos a muitos pontos comuns, incluindo-se aí a literatura.

Afinal, o que encontramos foram crianças com um contexto familiar parecido, sendo que as famílias constituíam-se, na maioria, por casais com poucos filhos, muitos únicos, algumas viviam somente com a mãe (pouco mais no Brasil, mas nada relevante), onde os avós e outros parentes constituíam parte visivelmente importante no cuidado das crianças.

Encontramos um nível de formação dos pais muito bom nos dois países, principalmente no que chamaríamos de uma classe social mais alta (escolas particulares). No Brasil, as habilitações literárias (nível de escolaridade) dos pais é ainda melhor, tanto na escola pública quanto na particular (poderíamos imaginar o contrário, em se tratando de um país periférico). Percebe-se neste grupo que os pais brasileiros estudaram pouco mais, o que, porém, nem sempre refletiu-se em bons empregos.

O acesso das crianças aos livros também pareceu-nos similar nos dois países, apenas decrescendo um pouco na escola pública brasileira, onde o livro infantil de qualidade ainda é um bem caro, portanto mais elitizado. Os pais mostraram-se envolvidos na relação das crianças com os livros nos dois contextos.

## CRIANÇAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS

As crianças em si, observadas e filmadas, eram, como têm reforçado as linhas da psicologia, da pedagogia e os estudos da criança mais recentes, diferentes entre si e nunca seres de desenvolvimento uniforme e automatizado. O que notou-se foram pontos de desenvolvimento comuns, mas não podemos nos esquecer que elas encontravam-se no mesmo ambiente escolar, desenvolvendo atividades de aprendizagem comuns (conteúdos curriculares, visitas de estudos, leituras, etc) e que viviam nos mesmos concelhos (cidades), muitas delas nas mesmas freguesias (bairros), além dos fatores de classe. Buscando alguma forma de agrupamentos, encontramos sim aquelas crianças mais extrovertidas, líderes em potencial, que influenciavam os demais; as mais tímidas, caladas, mas - notava-se - não menos interessadas; as que queriam se sobressair pelo humor; algumas visivelmente melhores dotadas para falar e expressar-se, outras para chegar a conclusões mais complexas. Uma pequena minoria apresentou algum desvio de comportamento (agitação ou timidez excessivos, disfuncionais), independente de características sociais ou culturais.

Alguma diferença que se fez notar, tanto no Brasil quanto em Portugal, porém de forma mais acentuada no Brasil, foi que as crianças das escolas particulares apresentavam um repertório mais refinado. Isso pode ser verificado pelos comentários de algumas crianças, transcritos ao longo do trabalho de campo, onde verificava-se o acesso a uma realidade de maior conforto (por exemplo, uma criança brasileira da escola particular identificou em um dos livros – *Looking Down* - a imagem de um campo de *basebal* e um condomínio fechado).

Porém, no que poderíamos chamar de conclusões mais “inteligentes”, uma criança de 5 anos da escola pública brasileira, conforme já relatamos, chamou o livro vermelho (do *The Red Book*) de “portal”, ou seja, um meio de viagem para outros mundos, desvendando todo o “segredo” do livro, segredo este que deixou muitas crianças em situação de estranhamento, tanto no Brasil quanto em Portugal, das menores às maiores. Não notamos, assim, discrepâncias quanto à apreensão dos livros, sendo a classe social ou o país de origem fator para uma postura mais ou menos inteligente.

## CRIANÇAS E LIVROS SEM TEXTO

Quanto ao interesse das crianças pelos livros sem texto, tivemos uma excelente experiência, com exceção de casos pontuais: uma sala da escola pública portuguesa, de crianças de 5 anos, onde, por influência mútua, houve um desinteresse inicial pelo desenvolvimento de narrativas (somente nos primeiros livros) ou uma sala de crianças de 3 anos no Brasil – escola pública - onde duas crianças não quiseram permanecer na observação dirigida dos livros. No mais, o que vimos foram crianças interessadas, dispostas a criar, a narrar, a manipular os livros. Detalhes podem ser observados ao longo do capítulo anterior.

Também notamos uma diferença na demonstração de interesse pelos livros entre a primeira e a segunda etapas das observações (livre e dirigida), tanto no Brasil, como em Portugal. Igualmente em praticamente todas as turmas, alguns livros que não despertaram tanta atenção na observação individual, acabaram por gerar, na observação em grupo, narrativas muito interessantes e criativas. Sem exceção, citamos os livros *Astronino*, *The Red Book* e O livro *O Balãozinho Vermelho*. Outros foram, em alguns casos, mais valorizados na experiência individual, como o *Geométrico*.

O livro *Oh!* despertou uma reação bem comum em quase todas as turmas: as crianças não queriam vê-lo sozinhas, mesmo na observação dita “individual”. Cochichos, sussurros, risinhos... havia uma necessidade de partilha, o que evidenciou que este livro estimula o jogo, a brincadeira. Havia sempre uma reação em conjunto. Atraiu as crianças de todas as idades, no Brasil e em Portugal, sem precisar de estímulos para ser apreciado.

Reações menos padronizadas causou o *Livro Geométrico*, sendo a observação deste bem particular. Havia sempre um estranhamento inicial, uma “timidez”. Posteriormente, muitas crianças se encantavam com este livro, dos mais pequeninos aos maiores.

Os livros de imagem mostraram-se mais eficientes, portanto, em um processo de leitura estimulado, ou seja, na leitura dirigida todos os livros foram aproveitados, quer gerando narrativas, proporcionando experiências perceptivas, quer estimulando a imaginação.

Quanto à ausência do texto verbal, esta só foi efetivamente notada entre as crianças de 5 e 6 anos, principalmente as mais velhas, tanto no Brasil quanto em Portugal. Porém,

houve uma criança de 4 anos da escola particular que já notou tal ausência. Entre as crianças da escola particular portuguesa notou-se mesmo uma preocupação mais evidente com o texto, sendo que a ausência do verbal foi atrelada por algumas crianças à impossibilidade de contar histórias. A mesma relação não foi notada na escola pública, nem nas escolas brasileiras.

Percebemos que as crianças mais velhas, quando a iniciar o processo de alfabetização, acabam por valorizar a linguagem verbal, o que consideramos normal e positivo. Daí a importância do trabalho com livros sem texto também nesta fase, para que se mantenha na mente infantil a existência de outras formas de expressão, que não precisarão ser extintas ou esquecidas quando as crianças aprenderem a ler e a escrever.

## OS EDUCADORES BRASILEIROS E PORTUGUESES E SEUS ALUNOS

Além da atividade de campo tida como principal, tivemos a oportunidade de desenvolver uma segunda atividade junto aos educadores das crianças, o que nos permitiu: ter um importante contato com os docentes dos pré-escolares e verificar como trabalhavam com livros sem texto; ver as reações das crianças dos grupos menores (*Atividade 1*) em seus ambientes habituais; verificar livros sem texto a serem “lidos” por um grupo maior de crianças.

Brasil e Portugal apresentaram uma diferença básica na configuração das salas de aula. As salas portuguesas trabalhadas eram mistas, contando com crianças de 3 a 6 anos num mesmo ambiente. Esta opção é vista com bons olhos por uma pedagogia mais contemporânea, com já citamos (Gardner e colegas) e também, se considerarmos uma postura vygotskyana, contribui para o aprendizado entre pares, onde o mais novo se vê como “aprendiz” do mais velho. No Brasil, tanto na escola pública quanto na particular, as crianças organizavam-se por idades, o que levava a uma diferença de resultados maior entre as salas. De qualquer forma, todas essas leituras foram proveitosas e contaram com a participação da maioria das crianças das salas.

Todas as docentes, brasileiras e portuguesas, já haviam trabalhado com livros sem texto e conheciam suas vantagens. Mesmo diante da boa receptividade que apresentavam aos livros sem texto, esses livros eram pouco usados nos dois contextos. As professoras eram, em sua grande maioria, experientes e pareceu-nos que algumas daquelas que tinham mais tempo de carreira (houve exceções), apresentavam menor interesse em adquirir novas experiências com um texto não convencional (visual). Essa postura era mais acentuada entre as professoras portuguesas. Varias professoras, nos dois países, frisaram que o trabalho com o texto visual exige mais preparo docente.

Dos livros apresentados, alguns eram já conhecidos das professoras no Brasil. Já em Portugal, parece-nos que as opções das professoras eram ainda menores.



De qualquer forma, nos ficou evidente, diante das animadas “leituras” realizadas em sala de aula, que tais livros poderiam ser melhor utilizados em contexto escolar, podendo adaptar-se em situações diferentes e objetivos diversos (desenvolvimento perceptual, criação oral de narrativas, criação de texto escrito, desenvolvimento da criatividade, contato com diversas formas de representação gráfica, estímulo à outras produções artísticas, etc.).

## PARA ALGUNS TEÓRICOS

Refletindo sobre os livros analisados e as muitas colocações dos teóricos apresentadas ao longo deste trabalho, vemos como é essencial essa riqueza apresentada nos livros, em termos de imagem e narrativa gráficas, para a formação da criança pré-escolar. Há quem pense que o hábito da leitura se faz apenas mediante o texto literário verbal. Podemos agora discordar desta postura. Vimos crianças a ler imagens e a usar de várias formas de linguagem para expressar essa leitura, ou melhor, as múltiplas leituras decorrentes do contato com o texto visual: narrativas verbais, gestos, sons, brincadeiras, expressão gráfica, jogos simbólicos.

As crianças não deixaram de ver esses objetos como livros por não terem texto. Eram, ao fim da atividade, livros “legíveis” e “úteis”, além de diferentes, engraçados, divertidos, mágicos, legais, adoráveis, especiais (emprestamos alguns termos usados pelas crianças).

São ou não esses livros importantes na formação dos futuros leitores?

## PARA OS DESIGNERS

Como proposto no início, nos interessava deixar um conteúdo especialmente proveitoso aos designers, uma vez que foi sob a ótica do design que começamos a observar os livros infantis. Cremos ser todo o trabalho de interesse para o design, uma vez que este profissional deve ver-se como alguém que não projeta simplesmente objetos e informações, mas produz bens culturais e, como tal, deve a cada projeto mergulhar em mundos diversos para extrair, de diferentes contextos e áreas do conhecimento, informações, referências, imagens, palavras, sensações, formas, cores, enfim, conteúdo. Este é o ponto que difere o projeto de design da criação corriqueira, técnica e mecanizada – ou melhor, informatizada, no caso do design gráfico.

Se o usuário do produto de design é a criança, podemos agora perceber com mais propriedade que o designer tem, antes de projetar, mundos a descobrir, jogos para jogar, a brincadeira, a liberdade. Ao projetar, tem sobre si responsabilidades para com esse

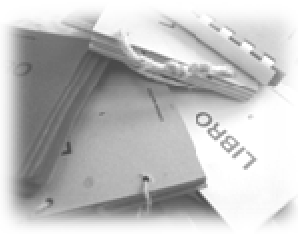
público, em não apenas servir a sistemas e padrões pré-estabelecidos e perpetuados, mas participar da construção de novos conceitos, novas formas de pensar, novas maneiras de desenvolver os potenciais presentes na infância através do mundo material e imagético que as crianças acedem.

## **TUDO TEM UM “FIM”**

As conclusões que agora apresentamos pretendem finalizar este relatório e a referida investigação. Porém, já ao longo deste trabalho, frisamos que muitos dos temas abordados haviam sido até então pouco explorados e nem todos seriam abarcados com profundidade por esta pesquisa.

Muitos pontos permanecem ainda pouco conclusivos. Esperemos que outros investigadores se envolvam com o tema, quer privilegiando a literatura infantil, quer o design, quer a criança, quer a educação.

Esperamos ter deixado aqui nossa contribuição e incentivo para a continuidade. Iremos continuar também.



## Bibliografia

- ABRAMOVICH, F. (1989). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione.
- ANTUNES, C. (2004). *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. Lisboa: Asa editores.
- ARNHEIM, R. (1980). *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: EDUSP
- ARNHEIM, R. (1990). *O poder do centro. Um estudo da composição nas artes visuais*. Edições 70, Lisboa.
- AUMOUNT, J. (1993). *A Imagem*. Campinas: Papirus Editora.
- BARTHES, R. (1977). *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70.
- BASTOS, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- BEE, H. (1996). *A criança em desenvolvimento*. 7ª. Edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- BERTRAND, Y. (2001). *Teorias Contemporâneas da educação*. 2ª edição. Lisboa: Instituto Piaget.
- BONNICI, P. (2000). *Linguagem Visual. O misterioso meio de comunicação*. Lisboa: Destartes Edições.
- BONSIEPE, G. (1997). *Design: do material ao digital*. Santa Catarina: FIESC/IEL.
- BRIDGEWATER, P. (1999). *Introdução ao design gráfico*. Lisboa: Editorial Estampa.
- CAMARGO, L. (1998). *A ilustração no livro infantil*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora Lê.
- CARVALHO, B. V. [s.d.]. *Literatura infantil: estudos*. São Paulo: Editora Lotus.
- COELHO, N. N. (1991). *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. São Paulo: Ática
- COELHO, N. N. (2000). *Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Moderna
- COLOMER, T. - org (2002). *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Colección Papeles. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez
- COQUET, E. (2000). *A narrativa gráfica. Uma estratégia de comunicação de crianças e de adultos*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- COQUET, E. (2004). *Eu gosto dessa porque tem uma menina com neve na cabeça*. Solta Palavra, boletim nº. 6. Porto: CRILIJ
- COQUET, E. (2005). *São Mateus, cap. XXV, v. de 14 a 30 ou, de como os caminhos da investigação, retomam as parábolas do Sec. I*. Semana de Artes. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação.

- COUCHOT, E. (1993). Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração. In A. Parente (org). *Imagem Máquina, a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- CUNHA, A. M. A. (1999). *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Editora Ática
- D'AVILA, N. R. (1999). *O ritmo estático, a síncope e a figuralidade*. Rio de Janeiro: Ed. Dialogarts, p. 101-120.
- D'AVILA, N. R. (2000). *Fronteiras entre o verbal e o não-verbal e a semiótica dos sistemas significantes*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, apostilas de aula, curso de Doutorado em Artes e Comunicação
- DROST, M. (2006). *Bauhaus: 1919-1933*. Köln: Taschen.
- DOMICIANO, C. L. C. (1998). *A Programação Visual e a Editoração Eletrônica*. Bauru: Universidade Estadual Paulista. Dissertação de mestrado.
- DONDIS, D. A. (1991). *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Ed. Martins Fontes
- DORNELLES, L. V. – org. (2007). *Produzindo pedagogias interculturais na infância*. Petrópolis: Editora Vozes.
- DUBOGEL, B. (1992). *Imaginário e Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget. Coleção Horizontes Pedagógicos.
- SCOREL, A. L. (2004). *O efeito multiplicador do design*. 3ª. Edição. São Paulo, Editora Senac.
- FARIA, A. L. G.; Demartini, Z.B.F; Prado, P.D. – orgs. (2005). *Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças*. 2ª. Edição. Campinas: Autores Associados.
- FARIAS, P. (1998) *Tipografia digital*. Rio de Janeiro: Editora 2AB.
- FERREIRA, S. (2001). *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Editora Papirus.
- FIELL, C.; Fiell, P. (2003). *Graphic Design for the 21st Century*. Köln: Taschen
- FURTADO, J. A. (2000). *Os livros e as leituras. As novas ecologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras.
- FOUCAULT, M. (1997). *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Editora Princípios.
- GARDNER, H. (1994-a). *A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- GARDNER, H. (1994-b). *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- GARDNER, H. (2000). *Inteligência : um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- GARDNER, H. e col. (2001) *Projeto Spectrum: utilizando as Competências das Crianças - Vol. 1*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- GARDNER, H. (2002). *A nova ciência da mente. Uma história da revolução cognitiva*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

- GOBBI, M. (2005). Desenho Infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In A. L. G. Faria; Z.B.F. Demartini; P.D. Prado (orgs.). *Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças*. 2ª. Edição. Campinas: Autores Associados.
- GOMES, J. A. (2004). *Manuela Bacelar: da ilustração ao álbum*. Solta Palavra, boletim n.º. 6. Porto: CRILIJ
- GRUSZINSKY, A. C. (2000). *Design gráfico: do invisível ao ilegível*. Rio de Janeiro: Editora 2AB.
- HENDEL, R. (2003). *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- HERNÁNDEZ, F. (1997). *Educación e cultura visual*. Sevilla: Cademos de Cooperación Educativa, Publicaciones M.C.E.P.
- HOLLELEY, D. (2001). *Digital book : design and publishing*. New York: Clarellan & Cary Graphic Arts Press.
- HOLLIS, R. (2000) *Design gráfico: uma história concisa*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- HURLBURT, A. (2002). *Layout: o Design da Página Impressa*. São Paulo: Editora Nobel
- JESUINO, J. C. (2002). *O que é psicologia*. 3ª edição, revista e aumentada. Coimbra: Quimera Editores.
- JIMÉNEZ, C. D. (1993). *Alfabeto Gráfico, Alfabetización visual*. Proyecto Didáctico Quirón. Madrid: Ediciones de La Torre.
- JOLY, M. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papyrus Editora.
- KANDINSKY, W. (1997). *Ponto, linha sobre o plano*. São Paulo: Martins Fontes.
- LIMA, Y. S. (1985). *A ilustração na produção literária*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.
- LINS, G. (2004). *Livro infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade*. São Paulo: Editora Rosari.
- LYOTARD, J.F. (1989). *A condição pós-moderna*. 2ª. Edição. Lisboa: Gradiva.
- LOWENFELD, V. (1977). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Ed. Mestre Jou.
- MAIA, G. (2003) *Entrelinhas: quando o texto também é ilustração*. In Actas do Encontro de Leitura, Literatura Infantil e Ilustração – Investigação e Prática docente. Braga: Universidade do Minho.
- MCLUHAN, M. (1964). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix
- MOLES, A. (1973) *Rumos de uma cultura tecnológica*. Série Debates. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MOLES, A. (1975) *Sociodinâmica da Cultura*. Série Debates. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MUNARI, B. (1977). *Diseño y comunicacion visual*. 3ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- MUNARI, B. (1981). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70.
- OLIVEIRA, M. K. (1993) *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.

- OLIVEIRA, M. M. (2007). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes.
- PARENTE, A. - org. (1993). *Imagem-máquina. A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed.34.
- PEDRO, A. (1995). Ver na perspectiva do processo expressivo. In R. Sousa (org.) *Dadáctica Da Educação Visual*, Lisboa: Universidade Aberta.
- PEIRCE, C. S. (1977). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva. Coleção Debates
- PETERS, M.(2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- PIAGET, J.(1999). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- PIAGET, J.(1975). *Gênese das estruturas lógicas elementares*. Rio de Janeiro: Zaltar Editores.
- PIAGET, J. (1975). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zaltar Editores.
- QUINTEIRO, J. (2005). Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In A. L. G. Faria; Z. B. F. Demartini; P. D. Prado (orgs) *Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças*. 2ª. Edição. Campinas: Autores Associados.
- RAMIRES, J. A. (1981). *Medios de masas e história del arte*. Madrid: Ediciones Cátedra
- REGO, T. C. (1995). *Vigotsky. Uma perspectiva historico-cultural da educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- RIBEIRO, M. (1987). *Planejamento Visual Gráfico*. Brasília: Linha Gráfica e Editora.
- RICHARDSON, R. J. (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas.
- SANDRONI, L; Machado, R.- org. (1986). *A criança e o livro: guia prático de estímulo a leitura*. São Paulo: Editora Ática
- SANTAELLA, L. ;Nöth, W. (2001). *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Ed. Iluminuras.
- SARMENTO, M. J. (2007). Culturas Infantis e Interculturalidade. In L. V. Domelles (org). *Produzindo pedagogias interculturais na infância*. Petrópolis: Editora Vozes.
- SATUÉ, E. (1994). *El diseño gráfico: desde los origenes hasta nuestros dias*. Madrid: Alianza.
- SIEGLER, R. (1996). *Inteligências e desenvolvimento da criança. Variações, evolução, modalidades*. Lisboa: Instituto Piaget. Coleção Horizontes Pedagógicos.
- SILVA, M. R.. (2005). Entre-campos: um relato da experiência do fazer investigativo com crianças da Zona da Mata canavieira pernambucan. In A. L. G. Faria; Z.B.F. Demartini; P.D. Prado (orgs). *Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças*. 2ª. Edição. Campinas: Autores Associados.
- SILVA,S. dos R. (2002). Quando as palavras e as ilustrações andam de mãos dadas: aspectos do álbum narrativo para a infância. In F. L. VIEIRA; M. Martins, E. Coquet. *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- SORIANO, M. (1975). *Guide de literature por la jeunesse*. Paris: Flamarion.
- SOUSA, R. (1995). *Dadáctica da Educação Visual*, Lisboa: Universidade Aberta.

- SOUSA, R. (1995). Criatividade ou o homem em aprendizagem. In Sousa, R.(org.). *Dadáctica da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SPODEK, B. – org. (2002). *Manual de Investigação em educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- STRUNK, G. (1989). *Identidade visual: a direção do olhar*. Rio de Janeiro: Editora Europa.
- TREVISAN, G. de P. (2005). Amor e afecto entre crianças. A construção social de sentimentos na interacção de pares. In A. L. G. Faria; Z.B.F. Demartini; P.D. Prado (orgs.). *Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças*. 2ª. Edição. Campinas: Autores Associados.
- VIEIRA, F. L., Martins, M., Coquet, E. (2002) *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- VYGOTSKY, L.S. (1984) *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes .
- VYGOTSKY, L.S. (1987) *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L.S. (1996) *La imaginación y el arte em la infancia*. , 3ª edição. Madrid: Ediciones Akal, Biblioteca de Ensaio.
- VILLAFÑE, J. (1998). *Introducción a la teoría de la Imagem*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- WERNECK, R. Y. (1986). A importância da imagem nos livros. In Sandroni, L. Machado, R. (org.). *A criança e o livro: guia prático de estímulo a leitura*. São Paulo: Editora Ática
- YOKOYAMA, T. (1989) *The best of 3D books*. Japão: Rikoyo-sha Publishing.

## ARTIGOS EM FORMATO DIGITAL

- AZEVEDO, R. [s.d.]. *A literatura, o chamado “universo infantil” e a vida mesmo*. Disponível em [www.ricardoazevedo.com.br/Artigo04.html](http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo04.html), acessado em abril de 2008.
- AZEVEDO, R. (1999). *Livros para crianças e literaturas infantil: convergências e dissonâncias*. Disponível em [www.ricardoazevedo.com.br/Artigo01.html](http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo01.html), acessado em abril de 2008.
- AZEVEDO, R. (2001). *A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores*. Disponível em [www.ricardoazevedo.com.br/Artigo06.html](http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo06.html), acessado em abril de 2008.
- BRENNAND, E. G., VASCONCELOS, G. C. (2005). *O Conceito de potencial múltiplo da inteligência de Howard Gardner para pensar dispositivos pedagógicos multimidiáticos*. Ciências & Cognição; Ano 02, Vol 05. Disponível em [www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org), acessado em maio de 2008.
- CÂNDIDO, A. F. (2003) *Mais além: a especificidade da literatura infantil como instrumento de estímulo ao desenvolvimento da linguagem*, Dobras de Leitura, ano IV, número 16. Disponível em [www.dobrasdaleitura.com](http://www.dobrasdaleitura.com), acessado em abril de 2008.

GARDNER, H. (2005). *Multiple Lenses on The Mind*. Bogotá, Colômbia: Paper apresentado na ExpoGestion Conference, maio de 2005. Disponível em [www.howardgardner.com](http://www.howardgardner.com), acessado em maio de 2008.

GARDNER, H. (2006) *A Blessing of Influences - An Autobiographical Essay for Gardner Under Fire*. Disponível em [www.howardgardner.com](http://www.howardgardner.com), acessado em maio de 2008.

RAMOS, F. B.; Panozzo, N. S. P. (2004) *Entre a ilustração e a palavra: buscando pontos de ancoragem*, em *Espéculo*. Revista Digital trimestral de estudos literários. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em [http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/ima\\_infa.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html), acessado em fevereiro de 2008.

SATUÉ, E. (2005). *O primeiro editor : Aldo Manuzio e a aventura do livro*. Disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos), acessado em abril de 2008.

SERRA, E. [s.d.]. *Ler para ver*. Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2002/lii/lii0.htm>, acessado em janeiro de 2008.

## LIVROS INFANTIS

[s.a- s.d]. *Alice no país das maravilhas*. Portugal: Editora Ulisséia. Coleção Contos de Sempre.

[s.a- 1994]. *A pequena sereia*. Disney. Portugal: Everest Editora.

ANDERSEN, H. C. (s/d). *A sereiazinha*. Porto: Edições Afrontamento.

ANDERSEN, H. C. (2005). *A Pequena Sereia*. Lisboa: Editora Ambar.

CARROLL, L.(1988). *Alice no país das maravilhas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

CARROLL, L. (1998). *Alice no país das maravilhas*. Adaptação de Lucy Kincaid. Portugal: Edições Asa. Coleção Clássicos Asa.

CARROLL, L. (2001). *Alice no país das maravilhas*. Porto: Editora Ambar.

[s.a- 1997]. *Disney*. Portugal: Everest Editora.

FURNARI, E.(1993). *Amendoim*. São Paulo, Editora Paulinas. Série Amendoim.

FURNARI, E. (1993). *Filó e Marieta*. São Paulo, Editora Paulinas. Série Amendoim.

GOOL, V. (1998). *Alice no país das maravilhas*. Portugal: Editora Ulisseia. Coleção Clássicos de todo o mundo.

HARRISON, J. (2005). *Astronauta por um dia*. Portugal: Edições civilização.

LAGO, A. (1984). *Outra Vez*. Belo Horizonte: Editora Miguilim.

LAGO, A. (1992). *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Editora Paulinas.

LAGO, A. (1994). *Cena de rua*. Belo Horizonte: Editora RHJ.



- MILHÕES, M.; GALINDRO, P. (2006). *Chiu!* Portugal: Editora Bichinho do Conto
- MUNARI, B. (1996). *Nella Nebia di Milano*. Mantova: Corraini.
- [s.s- 2002] *Noddy vai as compras* . Lisboa: Editorial Verbo
- PERRIM, M. (2006). *Gira e Regira nella Savana*. Milano: Nord-Sud Edizioni.
- RAHIR, R.; BUSQUETS, C. [s.d.] *O Zoo*. Coleção Panorama. Porto: Editorial Majora.
- [s.a- s.d] *Ruca vai ao Jardim Joológico*.Portugal: Edições Asa. Coleção Ruca – livros com surpresa.
- ZOBEL-NOLAN, A. ; MORONEY, T. (1999) *Segue a Estrela*. Lisboa: Inst. Mis. Filhas de São Paulo. Coleção Primeiros Passos.

## LIVROS SEM TEXTO

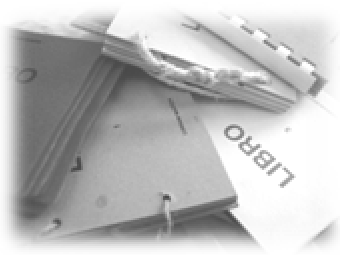
- BACELAR, M. (2004). *Sebastião*. Porto: Edições Afrontamento.
- BANYAI, I. (1998). *Zoom*. Nova York: Puffin Books.
- BANYAI, I.(2005) *The other side*. São Francisco: Chronicle Books.
- BORGES, T. (2005). *O rouxinol e o imperador de Hans Christian Andersen*. São Paulo: Editora Peirópolis.
- FÉLIX, M. (1992). *O ratinho e a casa*. São Paulo: Editora Melhoramentos
- FÉLIX, M. (1992). *O ratinho e as cores*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- GOFFIN, J.(1995). *Oh! 2ª*. Edição. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- GONÇALO, C. NASCIMENTO, Vitor C. (2003). *Pedaços de Cabeça de Criança*. Bauru: Universidade Estadual Paulista. Trabalho realizado na disciplina Produção Gráfica II, do curso de Programação Visual. Não editado.
- JENKINS, S. (1995). *Looking Down*. New York:Houghton Mifflin Company.
- LEHMAN, B. (2004). *The Red Book*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- LIMA, G. (2002). *Sai da lama Jacaré*. Editora Paulus.Sao Paulo.
- LOUCHARD, A. [s.d.]. *Little Star*. New York: Hyperion Books.
- MARI, I. (1997). *Historias sin fin* . Ed Anaya. Madrid.
- MARI, I. (2006). *O Balãozinho Vermelho*. Lisboa: Kalandraka Editora.
- OLIVEIRA, C. PAULA, F. B. (2004) *Astronino*. Bauru: Universidade Estadual Paulista. Trabalho realizado na disciplina Produção Gráfica II, do curso de Programação Visual. Não editado.
- RAYMUNDO, D. da S. (2000). *Livro Geométrico*. Bauru: Universidade Estadual Paulista. Trabalho realizado na disciplina Produção Gráfica II, do curso de Programação Visual. Não editado.

SCHORIES, P. (1993). *Mouse Around*. Nova York: Farrar Straus and Giroux.

SCHORIES, P. (2006). *Jack and the night Visitors*. New York: Front Street Books.

SCHORIES, P. (2006). *Breakfast for Jack*. New York: Front Street Books.

VILELA, F. (2007). *A toalha vermelha*. Sao Paulo: Brinque- Book.



## Anexos

Constam a seguir os anexos:

- carta de esclarecimento enviada aos pais para autorizar a participação das crianças na *Atividade 1*;
- questionário enviado aos pais junto à carta, relativo à situação familiar e aos hábitos da criança (versão portuguesa);
- questionário usado para entrevista com professores (Brasil e Portugal).





Av. Central, 100  
4710-229 Braga – Pt

**Universidade do Minho**  
Instituto de Estudos da Criança

**Caro Encarregado de Educação:**

Solicitamos a vossa autorização para a participação de seu filho, ou educando, numa investigação de doutoramento, a decorrer na Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, com o título “*Os livros infantis: dos pré-livros aos livros ilustrados*”.

Seu filho será observado a manipular livros infantis. Para tanto serão necessárias filmagens e fotografias. A atividade se dará na própria escola em horário de aulas e será acompanhado pela investigadora *Cassia Domiciano*.

Solicitamos ainda o preenchimento do questionário em anexo. Salientamos o nosso compromisso com a ética que se espera de uma investigação deste tipo, no uso de qualquer informação e/ou imagem de seu educando. Não é necessário usar, no questionário, nome completo, apenas o primeiro nome para identificação das crianças. Orientamos ainda que apenas as questões 6, 20, 26 e 29 permitem assinalar mais de uma resposta. Nas demais questões, assinalar apenas uma das alternativas.

Agradecemos desde já sua colaboração.

Braga, fevereiro de 2007

a investigadora

a orientadora

**Cassia Leticia Carrara Domiciano**

Mestre em Projeto Arte e Sociedade  
Universidade Estadual Paulista

**Eduarda Coquet**

Professora associada da  
Universidade do Minho



## DADOS DA CRIANÇA

1 Nome \_\_\_\_\_  
2 Data de nascimento \_\_\_\_\_ 3 Sexo  F  M  
4 Escola \_\_\_\_\_  
5 Classe/sala \_\_\_\_\_  
6 A criança mora com  
 Pai  Mãe  
Irmão(s) (especificar: quantos sexo idades)  
\_\_\_\_\_  
Outros (especificar) \_\_\_\_\_

### Pai:

7 Habilitações académicas  
 sem instrução  escola secundária  
 escola primária  ensino superior  
 ensino básico  pós-graduação  
8 Profissão \_\_\_\_\_  
9 Horário de trabalho  
 até 6 h/dia  mais 8 h/dia  
 6-8 horas/dia  não trabalha fora

### Mãe:

10 Habilitações académicas  
 sem instrução  escola secundária  
 escola primária  ensino superior  
 ensino básico  pós-graduação  
11 Profissão Profissão \_\_\_\_\_  
9 Horário de trabalho  
 até 6 h/dia  mais 8 h/dia  
 6-8 horas/dia  não trabalha fora

## ACTIVIDADES DA CRIANÇA

13 Tempo gasto na escola  
 até 4 horas/dia  até 8 horas/dia  
 até 6 horas/dia  mais de 8 horas/dia

### Tempo fora da escola (dias da semana):

14 Televisão  
 não assiste  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
15 Computador/jogos electrónicos  
 não usa  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
16 Extracurriculares (fora do horário escolar)  
 não há  2 a 3 h/semana  
 até 1 h/sem.  mais de 3 h/semana

17 Brinquedos  
 não usa  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
18 Actividades ao ar livre/passeios/ desporto  
 não pratica  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
19 Outros (especificar) \_\_\_\_\_  
20 Passa tempo fora da escola durante a semana com  
 Pai e/ou mãe  Irmão(s)  
 Outros (especificar) \_\_\_\_\_

### Final de semana:

21 Televisão  
 não assiste  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
22 Computador/ jogos electrónicos  
 não usa  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
23 Brinquedos  
 não usa  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
24 Actividades ao ar livre/passeios/ desporto  
 não pratica  1 a 2 h/dia  
 até 1 h/dia  mais de 2 h/dia  
25 Outros (especificar) \_\_\_\_\_  
26 passa este tempo com  
 Pai e/ou mãe  Irmão(s)  
 Outros (especificar) \_\_\_\_\_

## CONTACTO COM LIVROS

27 Há contacto com livros em casa?  
 sim  não  
28 Se a resposta for sim, a criança "lê" ou folheia livros  
 menos 1 vez/semana  3-4 vezes/semana  
 1-2 vezes/semana  5 ou + vezes/semana  
29 A criança "lê" ou folheia os livros  
 sozinha  com os pais  
 com outra(s) criança(s)  com outro(s) adulto(s)  
30 Algum comentário sobre a relação da criança com os livros e suas preferências por algum tipo de livro em especial?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_





## DADOS DO PROFESSOR

1 Nome \_\_\_\_\_

2 Ano de início da atuação profissional \_\_\_\_\_

3 Escola \_\_\_\_\_

4 Classe/sala \_\_\_\_\_

5 Tempo (anos) com a turma \_\_\_\_\_

6 Formação

técnico

superior

Pós-graduação

7 Horário de trabalho (na escola)

até 6 h/dia

6-8 horas/dia

mais 8 h/dia

## DADOS E ATIVIDADES DA CLASSE

8 Número de alunos \_\_\_\_\_

9 Número de auxiliares \_\_\_\_\_

10 Tempo diário de atividades da turma

até 4 horas/dia

até 8 horas/dia

até 6 horas/dia

mais de 8 horas/dia

11 Atividades na sala de aula (média por dia)

até 2 horas/dia

até 4 a 6 horas/dia

de 2 a 4 horas/dia

mais de 6 horas/dia

12 Atividades ao ar livre/desporto/brincadeiras(média/dia)

até 2 horas/dia

até 4 a 6 horas/dia

de 2 a 4 horas/dia

mais de 6 horas/dia

13 lanches/almoços

até 1 horas/dia

de 1 a 2 horas/dia

de 2 a 3 horas/dia

mais de 3 horas/dia

## CONTATO DAS CRIANÇAS COM LIVROS

14 Há contato com livros na escola?

sim

não

15 Se a resposta for *sim*, a criança "lê" ou folheia livros

menos 1 vez/semana

3-4 vezes/semana

1-2 vezes/semana

diariamente

16 As crianças "lêem" ou folheiam os livros

sozinhas

com professor/auxiliar

com outra(s) criança(s)

todas as alternativas

17 Tempo de duração da atividade de leitura

até 1 hora/vez

de 1 a 2 horas/vez

Outro \_\_\_\_\_

## ESPAÇO DE LEITURA E LIVROS EXISTENTES

18 Existe um espaço de leitura na sala de aula?

sim

não

19 Se *sim*, é adequado?

sim

não

20 Se *sim*, avalia a quantidade de livros existentes

ideal

suficiente

insuficiente

21 Se *sim*, avalia a qualidade dos livros existentes

maioria bons

maioria regulares

maioria maus

22 Se *sim*, a renovação dos livros é

semanal

mensal

semestral

anual

Outro \_\_\_\_\_

23 Existe biblioteca na escola?

sim

não

24 Se *sim*, avalia a quantidade de livros existentes na biblioteca

ideal

suficiente

insuficiente

25 Se *sim*, avalia a qualidade dos livros existentes na biblioteca

maioria bons

maioria regulares

maioria maus

